A close-up, high-contrast photograph of a person's face, focusing on the eyes and mouth. The lighting is dramatic, with deep shadows and bright highlights, creating a moody and intense atmosphere. The person's eyes are looking slightly to the right, and their mouth is slightly open, showing teeth. The overall color palette is dominated by dark tones with golden-yellow highlights.

Caderno do Fofias  
e s p e c i a l

O T E L O

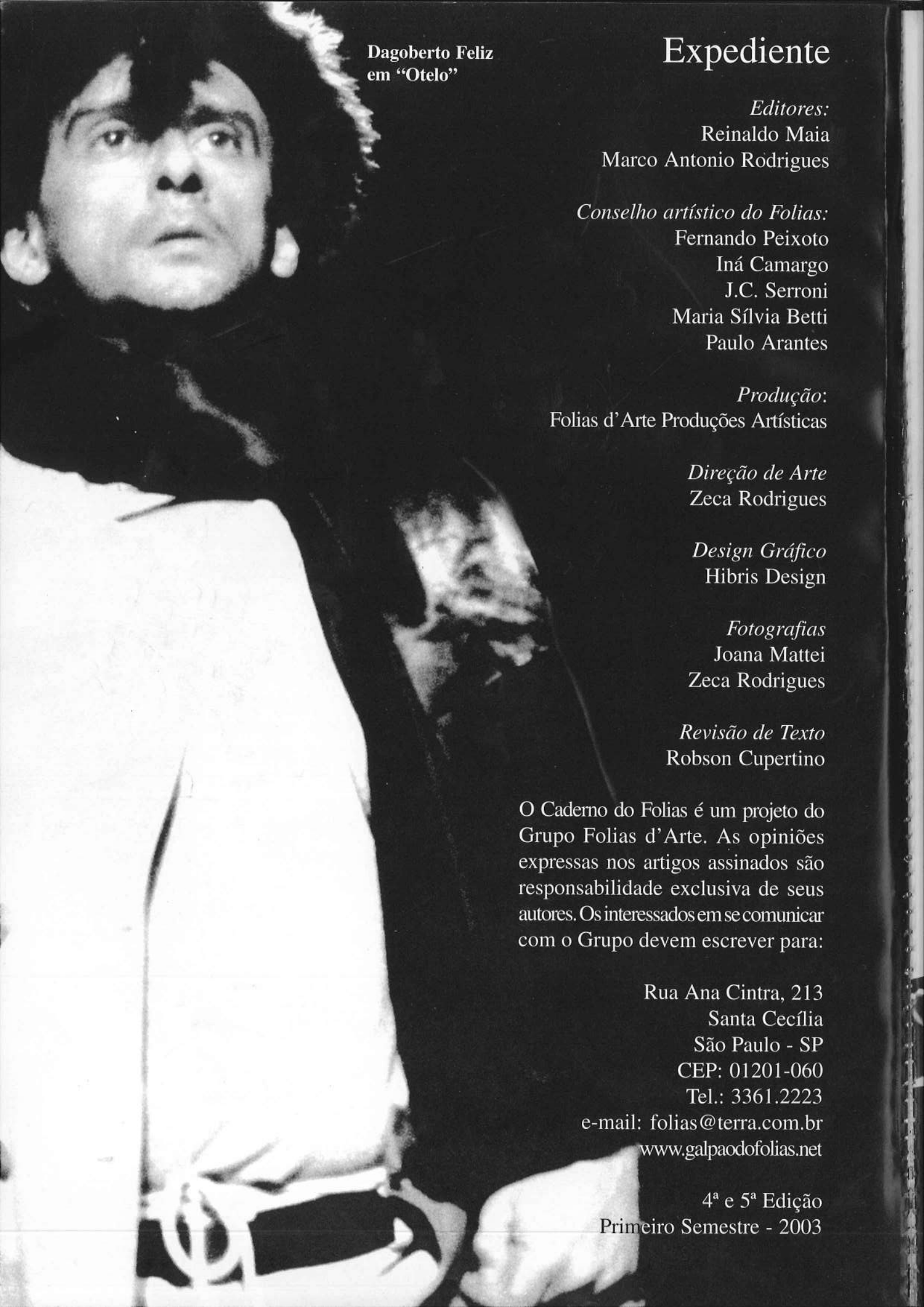
Carlos Francisco em "Otelo"





# EDITORIAL

Com a publicação da edição especial do **Caderno do Folias**, números 4 e 5, damos continuidade ao que acreditamos ser um instrumento importante para a reflexão sobre o fazer teatral contemporâneo. No nosso número 3 publicamos o texto de “Babilônia” acompanhado da discussão crítica realizada por pesquisadores, estudiosos e fazedores de teatro. Nesta edição especial publicamos a tradução de “Otelo” feita por Maria Sílvia Betti, especialmente para a Companhia, com comentários de estudiosos, pesquisadores e participantes da montagem do Folias. Nestes tempos em que a cultura anda tão depreciada e abandonada mantermos uma trincheira, para aqueles que acreditam ter o fenômeno estético uma função social, é de extrema importância. Vale enfatizar que, exceção dentro das políticas públicas para a área cultural no Brasil, este projeto não existiria se não existisse a Lei de Fomento ao Teatro da Secretaria de Cultura do Município de São Paulo, que foi redigida por criadores/fazedores de teatro oriundos do Movimento Arte Contra a Barbárie. Como realizar um trabalho continuado de estudos, publicações, treinamentos e ensaios sem o apoio efetivo dos órgãos públicos responsáveis pela questão cultural? As Leis de incentivo já deram mostra de seu esgotamento e prova disso é a recente polêmica da contrapartida social colocada como exigência em editais de estatais e, a mando da Globo, retiradas posteriormente pelo Ministro da Cultura. Outro exemplo calamitoso do mau uso do dinheiro público ficou escancarado com o projeto “Criação Teatral Volkswagen”, onde a maior parte dos recursos investidos se escoam pelos esgotos obscuros da auto-promoção e pouca coisa chega, efetivamente, para os criadores/fazedores de teatro. Se enfatizamos as dificuldades é para chamar a atenção para os acertos de uma Lei que visa criar um novo patamar de relação Estado e Sociedade Civil e que trata a questão cultural com o respeito e importância que deva ter em um país que tem a pretensão de mudar a cultura política que impera há séculos e que o impede de se auto realizar. Neste momento em que as “mudanças” são um imperativo histórico, não podemos ter medo de enfrentar a “nossa face obscura” se não quisermos cair na armadilha e na manipulação dos interesses escusos, da qual Otelo é um arquétipo fundamental.



Dagoberto Feliz  
em "Otelo"

## Expediente

*Editores:*

Reinaldo Maia  
Marco Antonio Rodrigues

*Conselho artístico do Foliás:*

Fernando Peixoto  
Iná Camargo  
J.C. Serroni  
Maria Sílvia Betti  
Paulo Arantes

*Produção:*

Foliás d'Arte Produções Artísticas

*Direção de Arte*

Zeca Rodrigues

*Design Gráfico*

Hibris Design

*Fotografias*

Joana Mattei  
Zeca Rodrigues

*Revisão de Texto*

Robson Cupertino

O Caderno do Foliás é um projeto do Grupo Foliás d'Arte. As opiniões expressas nos artigos assinados são responsabilidade exclusiva de seus autores. Os interessados em se comunicar com o Grupo devem escrever para:

Rua Ana Cintra, 213

Santa Cecília

São Paulo - SP

CEP: 01201-060

Tel.: 3361.2223

e-mail: folias@terra.com.br

[www.galpaodofolias.net](http://www.galpaodofolias.net)

4ª e 5ª Edição

Primeiro Semestre - 2003



# ÍNDICE

|   |                                    |     |
|---|------------------------------------|-----|
|   | Editorial                          | 03  |
|   | <i>Folias d'Arte</i>               |     |
|   | Expediente                         | 04  |
| Otelo: O Poder do Discurso, o Discurso do Poder |                                    | 06  |
|   | <i>Reinaldo Maia</i>               |     |
| Otelo: Os Seus e os Nossos Porquês              |                                    | 16  |
|   | <i>Marco Antonio Rodrigues</i>     |     |
|   | Otelo                              | 18  |
|   | <i>Tradução Maria Sílvia Betti</i> |     |
|   | Ficha Técnica                      | 90  |
|   | Elenco e Agradecimentos            | 92  |
|   | Concepção Musical                  | 94  |
|   | <i>Dagoberto Feliz</i>             |     |
| Shakespeare, Otelo, Anjos e Demônios            |                                    | 96  |
|   | <i>Edna Ligieri</i>                |     |
| O Otelo do Folias                               |                                    | 100 |
|   | <i>Iná Camargo</i>                 |     |



OTELO: O PODER  
DO DISCURSO,  
O DISCURSO  
DO PODER

*Por Reinaldo Maia*

Afílio Beline Vaz em "Oteló"



Em uma primeira leitura “Otelo” de Shakespeare pode-se pensar que se está diante do velho conflito humano, envolvendo um casal, que é a infidelidade. Mas se levarmos em consideração o subtítulo que é o “Mouro de Veneza”, isso nos coloca uma série de implicações e considerações sobre o encontro de culturas distintas, a europeia dos venezianos e a dos mouros, que foram submetidos e dominados por seus ricos e poderosos negociantes, que coloca o caso de amor entre Desdêmona e Otelo num outro plano. Sem contar que resumir a fábula de Shakespeare ao romance trágico do casal protagonista é desconsiderar que, para um autor vivendo sob regime monárquico, retratar uma história que se passa em uma República, é procurar sarna para se coçar e se defrontar com questões políticas e sociais, envolvendo o exercício do poder assim como o papel daqueles que o exercem, que estão distantes do seu dia-a-dia. Não há como não reconhecer, mesmo para os mais desavisados dos espectadores, que como suporte para a história está todo o tempo a questão, tão difícil ainda para os nossos dias, do Público e do Privado, o interesse do Estado e o interesse do cidadão. As razões do Estado em conflito com as razões pessoais.

Para efeito desse pequeno ensaio vamos ler “Otelo” buscando entender a importância do discurso, no caso de Iago, na construção da trama e dos diferentes personagens, que tornam verossímil a toda a história. Como referência teórica vou utilizar a reflexão realizada por Mikhail Bakhtin em “Estudo das Ideologias e Filosofia da Linguagem”. Isto porque o texto em questão traz, da parte do autor, uma série de “especulações” e experimentos no uso dos diálogos e no uso da palavra, para estabelecer uma comunicação com o público, que revela um procedimento contemporâneo e revelador dos mecanismos da “intriga” no exercício do poder e da política. Talvez, essa seja uma análise chave para se buscar a atualidade dos assuntos tratados na peça, o que a aproxima, sem maiores contextualizações, ao que vivemos hoje na área social e política do Brasil, sem se recorrer a “facilitações” que empobrecem o original. Como nos alerta Northrop Frye sobre os desafios colocados pela obra shakesperiana: “Shakespeare tem dois lados para ele: um é o lado histórico, pelo qual pertence a um grupo de dramaturgos que trabalhou na Londres elisabetana e escreveu peças para um audiência que lá vivia naquela época; o outro é o poeta que dialoga hoje conosco, com uma voz vigorosamente contemporânea. Se estudarmos apenas o Shakespeare histórico, o de 1564 a 1616, eliminaremos toda a sua relevância para o nosso próprio tempo e nos esquivaremos de tentar penetrar no maior mistério da literatura: o mistério de como alguém pode se comunicar com eras, espaços e cultura tão afastados de seu próprio. Mas, se pensarmos Shakespeare apenas como nosso contemporâneo, perderemos uma das maiores recompensas do estudo das humanidades, que é a investigação das convicções e dos valores das sociedades totalmente diferentes da nossa e a percepção de que elas fizeram com estes. (...) Temos que manter o Shakespeare histórico sempre presente em nossa mente, para evitarmos a tentativa de sequestrá-lo para nossa própria órbita cultural, que é diferente, mas de certa forma tão restrita quanto aquela das primeiras audiências de Shakespeare.”

Para Bakhtin o pensamento é, antes de tudo, independente da área do conhecimento de que faça parte, comunicação e criação ideológica. Ideologia entendida aqui como discurso que criamos para nos comunicar e para entender o mundo à nossa volta. Neste sentido, todo discurso é ideológico e faz parte da realidade, natural ou social, com uma diferença, “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo.” Tudo que é ideológico é um signo, ou seja, sem o signo não existiria ideologia. Se entendermos signo como equivalente a símbolo, por estarmos analisando um discurso artístico e não um discurso científico, ou seja, ele não tem só a sua face conotativa mas abre-se para diferentes leituras quando em contato com o público, poderíamos nos apropriar da afirmação de Mircea Eliade quando diz, em “Imagens e Símbolos”: “O Símbolo revela aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento.”

O discurso de “Otelo” pretendendo ultrapassar a discussão da traição ou não de Desdêmona, faz de Iago e da sua obsessão para conquistar o posto de segundo do Mouro, o personagem através do qual o autor revelará o que se esconde atrás dessa trama aparente. Shakespeare usará o “discurso” da fidelidade e da infidelidade para prender a atenção do público e discutir as transformações que ocorreram com o mercantilismo e seus novos mecanismos políticos e sociais. O signo/símbolo surge, em Otelo, não apenas como parte de uma realidade, ele também reflete e retrata uma outra, que está escondida, mascarada, pronta para ser revelada e/ou interpretada. Signo/símbolo e ideologia são, assim, mutuamente correspondentes. Onde está o signo/símbolo encontra-se o ideológico.

Há, por outro lado, tantos signos/símbolos, quanto formas de conhecer o mundo e cada forma específica desempenha uma função no conjunto da vida social. Eles não são produtos somente de nossa subjetividade, eles guardam em si uma encarnação (tradução) material da realidade. O que transforma o signo em uma derivação da realidade objetiva. Ele não é fruto da vontade arbitrária de um único indivíduo, se assim o fosse não encontraria meios para ser decodificado e entendido. O que para o nosso ensaio é de fundamental importância uma vez que torna a obra em questão fruto da criatividade do seu autor, mas não como uma criação arbitrária de sua subjetividade, mas como uma refração das preocupações sociais e políticas de seu tempo. Shakespeare, ao escrevê-la, pretende compartilhar com o seu público o seu ponto de vista sobre esse “mundo”. O “moderno e atual” da obra em

questão, talvez, já que ainda precisamos comprovar através da sua própria estrutura narrativa, é o entendimento de que a sua consciência só surge e se afirma como realidade mediante a encarnação (tradução) material em signos. Ela nos revela a época do autor, por se assumir como teatral, como um conhecimento específico que não pretende substituir os demais. Assim a sua compreensão vira e dependerá dos signos que consiga-se produzir para o entendimento dos signos que o autor utiliza. É uma cadeia contínua e totalmente objetiva.

Se Shakespeare quer compreender o mundo o faz porque quer se comunicar com o mundo e/ou com o "outro" do seu tempo. A compreensão, assim entendida, é vista como necessidade posta pela relação dos indivíduos entre si, da necessidade de seus processos interativos. A sua consciência só se tornará consciência quando traduzida e impregnada de conteúdo ideológico (de signos/símbolos), e isso só se dá no processo de interação social, isto é, quando tem o seu texto encenado. Para a sua atualização, torna-se necessário, pois, entendê-la em seu tempo para encontrar signos correspondentes que a traduza para o nosso tempo. O signo/símbolo existindo como materialização da necessidade de comunicação, torna o estudo da linguagem e da Palavra fundamentais. A Palavra, principalmente, por ser um fenômeno ideológico por excelência. A Palavra sendo neutra pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral e religiosa, ao contrário de outros signos/símbolos que tem uma função ideológica precisa e permanente, inseparável dela. E porque a Palavra é essencial para a comunicação na vida cotidiana e o material da vida interior e da consciência, por excelência, torna-se o grande espelho/ janela do espírito de cada época. Shakespeare tinha consciência dessa importância e a revela quando em "Hamlet" constrói a cena dos artistas mambembes que são convidados a encenar a traição e assassinato do pai, para Cláudio e Gertrudes, como forma de comprovar tal crime.

A primazia da Palavra está relacionada ao fato de que ela acompanha e é elemento essencial a toda criação ideológica. Ela é um instrumento da consciência. Não substituindo nenhum signo/símbolo específico, cada um deles, ao mesmo tempo, se apoia e é acompanhado pela Palavra. Como diz Bakhtin: "Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza do material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal. A Palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação." Neste sentido a Palavra é o material privilegiado, o objeto fundamental, para o estudo das ideologias. Para o pensar, ferramenta fundamental para o exercício do ofício teatral, saber usar e interpretar as Palavras torna-se fundamental se queremos nos comunicar e criar um discurso estético que traduza aquilo que desejamos expressar. Não é outro o instrumento de que se utilizará Shakespeare para concretizar a sua obra. E é disso que passarei a falar.

Ato I. Cena III.

Veneza. A sala do Conselho.

(Fala de Iago ao final da cena.)

Iago: "(...) Odeio o Mouro, e já houve quem dissesse que, em minha ausência, ele esteve em minha cama fazendo o meu próprio papel... Se é verdade ou não, é coisa que eu não sei, mas a simples suspeita, num caso desses, me leva a agir como quem tem plena certeza. Ele me estima, o que torna tudo mais fácil. Cássio é o homem certo. Vejamos agora... Conquistar o lugar dele e atingir o meu propósito é uma dupla manobra... como fazer? Deixa ver... Ao fim de algum tempo, insinuar a Otelo que há uma intimidade excessiva de sua mulher com Cássio. Rapaz de bela aparência e de maneiras gentis, Cássio foi feito para impressionar as mulheres. O Mouro, que tem uma natureza franca e livre, e que acredita piamente nas aparências, vai se deixar levar pelo focinho como um asno. Aí está! É isso! O plano está concebido. Agora o fogo do inferno e a escuridão da noite que se encarreguem de trazer ao mundo esse pequeno monstro em gestação."

No final do primeiro ato de "Otelo", após a apresentação das questões que serão desenvolvidas na trama da peça, Shakespeare, através de Iago, deixa claro ao público a sua intenção, que passará a contar para o público. O autor, como o personagem Iago, tem como grande valor saber observar a realidade a sua volta e dessas observações tirar os conhecimentos necessários para construir a sua fábula. O grande inimigo de Iago é Miguel Cássio, que ganhou a promoção que, por mérito e antiguidade, pertenceria a





si. Cássio a ganhou, segundo a leitura de Iago , por fazer parte do círculo dos “poderosos”, dos letrados, da elite da sociedade veneziana. Iago sendo apenas um guerreiro, um homem formado no campo de batalha, sem outros atributos, é preterido pelo Mouro. Mas os seus atributos seriam suficientes para o cargo, os quais seu oponente não possuiria já que é -”em suma, pura parola! Sem prática nenhuma!” Para corrigir essa injustiça Iago criará uma desavença entre Cássio e Otelo. Otelo é um guerreiro a serviço da expansão dos negócios venezianos, recrutado entre aqueles que são dominados e explorados pelo mercantilismo colonialista de Veneza. Um homem de hábitos simples e ligado a valores típicos de uma sociedade colonizada, sem a sofisticação da civilização européia. Ambos trabalham juntos há muito tempo. Juntos passaram por várias situações difíceis e heróicas.



O atrito entre os dois será criado pescando nas águas turvas que envolvem a etnia do general e sua posição social junto aos Duques e o fato de ter se casado, às escondidas, com Desdêmona, filha do rico Brabâncio. Nada, da intriga, será fruto de sua arbitrária criação. Tudo é resultado das suas observações e dos diferentes discursos, ou seja, das diferentes ideologias que conformam a República de Veneza. O seu trabalho consistirá, apenas, em saber reelaborar as informações de que dispõem de tal maneira que, sem levantar suspeita de suas verdadeiras intenções, coloque um contra o outro e possa, assim, abrir caminho para a exoneração de Cássio e a sua nomeação, assim como vingar-se da “traição” de Othelo. Uma tática que depende, basicamente, da sua habilidade em apreender e articular as características de cada personagem envolvidas na história, mudando os “discursos” por eles criados. O que existe em “potência” deverá ser transformado em realidade.

Sabedor que é das diferenças existentes entre as “personas” públicas e privadas de cada participante da história, tirará de cada o que necessita para construir a sua vingança. Sendo um excluído conhece o jogo do poder e o que os “desfavorecidos” têm que fazer para sobreviverem nesta sociedade. Por isso afirma, no início da peça, os motivos de continuar servindo Otelo, apesar de não ter obtido a promoção: “Sirvo a mim próprio apenas, quando o sirvo.(...) Nunca mostro quem sou!” Estamos diante de um personagem e de uma sociedade em que a aparência é tão ou mais importante do que o “ser”. Uma atitude que é legitimada socialmente entre os poderosos, da qual o nosso personagem se utilizará para garantir a sua sobrevivência. A cordialidade com os superiores e poderosos, nestes casos, é uma simples forma de sobrevivência, nada tem a ver com submissão e falta de caráter. O casamento de Desdêmona e Otelo é um exemplo contundente desta forma de ser neste mundo em expansão geográfica e mercantilista. Desdêmona se apaixona por Otelo pelo que esse conta de sua vida. De fato, ela muito pouco sabe sobre o Mouro. Ele é um “estranho” aos olhos dos europeus. O que a faz se apaixonar são os discursos por ele criados e que torna a sua vida uma aventura exótica e apaixonante na cabecinha da moçoila européia.

Esse é o motivo que leva Iago, na sua última fala do II ato, a aconselhar Cássio a procurar Desdêmona para servir de promotora de sua reconciliação com Othelo. A generosidade é uma representação politicamente correta dentro dos parâmetros da sociedade veneziana. Se tudo se resumisse a assumir o cargo do qual foi preterido, a dispensa de Cássio por Otelo faria com que a peça terminasse. Mas para o autor apenas uma parte do plano de sua obra está em bom caminho, falta ainda mostrar, para o público, a hybris do Mouro ao preterir da sua escolha inicial Iago.

“Iago: E quem é que vai dizer que estou agindo como um vilão quando o conselho que dou é leal e honesto, e quando este se revela o caminho provável para se ganhar outra vez o Mouro? É muito fácil convencer Desdêmona a agir, seja qual for a causa, desde que seja honesta. O caráter dela é generoso e imparcial como a própria natureza. Além disso, o que custa, para ela, convencer o Mouro, mesmo que seja para fazê-lo renunciar ao batismo e aos símbolos cristãos? A alma dele está de tal forma aprisionada pelo amor dela, que o apetite dela se impõe, soberanamente, sobre as fracas faculdades dele. Como é que posso ser um vilão só por aconselhar Cássio a seguir um caminho paralelo, que o leva diretamente ao caminho do bem? Quando os demônios querem nos levar a cometer os mais terríveis pecados, eles o fazem, a princípio, através das aparências celestiais, assim como eu próprio estou fazendo agora: enquanto esse simplório suplica a Desdêmona que repare os seus infortúnios, e ela por sua vez, faz vigorosos apelos ao Mouro, eu destilo veneno nos ouvidos dele, sugerindo que é em nome da própria luxúria de seu corpo que ela apela. E quanto mais ela se empenhar pelo bem de Cássio, mais estará arruinando

seu próprio crédito junto ao Mouro. Vou deixar a brancura imaculada da virtude dela negra como piche, e é com a própria bondade dela que vou tramar a teia com a qual vou enredar todos eles.”

Como foi dito no início do ensaio, todo signo/símbolo pode ser fiel ou distorcer a realidade. Mesmo assim ele continua sendo um correspondente, um retrato dessa realidade. Isso nos leva a considerar que o signo/símbolo, para adquirir sua “verdade” depende da leitura do receptor. Entre a sua criação e significação, interpõe-se o papel desempenhado pelo seu tradutor/receptor, que o lerá conforme a sua cultura e a sua experiência de vida. Aqui nos deparamos com as duas funções desempenhadas por Iago no texto de Shakespeare. Primeiro, ele exerce uma função de narrador, isto é, conduz, à sua maneira, toda a história de Otelo. Ele não a cria, como um deus ex-machina, como um demiurgo, mas a “antecipa” ao público os parâmetros em que deve ser assistida. É como se o autor não quisesse que o público perdesse tempo com coisas menores, para gastá-lo com o que está embaixo deles. Neste sentido Iago cumpre um pouco o papel de elemento distanciador. Segundo, Iago desempenha a função de anatomista da lógica da moral burguesa vigente em Veneza. Uma moral de sinais trocados, em que tudo depende das conveniências e dos resultados a que se quer chegar para o posicionamento político e social de cada indivíduo. Há uma relatividade a nortear os julgamentos. O que torna a “conveniência” política, uma ótima conselheira.

A fala acima é de uma clareza exemplar para essa hipótese. De fato, não existe ninguém melhor que Desdêmona para interceder por Cássio. Ela é a amada do poderoso Otelo. Foi ela que roubou o seu coração, fazendo com que a desposasse em segredo. Por outro lado, Cássio goza da privacidade do casal. É amigo de ambos, conviveu e pertence ao círculo da classe social de Desdêmona. A ação da esposa, por todos os dados acima, será realizado como préstimo entre iguais, como um fato “natural”, uma troca de favor e gentileza de sua parte. Não se deve esquecer que o favor que fará Desdêmona para Cássio atende, também, aos seus interesses pessoais. Ela sabe estar vivendo em Chipre uma situação perigosa, de litígio militar, onde todos os aliados são importantes. Não é bom que entre os “pares” haja discordância e atritos desnecessários que dê “motivos”, ainda maiores, aos seus inimigos. Ajudando Cássio ela crê, também, estar ajudando seu amado. Devolvendo a paz ao marido e recolocando as coisas dentro dos trilhos da normalidade, estará consolidando o seu casamento. Logo, Iago fez o que “politicamente” é o mais correto.

No que diz respeito ao que reserva para o Mouro, ele conseguirá seu objetivo alimentando o dado real de que ele é um “estranho” entre iguais. Diferença que lhe causa uma sensação permanente de inferioridade e insegurança, por estar fora de seu “habitat familiar”, que é o campo de batalha que o tornou famoso. Otelo tem consciência de que é importante em Veneza pelo seu lado guerreiro, por ser aquele que realiza o trabalho sujo para os poderosos. A sua competência é que o livrou de um processo na questão de seu casamento, que não teve o consentimento do pai. Talvez, se não houvesse a guerra com Chipre e não necessitassem de seus préstimos ele tivesse sido condenado e encarcerado, etc. e tal. Ora, desse modo sabe que o seu casamento foi aceito pela sociedade por um conveniência de interesses. Permanece a dúvida se em outras circunstâncias teria sido aceito e tolerado. Essa diferença étnica e cultural, por outro lado, lhe dá uma insegurança quanto a verdade do amor de sua esposa. O quanto de fato ela o ama? Não terá sido o casamento, também, outra conveniência? Fomentar o ciúmes no Mouro, em relação ao Cássio, fica sendo plausível e totalmente verossímil. Tudo isso ajudado pelo fato de que o general tem em Iago um confidente de confiança. Ou seja, ele entregou ao logo a guarda dos seus cordeiros!

Assim, a virtude vira um vício e um defeito. Bondade se transforma em maldade. A confiança se transforma em desconfiança. Como diz Iago: “(...) Afinal, a reputação não passa de uma vã e falsa atribuição. Tanto é adquirida sem merecimento, como perdida sem motivo. (...)” Onde a regra social é a do privilégio e da relatividade moral e ética, tudo pode se transformar em seu oposto. O discurso da conveniência torna tudo passível de manipulação. Shakespeare vai nos mostrar como Iago fará estas inversões, usando do artifício da ambiguidade dos gestos, das palavras, isto é, da não clareza dos signos/símbolos que se utilizará e que são comuns à sociedade veneziana com sua hipócrita moralidade. Vamos analisar o diálogo de Othello e Iago na cena III do III ato, para melhor entender esse jogo:

(Saem Desdêmona e Emília)

Otelo: É de uma doçura e de uma ingenuidade... Ah, maldito seja eu no dia em que deixar de amar você. Vai ser o fim do mundo, o caos outra vez.

Iago: Meu bom comandante...

Otelo: O que foi, Iago?

Iago: Miguel Cássio, quando o senhor cortejava a senhora, sabia do seu amor por ela?

Otelo: Ele sempre soube, o tempo todo... Por que é que você pergunta?



Iago: Só para satisfazer uma curiosidade. Só por isso.

Otelo: O que é que você estava pensando?

Iago: Eu não pensei que ele já fosse conhecido dela.

Otelo: Ah, era sim, e muitas vezes ele foi mensageiro de recados que mandávamos um para o outro.

Iago: É mesmo?

Otelo: Sim. Você vê algo de mal nisso? Ele não é honesto?

Iago: Honesto, Senhor?

Otelo: Honesto, sim, honesto.

Iago: Meu senhor, até onde eu sei...

Otelo: O que é que você acha?

Iago: O que é que eu acho, senhor?

Otelo: "O que é que eu acho, senhor?" Pelo amor de Deus, ele fica repetindo o que eu digo, como se na mente dele houvesse algum monstro horroroso demais para ser mostrado. Você quis dizer alguma coisa com isso. Eu ouvi você dizer, agora há pouco, quando Cássio tinha acabado de se despedir de minha mulher, que não gostava nada daquilo: do que é que você não gostava? E quando eu lhe contei que ele havia sido meu confidente durante todo o período em que fiz corte a ela, você exclamou "é mesmo", e franziu as sobrancelhas como se estivesse querendo trancar na cabeça alguma informação horrível: se você me tem estima, mostre-me o que pensa.

Iago: Meu senhor, o senhor sabe que eu lhe tenho estima.

Otelo: Eu penso que sim. E é por eu saber que você é cheio de estima e honestidade e que você pesa as palavras antes de dizê-las, que estas suas hesitações me assustam ainda mais, pois essas coisas, em alguém que é canalha, falso e desleal são costumeiras, mas em um homem que é justo, elas são expressões de pensamentos escondidos que vêm do coração e que a paixão não consegue dominar.

Iago: No que diz respeito a Miguel Cássio, eu me atrevo a jurar que penso que seja honesto.

Otelo: Eu também penso assim.

Iago: Os homens deveriam ser aquilo que aparentam. Aqueles que não são, não deveriam sequer ter aparência humana.

Otelo: Certamente, os homens deveriam ser o que aparentam.

Iago: Ora, é por isso que eu acho que Cássio é um homem honesto.

Otelo: Você está escondendo alguma coisa. Eu lhe peço, traduza seu pensamento em palavras, diga o que está ruminando, e para os piores pensamentos, empregue as piores palavras.

Iago: Meu bom senhor, perdoe-me. Embora eu esteja preso ao dever da obediência em tudo o que faço, sou livre naquilo em que os próprios escravos também são. Traduzir meus pensamentos em palavras? Ora, digamos que eles sejam sórdidos e falsos. Que palácio nunca foi invadido por coisas imundas? Quem é que, mesmo tendo uma mente pura, nunca se sentiu tomado pelas mais baixas apreensões, misturadas aos pensamentos mais dignos e legítimos?

Otelo: O que é que você quer dizer?

Iago: O bom nome é o maior patrimônio, tanto para o homem como para a mulher, meu bom senhor. (Junção de diferentes falas de Iago sobre o tema) "(...)Meu senhor, cuidado com o ciúme! O ciúme é o monstro de olhos verdes que debocha da carne que o alimenta. O corno só é feliz se não ama quem o trai. Mas aí do corno se dúvida, se suspeita, e ainda assim ama de verdade."

Na cena que antecede esse diálogo entre Otelo e Iago os dois se aproximam e vêem Cássio se afastando. No ponto de vista dos dois, sorratamente, mas no fundo ele está deixando a cena por não se sentir a vontade para encontrar o general antes de ter resolvido a sua situação. Logo em seguida Desdêmona pede enfaticamente para o Mouro

reconsiderar sua decisão e o aceitar de volta em seu posto. Iago a tudo presencia e, após a saída esposa, inicia o que poderíamos denominar de questionamento irônico. A sua principal intenção é alimentar os sentimentos que, de alguma maneira, já estão presentes na cabeça do Mouro. Para tanto, só tem que manipular as palavras, que levarão Otelo a pensar aquilo que, por sua desconfiança natural, compraz os planos de seu interlocutor. Iago mostrará que existe algo a mais entre o céu e a terra, do que pode imaginar a cabeça do “bárbaro”. Como diz o ditado popular: ele apenas dá a corda para o enforcado, não diz nada explicitamente, apenas sugere o que já está no subconsciente do general. E conduz a conversação em tom universalizante, como se nada tivesse a ver com o caso particular do casal. Ou seja, como se discutisse a “natureza” dos seres humanos, não a de um casal em particular. A comparação e aproximação com o que está vivendo Otelo, quem o faz é o próprio. E esse objetivo consegue alertando o Mouro sobre o perigo das suas palavras e se confessando ter uma natureza em que vê em tudo algo de errado. É a maneira, prudente, que encontra para dar maior veracidade à sua hipocrisia. Utiliza de todo o maquiavelismo possível para induzir ao ciúmes Otelo e produzir um prova que o leve a concretizar o seus objetivos. O general é um homem de espírito prático. Não tem dúvidas, quando tem que agir. Só quer uma prova, mesmo que fabricada, para justificar o que tiver que ser feito.

Northrop Frye analisando as peças que denomina de “Bolingbroke” (Ricardo II e Henrique IV) nos dá uma dica importante para entender o jogo dramático proposto por Shakespeare:

“Agora já deve estar claro que Shakespeare não está interessado naquilo que consideraríamos “história”. O que acontece de verdade na história é extremamente difícil de se dramatizar. Shakespeare está interessado na crônica, nas ações individuais e na interação das pessoas no topo da ordem social. O centro de seu interesse está no tipo de performance dramática que se requer quando se é líder na sociedade, ou, mais especificamente, rei. Todas as relações sociais são de certo modo teatrais.”

Esta observação cabe como uma luva para “Otelo”. Notemos que a questão da guerra de Chipre fica em segundo plano, como que para aumentar o tom de urgência em que a trama está se dando, mas não é, em momento algum, o primeiro plano da narrativa. Shakespeare desloca Otelo de Veneza para a ilha para contar sua história. Em Veneza o mouro seria apenas mais um, mas em Chipre ele é o primeiro, isto é, o Rei, aquele que tem o poder de determinar o andamento da história. Está no topo da ordem social. É um líder, o que torna suas ações sociais extremamente teatrais. Ou seja, o que Otelo e Iago estão fazendo em cena é passível de acontecer com qualquer um dos espectadores, só no que no caso deles tudo vira crônica histórica, já os atos do cidadão comum não chegariam nem a ser notados. E assim continua Northrop Frye:

“Por sua visão de liderança, Shakespeare curiosamente se aproxima de O Príncipe, de Maquiavel. Curiosamente, porque é praticamente impossível que Shakespeare tivesse conhecido os escritos de Maquiavel. Além disso, a visão social de Shakespeare é profundamente conservadora, enquanto a de Maquiavel era realista o suficiente para fazer com que os idealistas de sua época, escandalizados, lhe dessem uma reputação tal na Inglaterra e em outros lugares que ele fosse considerado a voz do próprio demônio. (...) Mas o teórico e o dramaturgo convergem em dois pontos: na percepção da natureza dramática da liderança e do fato de que as qualidades de um líder nato não são qualidade morais. (...) Um líder bem-sucedido não se prende a costumes morais: o lugar dos princípios morais está naquilo que chamaríamos hoje de relações públicas. A reputação de virtuoso, liberal e generoso é mais importante para o príncipe do que a veracidade dessas coisas: assim como na encenação de uma peça, a ilusão é a realidade.”

Iago é consciente das convenções “sociais” de Veneza e se utiliza delas para se apresentar, frente ao bárbaro, como sendo sincero e verdadeiro. E para isso tem a disciplina exigida dos hipócritas. “A hipocrisia tem sido chamada de o tributo que o vício paga à virtude, mas saber que se está dizendo uma coisa e se pensando em outra exige uma autodisciplina que é praticamente uma virtude em si mesma. Com certeza ela é muitas vezes uma virtude fundamental numa figura pública.” A troca de sinais operados por Iago é o que alimenta, o tempo todo, a trama e o público. Ou seja, todos os que assistem a história de Otelo sabem da armação que está sendo preparada, assim, torna-se difícil se entregarem ou se identificarem com qualquer personagem. O público é cúmplice da história. Não tem como permanecer passivamente diante do desenrolar da peça. E como cúmplice são prisioneiros das dúvidas e do jogo de valores criados por Iago. Como diz Otelo:

“Otelo: (...) Antes de duvidar, eu quero ver; se duvidar, procurarei a prova. E, conforme seja esta, é só mandar de vez ao diabo o amor ou o ciúme.” E Iago, diante de mais essa “queda” do pensamento do incrédulo conclui: “Folgo com isso, pois agora posso demonstrar-vos, com muito mais franqueza, todo o devotamento e a estima que vos tenho. (...) Não falo ainda de provas. Vigiai a vossa esposa. Observai-a bem com Miguel Cássio. Olhai-a atentamente, com olhos nem zelosos, nem confiantes demais. Não me conformaria com a idéia de vos ver, tão franco, leal e bom, traído em vossa boa fé. Vigiai. Conheço a gente lá da minha terra. (...) Lá a moral consiste não em se coibir alguém de certas coisas, mas no encobrir tais coisas.”



O alerta feito ao Mouro, vale para o público. Prestem atenção, não serão esses gestos e atitudes ambíguos o suficiente para que se possa duvidar dessa relação? Mas duvidar não é o suficiente para os seus planos. Iago terá que produzir a prova. Essa ele buscará na própria situação em que se deu o relacionamento e casamento de Otelo e Desdêmona. É a forma encontrada de conferir veracidade ao pensamento que está levando Otelo a desconfiar de Desdêmona: “Ela enganou o pai para casar-se com o senhor. E quando ela parecia ter medo de sua aprência é que ela mais o amava.

Otelo: Foi assim mesmo que ela fez.

Iago: Ora, convenhamos, ela, que tão jovem conseguiu dissimular tão bem a ponto de vender os olhos do pai – ele chegou a pensar que se tratasse de feitiçaria – mas estou fazendo muito mal, eu humildemente peço ao senhor que me perdoe por este excessivo amor que eu lhe tenho.

Otelo: Eu lhe serei sempre grato.”

Otelo ainda não deixa, apesar de todas as insinuações de acreditar na fidelidade de Desdêmona, apesar de constatar que a natureza as vezes transvia.

“Iago: Aí é que pega o ponto! Sejamos francos: recusar propostas de casamento de ótimos partidos, de patrícios da mesma cor e meio, ao contrário do que seria natural... Isso não cheira bem... Faz pensar em instintos viciosos... a n o r m a i s inclinações... depravação de gosto... Mas perdão! Não é dela que falo especialmente...”

O que faltava vem à tona. O preconceito e a diferença de classe social dos dois, já acusado pelo pai Brabâncio, é trazido ao nível da consciência. Otelo sabe que é aceito pela sociedade veneziana pelos serviços a ela

prestados. Diante do Conselho deixou claro seu ponto de vista sobre a sua função social. O que foi referendado pelo próprio Conselho ao reconhecer sua competência e afirmar que, no caso Otelo temos um negro com alma branca. A sua inferioridade está explícita nas relações que mantêm e no seu casamento. O que é trazido a consciência já se encontrava no subconsciente do estranho, no seu pensamento bárbaro. Ou seja, “Para o bom ciumento, ninharias, bagatelas tão leves como o ar, valem como verdades do Evangelho.” O Mouro é envenenado, não pelas palavras de Iago, mas pelo que elas reascendem na sua mente de colonizado, de explorado, de partícipe de uma cultura em que esses jogos sutis da ironia e hipocrisia não são entendidos com clareza. Lançado o veneno é só esperar que o monstro seja gerado no caldeirão da maledicência. Aceitar, pois, um lenço como prova cabal da traição é um pequeno



detalhe. Como diz Emilia: Para os ciumentos isso pouco importa, pois eles não precisam de motivos para terem ciúmes. São ciumentos. São porque são. É só. O ciúme é um monstro que a si mesmo se gera e de si mesmo nasce.”

Semeada a dúvida o caminho fica livre para que o plano de Iago, aparentemente, chegue a bom termo. Não devemos esquecer que o tempo confabula a favor das artimanhas de Iago, com tal sincronicidade, que podemos ser levados a pensar em “destino”. O destino, se ele tem algum papel na narrativa de Shakespeare, é o de transformar o que não passaria de um “drama” em tragédia. Isso corrobora que a função do personagem Iago em Otelo não é de ser demiurgo, um deus ex-machina, mas o de representar um mortal, entre os mortais, que ao brincar com fogo se queima. E nesse jogo que Iago constrói, através do seu discurso, é que creio residir a grande atualidade do texto. O discurso, enquanto ideologia, como instrumento de manipulação da verdade e da realidade, como fenômeno social e cultural que nasce com o mercantilismo, que desembocará no capitalismo e na globalização atual. Em “Otelo” presenciamos o nascimento da palavra e do discurso que se separam das coisas. Onde o ser e o parecer tornam-se categorias importantes para o estabelecimento das relações sociais e políticas. Àqueles que pretendem “vencer” na acirrada competição, que se instaurará, progressivamente, em todas áreas da atividade humana, isso passa a ser fundamental. Na política esse jogo das aparências se constituirá, nos dias de hoje, como natural e necessário.

Iago é assim o arquétipo que Shakespeare se apropria, da arte popular, para desmascarar o jogo dos poderosos. Arquétipo que é encontrado em diferentes obras de diferentes culturas onde o excluído, para sobreviver, tem que criar diferentes tramas que lhe garantam o mínimo necessário. O encontramos na figura de João Grilo, de Ariano Suassuna, tentando “respirar” numa sociedade de coronéis. Em Arturo Ui, de Bertolt Brecht, “um menino pobre do Bronx”, buscando seu espaço na sociedade corrompida de Chicago. Personagens que diante de um quadro de injustiça e desumanidade organizada encontram maneiras de ocuparem um espaço público que, de outra forma, não teriam acesso, nem direito. Para sobreviverem o juízo moral de nada lhes serve. Nesta relidade a moralidade, como no caso de Dogsborough de Arturo Ui, só contribuirá para que caiam em desgraça sem, ao menos, se ter consciência do abismo que criaram para si mesmo. Com Otelo não é diferente. O que o leva a cometer o seu crime e a cavar sua própria desgraça é ele mesmo. O seu código de conduta nada tem a ver com a realidade onde está vivendo e interagindo. A sua alienação frente ao seu tempo e a sua sociedade é o que o condena. Nestes termos, pode-se afirmar que sua hybris é a sua inconsciência.

A sua visão estreita e moralista do mundo; a intolerância e a desconfiança desmedida a conturbar seu pensamento, numa sociedade onde esse valores já se encontram relativizados; só poderia dar no que deu. Iago, como confessa ao público, apenas inverte os valores dos conceitos vigentes: virtude em vício; honestidade em desonestidade; fidelidade em infidelidade; público em privado. Pares antagônicos que, no novo sistema que está se instaurando com o mercantilismo, para que possa permitir a sua expansão, não devem ser tomados ao pé da letra, como no sistema político e econômico onde tiveram origem. A nova era, após a descoberta do Novo Mundo, das culturas diferentes, do “outro” que não corresponde a imagem e semelhança de seus colonizadores, como pregava a Bíblia, exige o pensamento hipócrita como qualidade essencial para se conseguir, nessas novas empreitadas o “maior lucro possível”. O “discurso” para se justificar as descobertas para o povo é o da evangelização, mas na realidade ele corresponde, na ação, ao extermínio de povos inteiros. Padre Vieira, por denunciar esse desencontro entre “discurso e ação”, na defesa dos injustiçados, pagou caro. Não é diferente do discurso de Bush, hoje, sobre os eixos do mal, para acobertar a sua real intenção de eliminar alguns muçulmanos e garantir o petróleo necessário ao seu país.

Shakespeare, para estudar essa nova realidade, transforma-a numa grande diversão, para prender a atenção do público e o predispor a aceitar a “fábula”. Para isso, tudo o que quer e pretende explicitar está dado no contexto da obra. Mas “Otelo” tem que ser entendido em seus dois níveis: o da significação evidente e o da significação subjacente, “dada pelas metáforas e imagens utilizadas, ou por certos acontecimentos ou discursos subordinados e subliminares.”, como diz Northrop Frye. Iago é o personagem que possibilita ao público percorrer esses diferentes caminhos, fazendo com que o que poderia se constituir em mera historinha de “amor e ódio”, se transforme numa reflexão sobre os descaminhos fomentados por uma época de pouco heroísmo e muita ganância. A comprovar, talvez, esta afirmação, cito, novamente, Northrop Frye:

“Em todas as peças que Shakespeare escreveu, o herói ou a personagem central é o próprio teatro. Suas personagens são tão vivas, que frequentemente as consideramos destacáveis da peça, como pessoas reais. (...) Enfatizo isso, porque no século passado a bibliografia mais séria foi amplamente centrada na personagem. Um livro intitulado A Tragédia Shakespeariana, de A. C. Bradley, apareceu por volta do começo deste século com a tese de que as tragédias de Shakespeare, em contraste com a gregas, eram tragédias de personagem. A tragédia se dá porque uma personagem específica está em uma situação que não pode dominar. Se Hamlet estivesse na situação de Otelo, não haveria tragédia, porque Hamlet teria compreendido Iago num relance; se Otelo estivesse na situação de Hamlet,




não haveria tragédia, porque Otelo teria transpassado Cláudio antes que saíssemos do primeiro ato. Com certeza é verdade, mas parece claro que Shakespeare não começou com uma personagem e a introduziu numa situação; se tivesse trabalhado dessa forma, suas grandes personagens teriam sido bem menos complexas do que são. Obviamente ele começa com a situação global e deixa as personagens se desenvolverem a partir dela, como folhas em um galho, parte do galho, mas sensíveis a todo tremor do vento que sopra sobre elas.”

Assim, “Otelo” nos revela os desencontros oriundos de um sistema político e econômico que começa a instaurar transformações profundas no mundo, em que as relações sociais não mais obedecem a princípios e hierarquias ditadas pela “ordem natural”, mas que são estabelecidas pela conveniência das necessidades históricas do Homem. O que flagramos em “Otelo” é o nascimento da “ordem material” do mundo, onde os fins justificam os meios. Os deuses conspiradores e instauradores do destino dos homens, cede lugar ao “maquiavelismo” da política e dos seus políticos. Neste mundo, os instrumentos mais adequados para a sua desmistificação são a ironia e o humor, forma de denunciar os novos costumes. Qualidade que sobram no texto de Shakespeare, graças a inteligência e artimanha do personagem de Iago.

É através de sua capacidade, em dissecar o tecido social e político da sociedade veneziana, que fará com que Otelo retire sua “persona” social para revelar a sua face verdadeira. Não se trata de uma condenação moral, mas de revelar a inadequação cultural do bárbaro frente a um sistema político e cultural que não aceita a diferença e se a aceita o faz por suas conveniências e interesses econômicos. O que assistimos é a trajetória de um “bárbaro” sendo barbarizado por uma civilização que está instaurando a legalização da desumanidade. A substituição da ordem social ditada pelas “leis naturais” pela ordem das “leis positivas” criadas pelos homens, para melhor explorar os seus semelhantes. É a criação e a legitimação da razão de Estado, a sua descriminalização. Eis o início do processo que transformará o Capital financeiro como principal maneira de se exercer a acumulação e exploração do homem pelo homem. Sem uma moral relativa, que Iago tão bem sabe utilizar, ele não poderia ter prosperado e chegado aonde chegou hoje em dia. O que é colocado em questão são os velhos princípios e valores de um sistema político ainda preso aos dogmas de um cristianismo feudal. No Novo Mundo que se anuncia, os deuses, são aqueles que determinam o preço de cada um para se alcançar os fins desejados. Otelo peca por não ter entendido essa nova realidade. A sua “moral” prática e bárbara o conduz à sua desgraça final.





OTELO,  
OS SEUS E  
OS NOSSOS  
PORQUÊS

*Por Marco Antonio Rodrigues*

Flávio Tolezani em "Otelo"



Daquelas que são consideradas as quatro grandes tragédias shakespearianas, “Otelo” é a única em que o protagonista não faz parte de uma genealogia nobiliárquica. General puro sangue, o Mouro como todo mundo sabe, é “contratado” pelo governo veneziano prá por ordem nas ambições turcas que andavam ameaçando algumas colônias do sereníssimo império, mais particularmente a ilha de Chipre, um território pujante, bem servido pela natureza, mas acima de tudo estratégico nas rotas do comércio mundial. Como também todo mundo sabe, a especialidade dos venezianos sempre foi os negócios, não é à toa que foram os “inventores” do capitalismo, não é à toa também que a peça se concentra num momento histórico de aguda ruptura da estrutura político-econômica: ou seja, a passagem do feudalismo para a Idade Moderna, o mercantilismo.

Nosso ilustre general é um guerreiro pra inglês nenhum botar defeito: sua missão em Chipre, não é tão somente a expulsão dos turcos, a manutenção da estrutura colonial - ele vai pra Chipre não apenas investido de poder militar, vai com poder político: é o novo governador da Ilha. É plausível supor que um homem com tantas qualidades como estrategista, não tenha na cabeça apenas a obsessão de estripar inimigos. Otelo tem lá sua poesia, um olhar romântico pela vida (não é de graça que a cobiçada Desdemônia se apaixona por ele). Se isso é verdade, é de se supor que ao chegar a Chipre se encante pela ilha, pelo povo cipriota, tão próximo da sua própria ascendência de raça e passe a sonhar com o bem estar-social de todos: cipriotas (vivendo uma dura contradição: ou a ocupação selvagem e devastadora dos turcos ou a exploração “civilizada” do europeu) e venezianos. Com Otelo, a ilha mesmo que sem a soberania tão desejada, aparentemente se apascenta e espera o tempo das grandes reformas prometidas. O que talvez Otelo não contasse é que o plano dos seus patrões se esgotasse no exato momento do seu vitorioso desembarque na ilha: controlada a situação turca, o que menos interessa ao governante veneziano é um sorvedouro de grana do outro lado do mundo: Chipre tem é que gerar riquezas pra dourar ainda mais as cabeças imperiais. Assim, cumprida a tarefa, Otelo deve é voltar pra Veneza, tantos conflitos se multiplicando, o império virando peneira, fazendo água, quem é que tem uma espada tão firme quanto o general? Talvez agora Otelo perceba uma delicada sutileza: a bajulação, o prestígio, os méritos e cargos que lá atrás lhe foram destinados não tinham como origem apenas seus grandes e inegáveis méritos. Veneza lhe festejara por absoluta falta de alternativa, precisava de alguém que falasse a linguagem das ruas, antes os anéis do que os dedos, melhor alguém que não sendo exatamente nosso possa jogar por nós, desde que dentro da regra do nosso jogo. Mesmo que com embrulho no estômago, melhor junto conosco, sob controle, do que atirando pedra na nossa vidraça. De alguma forma o três sempre se repete em Shakespeare. Otelo vai ter três caminhos: ou levanta a espada e vai à luta pelo amor em que acredita, ou engole o sapo e vira cínico e oportunista como os patrões que o empregam, ou morre e se projeta sobre o tempo como mito-potência. Seja como for, a tragédia está instalada e é através dela que a vida se reafirma e se renova.

Esse é o mapa, o pano de fundo que lemos nesta história maravilhosa. A analogia saltou do papel, nos agarrou pelo pescoço e fez com que enfiássemos nosso nariz nessa terra veneziana e cipriota mas com jeitão verde-amarelo, não há sangue que negue.

# OTELO



Francisco Brêtas em "Otelo"



## ATO I

### CENA I

[Veneza. Uma rua.]

[Entram RODRIGO e IAGO.]

RODRIGO - Chega! Não tente me fazer acreditar nisso. É muito cruel que justamente você, Iago, que tem acesso ao meu dinheiro como se fosse seu, tenha conhecimento desta história toda.

IAGO - Porra, você não me escuta! Quero ser objeto de abominação pública se alguma vez cheguei a sonhar com semelhante coisa!

RODRIGO - Você dizia que tinha ódio dele.

IAGO - Pois que eu seja maldito se não tinha! Três poderosos da cidade foram até ele de chapéu na mão pedir que eu fosse escolhido como tenente; sei muito bem do meu valor e sei que não mereço posto inferior a esse. Mas ele, orgulhoso e preso aos seus próprios propósitos, se saiu com frases empoladas, terrivelmente cheias de chavões da vida militar, e dispensou os meus padrinhos, dizendo "Já escolhi o meu oficial". E que tipo de homem era? Não passava de um contabilista, um certo Miguel Cássio, um florentino, um tipo desses que quase chegam a se dar mal por causa de uma bela mulher, que nunca na vida comandou um esquadrão, que não conhece as divisões de uma frente de combate mais do que qualquer costureira e que só tem o conhecimento livresco das teorias, esse conhecimento sobre o qual os doutores togados podem argumentar tão bem quanto ele próprio. Não passa de conversa sem base prática. Essa é toda a bagagem de conhecimento bélico que ele tem. No entanto, meu senhor, o escolhido foi ele; e eu, que dei provas de minha habilidade prática em Rodes, em Chipre, e em outros campos de batalha cristãos e gentios, devo ficar para trás e ser preterido por ele, que não passa de um teórico, de um guarda-livros. Este contador, com essa maré favorável, deve tornar-se o segundo tenente, enquanto eu, puta que o pariu, devo me contentar em carregar o estandarte de sua Crioulidade.

RODRIGO - Juro que eu preferiria ter sido o carrasco dele.

IAGO - Ora, não há remédio. São os ossos do ofício. A promoção resulta de decretos e de simpatias pessoais, e não de tempo de serviço, quando o segundo herda o posto do primeiro. Agora, meu senhor, julgue por si próprio se tenho razões para estimar o Mouro.

RODRIGO - Em seu lugar nem servir com ele eu serviria.

IAGO - Pois meu amigo, fique certo de que se eu o sirvo é para meu próprio proveito. Nem todos podem ser patrões, e nem todos os patrões podem ser servidos de verdade. Você há de conhecer muito serviçal submisso, obcecado com sua própria vassalagem, consumindo a vida como um asno que serve ao dono a troco de sustento, e é dispensado quando fica velho. Chicote no lombo desses honestos serviçais! Outros assumem por fora uma postura de obediência e respeito, enquanto secretamente tiram vantagem própria no que podem. e fingindo servir aos amos, prosperam e quando estão com os bolsos cheios, é a si próprios que prestam reverências. Estes indivíduos têm lá seu espírito, e eu próprio sou um deles. Pois meu caro, tão certo como você se chamar Rodrigo, se eu fosse o Mouro não haveria de querer um homem como Iago por perto. Servindo a ele eu sirvo é a mim mesmo. O céu é meu juiz, e não eu próprio, embora as aparências digam o contrário. Pois quando as minhas ações revelarem minha natureza verdadeira, não se passará muito tempo e eu estarei abrindo ao mundo meu próprio coração para que ele seja comida pelos urubus. Não sou o que pareço.

RODRIGO - Que grande sorte tem esse beicudo se conseguir se sair bem dessa.

IAGO – Chame o pai dela, acorde o Mouro, persiga-o, envenene seus prazeres. Exponha-o nas ruas. Incite a fúria dos parentes dela. e por mais afortunado que ele seja, atormente-o, e por mais autêntica que seja a alegria dele, atice sobre ela possibilidades tais de desgraça que a façam perder parte de sua cor.

RODRIGO – Aqui é a casa do pai dela. Vou chamar por ele em voz alta.

IAGO – Isso mesmo! Faça-o com um tom de temor e um grito de alerta como quando, de noite, por um ato de negligência, alguém avista o fogo se espalhando nas cidades populosas.

RODRIGO – Olá, Brabâncio! Ei, Senhor Brabâncio, olá!

IAGO – Acorde, Brabâncio! Ladrões, ladrões, ladrões! Cuide de sua casa, de sua filha e de seu dinheiro! Ladrões, ladrões!

*[Brabâncio em uma janela.]*

BRABÂNCIO – Por que estes gritos terríveis? Qual o problema?

RODRIGO – Senhor, toda a sua família está em casa?

IAGO – Todas as portas estão fechadas?

BRABÂNCIO – Ora, por que é que você pergunta isto?

IAGO – Por Deus do céu, senhor, o senhor foi roubado! Vista algo, por uma questão de compostura, o seu coração foi arrombado e o senhor perdeu metade de sua alma. Agora mesmo, neste exato instante, um velho carneiro negro está se deleitando em cobrir a sua ovelhinha branca. Levante, levante! Acorde com os sinos o sono dos cidadãos que roncam ou o diabo vai fazer do senhor um avô. Levante, eu disse!

BRABÂNCIO - Você enlouqueceu?

RODRIGO – Venerável senhor, o senhor reconhece a minha voz?

BRABÂNCIO – Não, quem é você?

RODRIGO - Meu nome é Rodrigo.

BRABÂNCIO – Tanto pior! Já lhe dei ordens de não ficar rondando diante de minhas portas. Você já me ouviu dizer honesta e claramente que minha filha não é para você. E agora, bêbado e mal intencionado você vem perturbar meu descanso.

RODRIGO – Senhor, senhor, senhor...

BRABÂNCIO – Pois esteja certo de que meu estado de espírito e minha posição têm poder de fazer você amargar esta ofensa.

RODRIGO – Um minuto de paciência, senhor!

BRABÂNCIO – Que história é esta de roubo? Estamos em Veneza e minha casa não é nenhuma granja isolada em lugar ermo.



RODRIGO – Meu caro Senhor Brabâncio. Falo honestamente e sem rodeios.

IAGO – Por Cristo, o senhor é daqueles que se negariam a servir a Deus se o diabo assim mandasse. Como o senhor nos toma por bandidos, só porque viemos lhe prestar um serviço, o senhor acabará tendo sua filha coberta por um cavalo da Berbéria. O senhor deseja que seus netos relinchem para o senhor? O senhor terá cavalos de corrida como primos? Ginetes como parentes consangüíneos?

BRABÂNCIO – Que espécie de vilão sem respeito é você?

IAGO – Sou alguém, senhor, que veio lhe contar que sua filha e o Mouro estão neste momento fazendo um animal de duas costas.

BRABÂNCIO – Você é um patife!

IAGO – E o senhor é um senador.

BRABÂNCIO - Você há de responder por isto. Eu o conheço, Rodrigo.

RODRIGO – Senhor, eu respondo por tudo, mas imploro que o senhor nos diga se foi por seu prazer e sábio consentimento, como em parte acredito, que a sua bela filha foi levada a esta hora da noite por nada mais nada menos do que um serviçal comum, um gondoleiro, para os braços grosseiros de um Mouro lascivo. Se isto é de seu conhecimento e tem sua permissão, nós acabamos de cometer um ultraje e de ofendê-lo gravemente. Mas se o senhor não tem conhecimento disso, é um equívoco repreender-nos. Não acredite que, deixando para trás todo o senso de civilidade, eu fosse ridicularizar uma pessoa respeitável como o senhor. Sua filha (se o senhor não deu a ela permissão, volto a dizer) incorreu em ato grosseiro de revolta, sacrificando sua conduta filial, beleza, inteligência e fortuna a um estrangeiro extravagante e sem paradeiro certo. Vá e verifique por si próprio. Se ela estiver na alcova, ou em sua casa, que a justiça do estado se encarregue de mim por este equívoco.

BRABÂNCIO – Acendam o pavio, vamos! Dêem-me uma vela! Chamem todos em casa! Este acidente lembra o sonho que tive. Só de pensar que pode ser verdadeiro já me sinto aflito! Luz, eu já disse, luz!

*[Sai pela parte superior.]*

IAGO - Adeus, preciso ir. Não parece adequado e nem saudável, em minha posição, ser trazido como testemunha contra o Mouro, como decerto serei, caso eu fique, pois bem sei que por mais que este caso o contrarie e refreie, o Estado não pode dispensá-lo sem risco, já que ele embarcou por razões mais do que justificadas para a guerra em Chipre, que acaba de começar, e que nem mesmo por toda a riqueza deles, encontrariam outro com igual habilidade para tratar de seus negócios. A propósito, por mais que eu o odeie como ao sofrimento do inferno, sou obrigado a ostentar uma estima que não passa de aparência. Para que o senhor possa encontrá-lo com certeza. Leve seus homens ao Sagitário e eu estarei lá com ele. Até lá.

*[Sai.]*

*[Entram BRABÂNCIO trajando robe sobre o traje de dormir, com CRIADOS e tochas.]*

BRABÂNCIO – É uma desgraça de fato. Ela se foi. E o que será de mim quando todos me desprezarem? Não terei mais nada a não ser amargura. Agora, Rodrigo, onde foi que você a viu? Ah, infeliz dessa menina! Com o Mouro, é o que você disse. Quem, atualmente, deseja ser pai? Como foi que você soube que era ela? Ah, ela me enganou. O que ela disse a você? Tragam mais velas! Acordem toda a família! Eles se casaram, é o que você acha?

RODRIGO – Para falar a verdade acho que sim.

BRABÂNCIO – Meu Deus, como foi que ela fugiu? Ah, que traição ao próprio sangue. Pais, daqui em diante não confiemos nas inclinações de suas filhas julgando pela forma como agem. Não há feitiços através dos quais a índole natural da juventude e da virgindade pode sofrer abuso? Você não leu, Rodrigo, sobre algo assim?

RODRIGO – Sim, senhor, de fato.

BRABÂNCIO – Chame meu irmão. Ah, bem que eu gostaria que você tivesse se casado com ela. Ponham-se a caminho, uns numa direção, outros na outra. Você sabe onde podemos aprisionar a ela e ao Mouro?

RODRIGO – Acho que posso descobri-lo, se o senhor desejar obter boa guarda e me acompanhar.

BRABÂNCIO – Peço que prossiga. Vou chamar em cada casa, posso recrutar gente na maioria delas. Peguem as armas, vamos! E acordem alguns dos oficiais da guarda especial noturna. Vamos, bom Rodrigo, vou recompensá-lo pelo inconveniente.

## CENA II

*[Outra rua.]*

*[Entram Otelo, Iago e guardas com tochas.]*

IAGO – Matei muitos no ofício da guerra, mas é uma questão de consciência para mim. Não matar com premeditação! Algumas vezes falta-me a crueldade que deveria ter; nove ou dez vezes cheguei a pensar em golpeá-lo aqui, abaixo das costelas.

OTELO – Foi melhor assim.

IAGO – Mas ele se gabava, e vinha com termos tão baixos e com tantas provocações contra sua honra, que eu, que não sou nenhum santo, quase não consegui detê-lo; mas pergunto-lhe, o senhor se casou mesmo? Pois tenha certeza de que o Magnífico é tido em grande estima e de que o poder dele é duas vezes maior que o do doge; ele o fará divorciar-se. Ou imporá ao senhor algum tipo de restrição ou dificuldade pois a lei (com todo o poder que ele tem para aplicá-la ao senhor) dará a ele condições de manobra.

OTELO – Deixe que ele esbraveje o quanto quiser; os serviços que prestei ao Estado falarão mais alto que as queixas dele; ninguém sabe, até agora, algo que hei de divulgar quando me convencer de que contar vantagens é uma honra. Minha vida e meu ser provêm de homens da família real, e meus vários méritos podem falar sem receio da fortuna soberba que alcancei; pois saiba Iago que se não fosse o amor pela gentil Desdêmona eu não teria limitado minha própria liberdade nem mesmo por todos os tesouros do mar. Mas vejamos que luzes são aquelas que se aproximam.

IAGO – Devem ser o pai, enfurecido, e seus amigos. Seria melhor que você entrasse.

OTELO - Não eu; preciso ser encontrado. Meus atributos, meu título, minha alma completamente preparada. Mostrarão que estou certo. São eles?

IAGO – Por Jano, acho que não!

*[Entram CÁSSIO e certos oficiais com tochas]*



OTELO – Os oficiais do doge e meu tenente. Que tenham uma boa noite, meus amigos! Quais são as notícias?

CÁSSIO – O doge o saúda, general e requer sua presença imediatamente.

OTELO – Qual é o assunto, você sabe?

CÁSSIO – Suponho que se trate de Chipre; é urgente, as galeras enviaram uma dúzia de mensagens hoje à noite, uma após a outra, e muitos dos conselheiros já se levantaram e estão reunidos na casa do doge; o senhor foi chamado com urgência, e como não estava em seu alojamento o senado mandou três escoltas percorrerem a cidade para procurá-lo.

OTELO – Ainda bem que fui encontrado por você; não vou demorar mais que um minuto naquela casa e em seguida vou com você.

CÁSSIO – Alferes, o que é que ele está fazendo ali?

IAGO – Hoje à noite ele se pôs a bordo de uma certa nau em terra firme, e se a presa for boa, ficará lá para sempre.

CÁSSIO – Não compreendo.

IAGO – Ele se casou.

CÁSSIO – Com quem?

[*OTELO entra*]

IAGO – Com... Comandante, vamos?

OTELO – Sim, irei com você.

CÁSSIO – Aí vem outra tropa à sua procura.

IAGO – É Brabâncio, general, fique preparado, ele vem com más intenções.

[*Entram BRABÂNCIO, RODRIGO e oficiais com tochas e armas*]

OTELO – Olá, fiquem onde estão.

RODRIGO – É o Mouro, Senhor.

IAGO – Vamos, Rodrigo, venha senhor.

OTELO – Guardem essas espadas para não enferrujarem com o orvalho. Meu caro senhor, é sua idade que faz do senhor um comandante.

BRABÂNCIO – Ah, seu ladrão detestável, onde foi que você escondeu minha filha? Maldito como você é, você a encantou, e diga quem tiver bom senso se, a não ser sob efeito de magia, uma jovem tão terna, tão dócil e feliz, e tão avessa ao casamento a ponto de rejeitar os jovens herdeiros das fortunas do país, iria (expondo-se publicamente ao ridículo) abandonar o lugar que lhe dá abrigo e proteção pelos braços imundos de alguém como você, que inspira medo e não prazer? Que julgue o mundo se não é perfeitamente claro que você conspirou contra ela com feitiços sórdidos, e abusou de sua juventude e delicadeza com drogas e venenos

que enfraquecem os movimentos; que isto seja posto em julgamento; é uma coisa mais do que evidente. Portanto, ordeno que você seja retido e preso por abuso, por prática de artes proibidas e contra a lei. Peguem-no, e se ele resistir, submetam-no, ainda que com risco de sua própria vida.

OTELO – Detenham-se todos, os que estão comigo e os demais, não preciso que me indiquem quando devo entrar na luta; onde querem que eu vá para responder a esta acusação?

BRABÂNCIO – Para a prisão, até ser chamado para a aplicação da lei e o pronto julgamento.

OTELO – E se eu obedecer? O doge ficará satisfeito se seus mensageiros, que estão aqui para tratar de questões urgentes do Estado, me levarem até ele?

OFICIAL - Sim, meu caro senhor, o doge está reunido com o conselho, e estou certo de que aguardam sua nobre presença.

BRABÂNCIO – Como? O doge está reunido com o conselho? A esta hora da noite? Levem-no; minha causa não é trivial, e o próprio doge, ou qualquer um de meus pares sentirão como se a injúria fosse feita a eles próprios, pois se atos desse tipo podem ser perdoados, passaremos a ter governantes escravos e pagãos.

### CENA III

*[Uma Sala do Conselho.]*

*[Entram o DUQUE e senadores, sentam-se a uma mesa à luz de velas, entre serviçais.]*

DUQUE – Não há lógica nestas notícias, logo não merecem crédito.

PRIMEIRO SENADOR – De fato, são inconsistentes; as cartas que recebi falam em cento e sete galeras.

DUQUE – Recebi uma que fala em cento e quarenta.

SEGUNDO SENADOR – E a minha diz duzentas. Embora não cheguem a um número exato (e em casos assim, em que se quer relatar algo, as diferenças são comuns) todas confirmam que há uma frota turca dirigindo-se a Chipre.

DUQUE – É bem possível; não confio na hipótese de estarem erradas, e sim no ponto em que todas concordam, que é de dar medo.

MARINHEIRO – *[de dentro]* Olá! Olá! Olá! Olá!

OFICIAL - Um mensageiro das galeras.

*[Entra o marinheiro]*

DUQUE – E então, quais as notícias?

MARINHEIRO – A armada turca dirige-se a Rodes, essa é a notícia que o Senhor Ângelo me incumbiu de transmitir oficialmente.

DUQUE – O que me dizem desta mudança?



PRIMEIRO SENADOR - Não pode ser, não faz sentido. É uma manobra falsa para nos distrair. Lembremos que Chipre não apenas é mais importante para os Turcos do que Rodes, mas também que pode ser tomada com mais facilidade, pois não está tão bem guarnecida quanto Rodes. Precisamos ter isto em mente, não podemos subestimar os Turcos e esperar que deixem seu interesse maior em último lugar, adiando um ataque fácil e compensador para correr um risco maior, em um ataque menos lucrativo a Rodes.

DUQUE – Sim, com toda certeza, não é Rodes que eles têm na mira.

OFICIAL – Aí vêm mais notícias.

[*Entra um Mensageiro*]

MENSAGEIRO – Os Otomanos, reverendo senhor, encaminhando-se primeiro na direção de Rodes, juntaram-se a uma outra frota.

PRIMEIRO SENADOR – É o que eu pensava; quantas naus, você tem uma idéia?

MENSAGEIRO – Trezentas, e agora, outra vez, voltam seu curso abertamente na direção de Chipre: senhor Montano, seu fiel e valoroso servo desejando servi-lo e aconselhá-lo, pede-lhe que acredite no que lhe diz.

DUQUE – É certo, então, que o alvo é Chipre. Marcus Lucicos não está aqui na cidade?

PRIMEIRO SENADOR – Ele está em Florença neste instante.

DUQUE – Escreva-lhe de nossa parte, e diga que venha com urgência.

PRIMEIRO SENADOR - Aí vem Brabâncio e o valoroso Mouro.

[*Entram BRABÂNCIO, OTELO, CÁSSIO, IAGO, RODRIGO e os oficiais*]

DUQUE – Valoroso Otelô, precisamos enviá-lo imediatamente contra o general otomano inimigo; [*a Brabâncio*] eu não o tinha visto; benvindo, gentil senhor, precisamos de seus conselhos e ajuda esta noite.

BRABÂNCIO – E eu dos vossos; Vossa Graça, peço perdão, não foram nem minha posição nem as notícias que ouvi que me fizeram levantar de minha cama, nem foi a preocupação geral que se apoderou de mim, pois meu sofrimento é tanto e de tal natureza que absorve e engole as outras mágoas e ainda assim prevalece.

DUQUE – Ora, o que há?

BRABÂNCIO – A minha filha! Ai, a minha filha!

TODOS – Está morta?

BRABÂNCIO – Para mim, sim, está morta, enganada, roubada de mim e corrompida por feitiços e poções de mascates, pois contrariar de tal forma a natureza (sem ser deficiente, cega ou louca) é algo impossível sem feitiçaria.

DUQUE – Quem quer que seja o responsável por este ato infame, tomou ao senhor sua filha, e a ela a razão, e o senhor mesmo há de encarregar-se de interpretar a lei e de aplicá-la segundo seu juízo, assim como faria ainda que se tratasse de um filho nosso .

BRABÂNCIO – Humildemente agradeço a Sua Graça; eis aqui o homem, o Mouro, trazido por ordens suas, ao que parece, pra tratar de assuntos do Estado.

TODOS – Oh, sentimos muito!

DUQUE – *[para Otelo]* - De sua parte o que tem a dizer?

BRABÂNCIO – Nada a não ser que é verdade.

OTELO – Poderosos, dignos e reverendíssimos senhores, meus nobres e louváveis mestres, que tomei a filha deste velho é verdadeiro; casei-me com ela. Essa é toda a extensão de minha ofensa. Sou rude em minhas falas, e pouco hábil no manejo da palavra quando os assuntos são de paz, pois desde os sete anos, descontando-se cerca de nove meses, estes braços empenharam sempre sua mais nobre força nas ações do campo de batalha. Pouco tenho a falar do mundo a não ser daquilo que trata de brigas e de guerras e portanto pouco tenho a dizer em meu favor ao falar por mim mesmo; entretanto (com sua generosa tolerância) farei um relato simples e direto de toda a minha história de amor, e de que drogas, sortilégios, conjurações e mágicas poderosas (pois essa é a acusação que pesa sobre mim) usei para conquistar sua filha.

BRABÂNCIO – Uma moça tímida, de espírito tão sossegado e calmo, que chegava a envergonhar-se das próprias emoções; e ela, apesar de sua própria natureza, idade, cultura, estirpe, e tudo o mais, foi apaixonar-se por alguém que antes temia só de olhar! É um julgamento distorcido e imperfeito ao extremo achar que a perfeição possa ir contra todas as leis da natureza. Só os enganosos truques do inferno são capazes de explicar este fato; portanto asseguro-lhes mais uma vez que, ou com poções poderosas injetadas em seu sangue ou com gotas mínimas destinadas a esse fim, ele lançou sobre ela o seu encanto.

DUQUE – Acusar não é provar se não se apresentar evidência maior e mais clara do que estas meras aparências e estas conclusões tão banais que se colocam contra ele.

PRIMEIRO SENADOR – Mas fale, Otelo: você por meios indiretos, dirigiu e envenenou os sentimentos desta jovem? Ou tudo nasceu de um pedido e de uma conversa sincera, como as que ocorrem de alma para alma?

OTELO – Faço aos senhores um pedido urgente: que mandem buscar a senhora no Sagitário, e que a deixem falar de mim perante o pai. Se o relato dela me revelar perverso, tirem de mim não apenas a confiança e o posto a mim concedidos mas a vida e deixem que sua sentença caia sobre mim.

DUQUE – Tragam Desdêmona.

OTELO – *[para Iago]* Alferes, mostre-lhes o caminho; você o conhece melhor do que ninguém.

*[Saem Iago e os oficiais]*

E enquanto ela não chega, com a mesma sinceridade com que confesso aos céus os vícios de meu sangue, contarei como conquistei o amor desta bela jovem e ela o meu.

DUQUE – Conte, Otelo.

OTELO – O pai dela me estimava; convidava-me sempre a ir à sua casa, e com frequência perguntava sobre a história de minha vida, ano a ano. As batalhas, os cercos, as reviravoltas da fortuna pelas quais eu havia passado. Eu os relatava todos, desde a infância até o momento exato em que ele me pedira que os contasse. Assim eu falava de acidentes terríveis em terra e mar, de ocasiões em que escapei por um triz da morte iminente, de ter sido levado pelo insolente inimigo, e vendido como escravo; e depois, de como comprei minha liberdade, e de meu comportamento nas viagens que fiz: das enormes cavernas e dos desertos desolados, dos precipícios ásperos, das rochas e montanhas cujos topos tocam os céus; era minha deixa para falar. Era assim que eu começava a narração; e dos canibais que se devoram entre si, dos antropófagos, e dos homens



cujas cabeças ficam abaixo da linha dos ombros. Desdêmona punha toda a sua atenção nestes relatos; mesmo que os afazeres da casa a afastassem de lá tanto quanto possível ela tratava de apressá-los, e vinha novamente, com ouvidos vorazes devorar minhas histórias; observando isto, achei um dia uma hora oportuna e encontrei bons meios de fazer que ela me pedisse de todo o coração que lhe contasse em detalhes a história de minhas andanças pela vida, já ouvida antes aos pedaços, e sem a devida atenção; eu concordei; e com frequência eu a fazia derramar lágrimas quando eu falava de algum golpe doloroso sofrido em minha juventude. Uma vez contada a minha história, ela me dava, por meus sofrimentos, um mundo de suspiros: jurava que, de fato, o que eu contava era estranho, mais do que estranho, era comovente, era extraordinariamente comovente: ela preferiria nunca tê-lo ouvido; ao mesmo tempo, desejava que o céu tivesse feito dela um homem assim; agradecia-me e pedia-me, caso eu tivesse um amigo que a amasse, que o ensinasse a contar a minha história, e com isso cortejá-la. Diante desta deixa eu disse: ela me amou pelos perigos que eu passei; e eu a amei por ter se comovido com eles. Esta é a única feitiçaria que usei: aí vem a senhora; deixe que ela própria testemunhe.

*[Entram Desdêmona, Iago e Oficiais]*

DUQUE – Uma história assim conquistaria minha filha, também. Meu bom Brabâncio, encare esta complicada questão da melhor forma que puder. Armas quebradas são mais úteis que as mãos desarmadas.

BRABÂNCIO – Eu lhe peço, deixe-a falar: se ela se confessar parcialmente responsável que a destruição caia sobre minha cabeça, se minha acusação recair sobre ele! Venha, gentil senhora: dentre todos os que aqui estão percebe a quem a senhora deve obediência maior?

DESDÊMOMA – Meu nobre pai, entendo que tenho aqui um dever dividido: ao senhor estou sujeita por minha vida e educação, ensinaram-me a respeitá-lo como senhor do dever; até este momento fui sua filha: mas este é meu marido; e devo declarar que a mesma obediência que minha mãe demonstrava ter-lhe em detrimento do próprio pai, é a que eu devo ao Mouro, meu senhor.

BRABÂNCIO – Que Deus o acompanhe. Para mim está encerrado. Se assim desejar sua Graça, passemos aos assuntos do Estado: antes eu tivesse adotado um filho do que tê-lo tido. Aproxime-se Mouro: dou-lhe aqui, com todo o meu coração aquela que, se já não fosse sua, com todo o meu coração eu manteria longe de você. Por sua causa, meu tesouro, fico feliz por não ter outros filhos; pois sua fuga me levaria a ser tirano, e restringir a liberdade deles. Nada mais tenho a dizer, senhor.

DUQUE – Deixe que eu retome suas palavras e profira uma sentença que, como um passo adiante, possa ajudar estes amantes em consideração ao senhor. Quando não há mais remédio, terminam os males que as esperanças alimentavam. Lamentar um sofrimento do passado é dar um passo no sentido de atrair um novo mal. Quando o destino leva algo que não podemos preservar, o melhor é deixar que a paciência zombe do infortúnio. O sorriso de quem é roubado rouba algo ao ladrão; aquele que dá margem a mágoas inúteis rouba-se a si próprio.

BRABÂNCIO – Deixemos então que os Turcos nos roubem Chipre, nós não perdemos se pudermos sorrir. Quem agüenta bem a sentença é aquele que consegue agüentar também os conselhos que escuta; mas aquele que agüenta tanto a sentença quanto a mágoa deve munir-se de paciência. Estes dizeres que adoçam ou que amargam, e são fortes tanto de um lado como de outro, são ambíguos: mas palavras são palavras; nunca ouvi que se ferisse um coração magoado através do ouvido. Eu humildemente apelo ao senhor que continuemos com os assuntos do Estado.

DUQUE – Os turcos estão a caminho de Chipre com uma poderosíssima armada. Otelo, você conhece muito bem as condições do lugar, e embora tenhamos lá um substituto de reconhecida competência, é em você que a opinião pública confia mais. Portanto, conforme-se: é preciso embaçar o brilho de seus sucessos recentes e partir para esta dura e tumultuada expedição.

OTELO – Sou escravo do hábito, caros senhores, e ele transformou minha dura cama de campanha em leito macio de plumas. Confesso que as dificuldades me deixam cheio de entusiasmo. Assumo plenamente o compromisso de levar adiante esta guerra contra os turcos. Portanto, curvo-me respeitosamente diante deste Conselho, e peço que dêem a minha mulher habitação e tratamento compatíveis com meu cargo e com sua condição.

DUQUE – Se lhe agrada, ela poderá permanecer na casa do pai.

BRABÂNCIO – A mim não agrada.

OTELO - Nem a mim.

DESDÊMOMA – A mim também não. Não desejo ficar lá e aborrecer meu pai com minha presença. Caríssimo duque, peço que me escute e que reconheça minha sinceridade.

DUQUE – O que você quer dizer, Desdêmona?

DESDÊMOMA – Minha forma impetuosa de agir e as conseqüências turbulentas dos meus atos revelam ao mundo que eu amo o Mouro e que desejo viver com ele. Vi o rosto de Otelô em meu pensamento, e consagrei minha alma e meu destino à sua glória. Se eu tiver que ficar para trás enquanto ele vai à guerra, meus caros senhores, ficarei privada dos ritos pelos quais me apaixonei por ele, e a ausência dele será um período longo e doloroso. Deixem que eu vá também.

OTELO - Senhores, façam o que ela pede. Juro pelo céu que não o peço para satisfazer o apetite dos sentidos, e nem para adequar o calor das paixões juvenis à minha própria natureza, onde elas já não existem. Não imaginem, tampouco, que vou deixar de cumprir as sérias e formidáveis tarefas que me pedem pelo fato de ela estar comigo. Se algum dia o amor diminuir o meu espírito de luta e embotar minha mente, e se o prazer prejudicar e conspurcar minha carreira, que o meu elmo se transforme em caldeirão de cozinheiras, e que minha reputação seja atingida por toda sorte de adversidades!

DUQUE – Pois que seja como você determinar. Quer ela fique, quer vá, os assuntos do Estado são urgentes, e requerem pressa.

PRIMEIRO SENADOR – Você precisa partir hoje à noite.

OTELO – Partirei de muito bom grado.

DUQUE – Às nove da manhã nós nos encontraremos aqui. Otelô, deixe um de seus oficiais ficar para trazer e levar notícias de seu interesse.

OTELO- Se lhe agrada, senhor, o meu alferes; ele é um homem honesto e de confiança. A ele encarreguei de escoltar minha mulher e tudo o que o senhor achar necessário mandar após minha partida.

DUQUE – Pois que seja assim. Boa noite a todos [A *Brabâncio*] nobre senhor, se a virtude não se ressentida da falta da beleza, seu genro é muito mais branco do negro.

PRIMEIRO SENADOR – Adeus, valoroso Mouro. Faça Desdêmona feliz!

[*Saem o DUQUE, os SENADORES e os OFICIAIS*]



OTELO – Pela fidelidade dela empenho minha vida: honesto Iago, preciso deixar minha Desdêmona aos seus cuidados. Peço-lhe que leve sua mulher para servi-la, e que as leve na ocasião mais propícia. Venha Desdêmona, só tenho uma hora para o amor, para os preparativos. Precisamos aproveitar o tempo!

*[Saem OTELO e DESDÊMOMA]*

RODRIGO – Iago!

IAGO – O que quer, nobre coração?

RODRIGO – O que você acha que devo fazer?

IAGO – Ir para a cama e dormir.

RODRIGO – Vou me afogar imediatamente, isso sim.

IAGO – Bem, se você o fizer, perderá a minha estima. Qual o motivo, seu tolo?

RODRIGO – É tolice viver quando viver é um tormento. Temos então a prescrição para morrer quando a morte é o nosso médico.

IAGO – Ah, seu vilão! Há vinte e oito anos observo o mundo, e desde o momento em que pude distinguir um benefício de uma ofensa, nunca via um homem que soubesse estimar a si próprio. Dizer que eu me afogaria pelo amor de uma galinha qualquer seria o mesmo que dizer que troco minha condição humana pela de um macaco.

RODRIGO – O que devo fazer? Confesso que me envergonho de estar assim apaixonado, mas não tenho virtude suficiente para me emendar.

IAGO – Que virtude? Virtude uma ova! É de nós mesmos que depende sermos assim ou assado. O corpo é nossa horta, e a razão é que cuida dela. Plantar urtigas, ou semear alface, criar hissopos ou arrancar as ervas daninhas, cultivar uma só espécie ou cultivar várias, deixar que o solo seque e fique estéril ou trabalhar duro para que seja fértil, ora, o poder para isso está em nós mesmos, em nossa própria vontade. Se a balança da nossa vida não tivesse o prato da razão para contrabalançar o prato das paixões, a baixeza natural dos nossos instintos nos levaria às conclusões mais insensatas. Mas temos a razão para esfriar o fogo dos nossos atos turbulentos, dos nossos desejos carniais, da nossa luxúria desmedida. Assim sendo, minha conclusão é que aquilo que você chama de amor não passa de um enxerto ou de um pequeno broto mal saído da semente.

RODRIGO – Isso é que não.

IAGO – O amor não passa de luxúria do sangue e de concessão da vontade. Vamos lá, seja homem, afogue-se! Gatos e cachorrinhos cegos é que são afogados. Eu me considero seu amigo e tenho por você fortes laços de estima. E nunca tive oportunidade melhor do que esta para ajudá-lo. Ponha dinheiro em sua bolsa, é o que lhe digo. Mascare sua própria natureza, se for preciso, e venha também para a guerra. É o que lhe digo, ponha dinheiro em sua bolsa. Não é possível que Desdêmona continue apaixonada pelo Mouro... Ponha dinheiro em sua bolsa... O começo desse amor foi violento, e você vai ver que o desfecho não será diferente. Esses Mouros têm natureza volúvel... Encha sua bolsa de dinheiro. O prato que ele agora acha um verdadeiro manjar, muito em breve vai achar amargo como fel. Ela deve mudar, pois é jovem. Quando ela estiver saciada do corpo dele, vai se dar conta da má escolha que fez. Ela deve mudar, é previsível. Portanto, encha sua bolsa de dinheiro: se você quer condenar-se a si próprio, faça-o de modo mais sutil do que afogando-se. Junte todo o dinheiro que puder. Se a falsa santidade e os frágeis votos do matrimônio de um bárbaro nômade com uma veneta matreira não forem

demais para minha inteligência e para todos os demônios do inferno, você há de desfrutar dela. Portanto, junte dinheiro! Ao diabo o afogamento! Isso está fora de cogitação: antes ser enforcado e satisfazer seu desejo do que se afogar e ficar sem ela.

RODRIGO - Promete ser fiel às minhas esperanças se eu confiar no que você me diz?

IAGO - Pode contar comigo... Vá, arranje dinheiro... Eu já lhe disse antes, digo agora e repito mais e mais: eu odeio o Mouro do fundo do meu coração. Meu ódio tem raízes mais fundas que o seu. Vamos nos unir em nossa vingança contra ele: se você puder colocar-lhe um belo par de chifres, isso será, para você, um prazer, e para mim, um divertimento. Muita água ainda há de passar por baixo da ponte. Portanto, vá, arranje dinheiro. Amanhã voltaremos a falar de nossos planos. Até lá!

RODRIGO - E onde é que vamos nos encontrar?

IAGO - Em meu alojamento.

RODRIGO - Estarei lá bem cedo.

IAGO - Pois então até lá! Você compreendeu bem, não é, Rodrigo?

RODRIGO - O que você quer dizer?

IAGO - Nada de pensar em afogamento, ouviu?

RODRIGO - Mudei completamente de idéia. Vou vender as minhas terras todas.

IAGO - Pois vá. Adeus. E ponha dinheiro suficiente em sua bolsa.

[RODRIGO sai]

É assim que eu faço para transformar um burro numa burra: perder meu tempo com um idiota desses seria jogar fora tudo o que aprendi, a menos que seja por diversão ou interesse. Odeio o Mouro, e já houve quem dissesse que, em minha ausência, ele esteve em minha cama fazendo o meu próprio papel ... Se é verdade ou não, é coisa que eu não sei, mas a simples suspeita, num caso desses, me leva a agir como quem tem plena certeza. Ele me estima, o que torna tudo mais fácil. Cássio é o homem certo. Vejamos agora... Conquistar o lugar dele e atingir o meu propósito é uma dupla manobra... Como fazer? Deixe ver... Ao fim de algum tempo, insinuar a Otelo que há uma intimidade excessiva de sua mulher com Cássio. Rapaz de bela aparência e de maneiras gentis, Cássio foi feito para impressionar as mulheres. O Mouro, que tem uma natureza franca e livre, e que acredita piamente nas aparências, vai se deixar levar pelo focinho como um asno. Aí está! É isso! O plano está concebido. Agora o fogo do inferno e a escuridão da noite que se encarreguem de trazer ao mundo esse pequeno monstro em gestação.

## ATO II

### CENA I

[Porto marítimo em Chipre. Espaço aberto junto ao Cais.]

[Entra MONTANO, com dois Cavalheiros.]

MONTANO - O que é que vocês conseguem avistar do alto das rochas?

PRIMEIRO CAVALHEIRO – Não se consegue avistar nada. A maré alta e as ondas violentas não deixam distinguir-se o céu do mar. Não se consegue ver uma vela sequer...

MONTANO – A impressão que se tem é que o vento está uivando em terra firme. Nunca um temporal caiu tão forte sobre nossas muralhas... Se tiver caído no mar com força igual, não há viga de carvalho que tenha resistido. Que notícias teremos no final?

SEGUNDO CAVALHEIRO – Que a frota turca dispersou-se. Ponham-se aqui, junto à arrebentação: é como se as ondas estivessem batendo nas nuvens e o vento quisesse engolir as sentinelas. Nunca antes vi o mar assim revoltado!

MONTANO – Se os turcos não tiverem procurado abrigo, a esta altura já estão todos afogados. É impossível que tenham resistido.

*[Entra um terceiro Cavalheiro]*

TERCEIRO CAVALHEIRO – Novidades, senhores! Acabaram as guerras. A tempestade caiu com tal força sobre os turcos que eles acabaram abandonando os planos. Um outro navio, vindo de Veneza, presenciou a aflição e os graves danos sofridos pela maior parte da frota.

**[OMITIDAS AS SEGUINTE FALAS: TERCEIRO CAVALHEIRO, MONTANO, TERCEIRO CAVALHEIRO, MONTANO, TERCEIRO CAVALHEIRO, P 53 edição Onestaldo]**

*[Entra CÁSSIO]*

CÁSSIO – Que os céus defendam o Mouro contra a fúria da tempestade! Eu o perdi de vista na agitação do mar.

MONTANO – É forte o navio em que ele está?

CÁSSIO – O madeiramento é sólido e o piloto é experiente. É só por isso que não perdi ainda as esperanças.

*[Dentro: “Barco à vista! Barco à vista!”]*

*[Entram DESDÊMOMA, EMÍLIA, RODRIGO E OFICIAIS]*

CÁSSIO – Vejam, senhores! O carregamento precioso acaba de chegar em terra firme. Vocês, habitantes de Chipre, ponham-se de joelhos. Bem vinda, Senhora! Que o céu a cubra de graças.

DESDÊMOMA – Muito grata, valoroso Cássio. Que notícias você me dá do meu senhor?

CÁSSIO – Ele ainda não chegou, mas sei que está bem e que chegará em breve.

DESDÊMOMA – Ah, eu tenho medo, mesmo assim... Como foi que você se apartou dele?

*[Dentro: “Uma vela! Uma vela!”]*

CÁSSIO – Foi a agitação do céu e do mar que nos separou

*[Canhões são ouvidos]*



SEGUNDO CAVALHEIRO – Estão saudando a nossa fortaleza. Parecem ser dos nossos.

[*Sai o cavalheiro*]

CÁSSIO – Bem vindo, meu bom alferes. [*A Emília*] Bem vinda, senhora. Meu bom Iago, não me leve a mal se pareço tomar liberdades: é por uma questão de criação que ajo assim, mesmo num simples ato de cortesia.

[*Beijando-a*]

IAGO – Pois senhor, se ela lhe desse com os lábios tanto quanto me dá com a língua, o senhor logo ficaria farto.

DESDÊMOMA – Ora! Ela mal abre a boca...

IAGO – Abre, sim, e até demais! É o que eu constato, pois quando vou dormir - Santo Deus, diante de sua Excelência, juro que ela recolhe a língua e fica remoendo seus resmungos mentalmente.

EMÍLIA – Você fala sem razão.

IAGO – Ora vamos, fora de casa vocês todas são verdadeiras pinturas. Mas na sala de visitas são como campainhas, e na cozinha, como gatas selvagens. Quando se metem a injuriar são verdadeiras santas, mas se são ofendidas, logo viram demônios. Na vida doméstica brincam e representam, mas na cama, mostram que conhecem bem seu ofício.

DESDÊMOMA – Ora, cale-se, seu mentiroso!

IAGO – Pois olhe, eu quero ser pagão se o que eu estou dizendo é mentira. Vocês mulheres levantam-se de manhã para se divertirem e de noite vão para a cama para trabalhar.

EMÍLIA – Eu não pedi para você fazer elogios à minha pessoa.

IAGO- E nem me peça, mesmo.

DESDÊMOMA – E de mim, o que você diria, se tivesse que escrever em meu louvor?

IAGO - Oh, gentil senhora, não me force a fazê-lo, pois sou crítico acima de tudo.

DESDÊMOMA – Ora, vamos, tente! Alguém já foi até o porto?

IAGO – Já, minha senhora.

DESDÊMOMA – Não me sinto nem um pouco alegre. O jeito é procurar enganar a preocupação e aparentar o contrário. Vamos, diga, o que diria em meu louvor?

IAGO – Estou tentando desentalar as idéias da cabeça... É tão difícil que acho que é preciso arrancá-las daqui de dentro com miolos e tudo... Mas parece que a minha musa está conseguindo parir alguma coisa ... Bem, aqui está:

*Mulher louca, bela e esperta  
Usa a esperteza que tem  
Pra só usar seus encantos  
Do modo que lhe convém.*

DESDÊMONA – Pois sim, que “belo” elogio! Mas e se a mulher for morena?

IAGO – *A morena que for bela  
E também esperta for  
Deve procurar alguém  
Que aprecie a sua cor.*

DESDÊMONA – Pior ainda!

EMILIA – E se a mulher for bela e tola?

IAGO – *Se for tola sendo bela  
Não há nada que temer:  
Quem é bela tem parceiro  
E herdeiros há de ter.*

DESDÊMONA – Essas são quadrinhas antigas feitas para divertir os bobos nas tabernas. E qual é o elogio lamentável que você tem para aquela que é feia e tola?

IAGO – *Mesmo sendo tola e feia  
A mulher ainda é capaz  
De rir e zombar do homem  
Como a bela e sábia faz.*

DESDÊMONA – Ah, quanta ignorância! O elogio mais bem feito foi justamente o da pior mulher! Mas qual seria o elogio que você destinaria a uma mulher que realmente merecesse ser elogiada? Uma mulher cujos méritos calassem a boca até dos maledicentes?

IAGO – *Sendo bela não ostenta vaidade,  
Sabe expressar-se e o faz com sobriedade.  
Nada lhe falta: viveu sempre na fartura,  
Mas em seus modos há modéstia e compostura.  
Conhece o desejo, mas impõe-se a disciplina:  
Resiste aos impulsos e a raiva domina.  
Perante o mundo sabe ter discernimento:  
Descrê das aparências e preserva o pensamento.  
Tantos a cortejam e ela passa, soberana,  
E é de se crer que para mostrar-se humana  
Seja preciso...*

DESDÊMONA - Seja preciso fazer o quê?

IAGO – Seja preciso tratar das pequenas coisas triviais do dia a dia.

DESDÊMONA – Que conclusão mais fraca e sem sentido! Não dê ouvidos a ele, Emília, mesmo sendo seu marido! O que você diz disso, Cássio? Não é muito abuso e atrevimento da parte dele?

CÁSSIO – Senhora, ele fala sem papas na língua. É melhor como soldado do que como literato.

IAGO (à parte) – Ele pega na mão dela... Isso... Assim... Cochicha no ouvido dela.... Não preciso mais do que um fiozinho de desculpa como esse para enredar Cássio. Vamos, sorria para ela... é com a corrente dos seus próprios galanteios que eu vou acorrentá-lo: você fala com sinceridade, é isso mesmo. Se estas manobras derem certo e lhe tirarem o posto de tenente, você vai se arrepender de ter se metido a fazer todas essas

reverências e mesuras, querendo se fazer de nobre... ótimo, muito bem, é muito hábil na arte do cortejo... É isso mesmo... O que, outra vez? Beijos e mais beijos atirados com os dedos? Para você seria melhor que fossem seringas de clister...[*Soam trombetas do lado de dentro*] O Mouro! Esse é o toque dele!

CÁSSIO – É ele mesmo!

DESDÊMOMA – Vamos ao encontro dele, vamos recebê-lo.

CÁSSIO – Aí está ele!

[*Otelo entra com sua comitiva.*]

OTELO – Minha bela guerreira!

DESDÊMOMA – Meu querido Otelo!

OTELO – Que surpresa maravilhosa ver você aqui, diante de mim: minha alma se enche de alegria! Se toda tempestade for seguida de uma bonança destas, que os ventos soprem até acordar os mortos e que as naus subam ao topo das ondas mais altas e despenquem de novo nas profundezas do inferno. Se eu tivesse que morrer neste exato momento, morreria na mais feliz das horas. Minha felicidade é tão grande que receio o destino, que ignoro, não me reserve outro momento de alegria igual!

DESDÊMOMA – Deus permita que não seja assim, e que o nosso amor e prazer aumentem sempre com o tempo.

OTELO – Que os bons deuses o permitam. As palavras até me faltam, tamanha é a minha alegria. E que isto, e mais isto [*beijando-a*] seja o máximo de dissonância que nossos corações possam produzir.

IAGO – [*À parte*] Ah, como vocês estão bem afinados! Deixem estar que eu vou afrouxar as cravelhas, e vocês vão ver só o que é dissonância.

OTELO - Venham, vamos para o castelo. Temos novidades, amigos: a guerra acabou, os turcos se afogaram! Como vão nossos velhos conhecidos da ilha? Meu amor, você vai ser muito benquista em Chipre. Eu sou muito estimado por todos daqui. Minha querida, minha alegria é tanta que eu fico falando pelos cotovelos. Meu bom Iago, peça-lhe que vá até o navio e faça desembarcarem minhas arcas. Depois traga o capitão até a fortaleza. Ele é dos bons, e mostrou uma competência que requer respeito. Venha, Desdêmona. Mais uma vez, abençoado seja o nosso encontro em Chipre!

[*Saem todos, com exceção de IAGO e RODRIGO*]

IAGO - Vá encontrar-se comigo imediatamente no porto. Olhe aqui. Se você tiver coragem, pois dizem que até os covardes, quando estão apaixonados, mostram uma coragem fora do comum, ouve só: o tenente hoje à noite está de vigília no Pátio da Guarda. Antes de mais nada, quero que você saiba que Desdêmona está completamente apaixonada por ele.

RODRIGO – Por ele? Ora, não é possível!

IAGO – Fique de boca fechada e ouça quem tem mais experiência. Lembre que ela ficou louca pelo Mouro só por causa de um monte de bravatas e mentiras fantasiosas. Será que vai continuar a amá-lo só por causa da parlapatice? Não seja tolo de acreditar nisso. Ela precisa ter alguém que lhe encha os olhos. Que prazer poderá ter em olhar para aquele diabo? Quando a prática do sexo esfria o sangue, só duas coisas fazem que ele se inflame outra vez: uma aparência agradável e a compatibilidade de idades, gostos e maneiras. O Mouro não tem nenhuma dessas qualidades, e ela, sensível como é, logo vai começar a sentir nojo dele e a detestá-lo.



Assim sendo, a própria natureza vai levá-la a uma segunda escolha, isto é mais do que certo. E quem é que está tão próximo de ser o escolhido como Cássio? Um patife cheio de lábia e sem nenhum princípio, que só sabe se fingir de cortês e cavalheiro para melhor satisfazer seus apetites secretos e imorais! Um devasso, um canalha cheio de manhas, oportunista, capaz de forjar aquilo que não aconteceu só para tirar vantagens! Um vilão dos diabos! Além do mais esse vilão tem uma bela figura, é jovem, e tem as qualidades que as bobinhas e inexperientes como ela costumam procurar. E a mulher já se deu conta das verdadeiras intenções dele.

RODRIGO – Não posso acreditar numa coisa dessas em se tratando dela! Ela que é tão virtuosa!

IAGO – Virtuosa uma ova! Ela é feita de carne e osso e o vinho que ela toma é feito de uvas! Se fosse tão virtuosa nunca teria se apaixonado pelo Mouro. Virtuosa! Faça-me o favor! Pois você não viu o modo como ela dava palmadinhas na mão dele? Não notou?

RODRIGO – Notei, mas aquilo foi por cortesia.

IAGO – Foi por sensualidade, isso sim. Um indício muito claro de que esta é uma história cheia de erotismo e pensamentos obscenos. Eles chegaram tão próximos um do outro que os hálitos se misturaram... Pensamentos infames, Rodrigo! Essas intimidades, quando começam a acontecer, vão capitaneando e preparando o caminho para o principal exercício de guerra, que é - cráu! - o combate corpo a corpo! Mas senhor, não fui eu quem o trouxe de Veneza? Fique atento hoje à noite e eu lhe darei instruções mais detalhadas. Cássio não conhece você. Eu estarei por perto. Trate de encontrar um jeito de provocá-lo, seja falando em altos brados, seja ridicularizando as ordens dele ou de alguma outra forma que fica a seu critério, dependendo da hora e do lugar.

RODRIGO – Ótimo.

IAGO – Ele é precipitado e temperamental, e pode até querer golpear você...Provoque-o de tal forma que ele venha mesmo a fazer isso. Eu usarei o pretexto como meio de promover um motim em Chipre e assim acarretar a destituição dele. Assim, com os meios que coloco à sua disposição, os obstáculos terão sido afastados e você estará mais próximo de seus objetivos.

RODRIGO – Pois eu farei isso se você arranjar a oportunidade.

IAGO - Eu lhe asseguro que arranjarei. Vá ao meu encontro na fortaleza. Tenho que ir buscar os pertences dele. Até mais tarde.

RODRIGO – Até mais tarde.

[Sai]

IAGO – Que Cássio a ama é algo em que acredito. Que ela o ama também é bem provável. Embora eu não suporte o Mouro, reconheço que é constante, nobre e amoroso, e ousa até pensar que seja um ótimo marido para Desdêmona. O fato é que também eu a amo, não apenas por luxúria, embora eu não esteja isento de pecado tão grande, mas em parte por desejo de vingança: suspeito que, com sua sensualidade toda, o Mouro já tenha andado cavalgando em minha sela. Essa idéia, como um veneno corrosivo, está me consumindo por dentro, e não há nada que faça minha alma sossegar até que eu lhe tenha dado o troco, mulher por mulher! Se eu fracassar, pelo menos despertarei nele um ciúme tal que a razão não conseguirá curar. Se esse pobre traste de Veneza seguir a pista que lhe dou e se lançar à caça, eu terei Miguel Cássio em minhas mãos, e vou difamá-lo junto ao Mouro da forma mais grosseira e direta que puder, pois receio que também Cássio já tenha andado pernoitando em minha cama. Fazer que o Mouro me seja grato, me estime e recompense...Fazer que ele faça o papel de grande cavalgadura e ir aos poucos lhe roubando a paz e o sossego até fazê-lo chegar à loucura... Esse é o plano, embora esteja ainda um pouco confuso. A canalhice nunca mostra totalmente a cara até que tenha sido posta em prática.

[Sai]

## CENA II

[Uma rua]

[deslocada para o final da cena III]

## CENA III

[Uma sala no castelo]

[Entram OTELO, DESDÊMOMA, CÁSSIO e comitiva]

OTELO – Meu caro Miguel, fique de guarda hoje à noite. Não vamos deixar que os divertimentos ultrapassem os limites da discricção.

CÁSSIO – Já dei instruções a Iago a respeito disso. Ainda assim, eu mesmo farei a inspeção geral.

OTELO – Iago é digno de toda a confiança. Boa noite, Miguel. Amanhã, o mais cedo possível, preciso falar com você. [a DESDÊMOMA] Vem, meu amor. Uma vez assinada a escritura, é preciso consumir a posse e desfrutar dos frutos e dos lucros que teremos. Boa noite.

[Saem OTELO, DESDÊMOMA e a comitiva]

\* [Entra um Arauto lendo uma proclamação]

ARAUTO – É da vontade de Otelo, nosso nobre e valoroso general que, em vista das notícias que acabam de chegar sobre a derrota total da armada turca, que todo o povo de Chipre comemore o triunfo, seja com danças, seja com fogueiras. Que cada um proceda como lhe agradar, pois além destas auspiciosas notícias, anuncia-se também a celebração de suas núpcias. É o que proclamamos por ordem sua. Todos os estabelecimentos encontram-se abertos e ficam franqueados a partir de agora, cinco horas da tarde, até que o sino tenha tocado às onze horas da noite. Deus abençoe a Ilha de Chipre e o nosso nobre General Otelo!

[Sai]

[Entra IAGO]

CÁSSIO – Benvindo, Iago! Precisamos ir para o pátio da guarda.

IAGO – Ainda não, tenente. Não são dez horas ainda. Nosso general despediu-se cedo por amor à sua Desdêmoma, e é claro que não vamos culpá-lo por isso. Ele ainda não havia tido tempo para uma noite de amor com ela, e ela é do tipo que deve estar impaciente.

CÁSSIO – Ela é uma dama perfeita.

IAGO – E muito ardente, garanto.

CÁSSIO – Não há dúvida de que é uma criatura muito inexperiente e sensível.

IAGO – E que olhos provocadores ela tem! É como se ao olhar fizessem soar o toque de prontidão.

CÁSSIO – Sim, são convidativos, mas ao mesmo tempo me parecem completamente recatados.

IAGO – E quando ela fala, é um verdadeiro chamado às armas do amor.

CÁSSIO – É uma perfeição, de fato.

IAGO – Bem, que seja muito feliz na cama! Vamos, tenente, eu tenho um jarrão de vinho e aqui fora estão alguns cavalheiros de Chipre que de bom grado tomariam um trago à saúde do negro Otelo.

CÁSSIO – Não esta noite, meu bom Iago. Tenho uma cabeça desastrosamente fraca para a bebida. Eu bem que gostaria que se inventasse outra forma de se festejarem as pessoas.

IAGO – Ora, são nossos amigos... uma caneca só, e depois eu beberei em seu lugar.

CÁSSIO – Já bebi uma esta noite, e habilmente disfarçada com água, e olhe só que alterações já me causou. É um azar ser fraco assim para beber, e eu não quero sobrecarregar ainda mais minha fraqueza.

IAGO – Ora, homem, que diabos! Esta é uma noite de festa e os cavalheiros estão desejosos de um bom vinho.

CÁSSIO – E onde estão?

IAGO – Aí fora. Por favor, peça que entrem.

CÁSSIO – Vou pedir, mas contra a minha própria vontade.

[Sai.]

IAGO – Se eu conseguir empurrar-lhe mais uma caneca além da que já bebeu esta noite, vai ficar tão briguento e irritadiço como um cão de guarda de moça... O idiota do Rodrigo, que por amor quase se virou do avesso, já entornou quase dois litros por causa de Desdêmona e está de guarda. Também tratei de embebedar três outros rapazes, chipriotas dos mais exaltados, desses que não deixam por menos em questões de honra, e também eles estão montando guarda... E no meio dessa horda de beberrões quero levar Cássio a praticar algum ato que possa causar ofensa à ilha. Mas aqui vêm eles. Se tudo acontecer como espero, meu barco vai navegar de vento em popa.

[Entram de novo CÁSSIO, e com ele MONTANO, Cavalheiros e empregados que trazem vinho.]

CÁSSIO – Por Deus, já me fizeram beber uma caneca cheia até a boca.

MONTANO – Na verdade era uma caneca pequena, que não devia ter nem um quartilho. Palavra de soldado.

IAGO – Ei, mais vinho!

[Canta]

*Vamos bater a caneca, tlintlin  
Deixa a caneca bater, tlintlin  
Soldados são homens  
Que a vida consome,  
Então deixa o soldado beber!*



Rapazes, mais vinho!

CÁSSIO – Puxa, é uma ótima canção.

IAGO – Aprendi na Inglaterra. É lá que se bebe pra valer. Nem os dinamarqueses, nem os alemães, nem os holandeses com suas enormes panças - ei, mais vinho! - chegam a bater os ingleses na arte de beber.

CÁSSIO – Quer dizer que inglês é bom mesmo de copo?

IAGO – Ora, o que um inglês bebe num piscar de olhos dá para fazer um dinamarquês cair de bêbado, e sem muito esforço consegue deixar para trás o alemão. E faz vomitar o holandês enquanto espera uma segunda rodada.

CÁSSIO – À saúde do nosso general!

MONTANO – Tenente, eu o acompanho nesse brinde.

IAGO – Oh, Inglaterra querida!

[Canta]

*Rei Estevão, valoroso e bonachão  
Por seu culote pagou uma migalha  
Porém, considerando exploração,  
Xingou o alfaiate de canalha.*

*'Sou rei de renome e de reputação  
Você é um tipo sem nenhum valor.'  
'Esse orgulho rebaixa e arruína a nação  
Torne a por sua velha roupa, meu senhor.'*

Ei, mais vinho!

CÁSSIO – Ora, essa canção é mais bonita do que a outra.

IAGO – Quer ouvir de novo?

CÁSSIO – Não, por que acho que aquele que pratica esses atos é indigno do seu posto. Bem, Deus está acima de todos, e há almas que precisam ser salvas e outras que não devem ser salvas.

IAGO - É verdade, tenente.

CÁSSIO – No que me diz respeito, sem querer ofender o general ou a qualquer outro homem de qualidades, eu espero ser salvo.

IAGO – Eu também, tenente.

CÁSSIO – Mas, com sua licença, eu devo ser salvo primeiro. O tenente deve ser salvo antes do alferes. Bem, chega deste assunto. Vamos à nossa obrigação. Que Deus nos perdoe pelos nossos pecados! Cavalheiros, mãos à obra. Não pensem que eu estou bêbado, este é o meu alferes, esta é a minha mão direita, e esta é a esquerda. Não estou bêbado, como vocês podem ver. Consigo ficar de pé e falar suficientemente bem.

TODOS – Muiíssimo bem!

CÁSSIO – Ótimo, então. E nada de pensar que eu estou bêbado.

*[Sai]*

MONTANO – Todos para a esplanada, senhores. Venham, vamos nos por de guarda.

IAGO – Vocês viram esse soldado que acabou de sair? É um líder perfeito, do tipo que nasceu para o comando. No entanto, vejam só, o vício é tão grande quanto o mérito. É uma pena, e eu receio muito pela confiança que Otelo deposita nele. Mais cedo ou mais tarde ele é capaz de causar estragos aqui na ilha.

MONTANO – Então isso é habitual nele?

IAGO – Ele começa sempre assim para depois cair no sono. Se não estiver bêbado e cair dormindo, é capaz de ficar de guarda direto por quarenta e oito horas.

MONTANO – Seria bom que o general fosse informado disso. Pode ser que ele não note, ou que a sua boa índole enxergue só as virtudes de Cássio, e não os defeitos, não é verdade?

*[Entra RODRIGO]*

IAGO –*[à parte, para ele]* Rodrigo, vá agora mesmo atrás do tenente.

*[RODRIGO sai]*

MONTANO – É lamentável que o nobre Mouro se arrisque a confiar um posto de tanta confiança a alguém com uma fraqueza dessas. Seria justo contar tudo ao Mouro.

IAGO – Pois eu não faria isso nem por toda esta bela ilha em troca. Tenho uma estima muito grande por Cássio *[Ouve-se gritos vindos de dentro: Socorro! Socorro!]* e faria tudo para livrá-lo deste mal - mas que barulho é esse?

*[Entra CÁSSIO trazendo RODRIGO dominado e sob seu controle.]*

CÁSSIO - Porra, seu canalha, miserável!

MONTANO – O que é que há, tenente?

CÁSSIO – Um calhorda desse querendo me ensinar o meu dever! Vou dar tanto nele de chicote que vou deixá-lo todo listado de lambadas!

RODRIGO – Vai bater em mim?

CÁSSIO – E você ainda ousa abrir a boca, patife!

*[Golpeia RODRIGO.]*

MONTANO – Tenente, por favor, contenha-se.

CÁSSIO – Se o senhor não me largar eu sou capaz de enchê-lo de porradas.

MONTANO – Calma, calma, você está bêbado.

CÁSSIO – Bêbado, eu?

[*Eles lutam.*]

IAGO – [*à parte para RODRIGO.*] Trate de cair fora daqui imediatamente e de sair gritando que acaba de estourar um motim.

[*RODRIGO sai.*]

Ora, meu bom tenente! Pelo amor de Deus, cavalheiros, vamos parar com isso! Tenente! Senhor Montano! Senhor! Ajudem aqui, senhores! Mas que guarda e tanto, esta!

[*Ouve-se tocar um sino.*]

Quem é que está tocando o sino? Caramba... A cidade inteira vai acordar! Pelo amor de Deus, chega, você vai ficar desmoralizado para sempre.

[*Voltam OTELO e oficiais.*]

OTELO – O que aconteceu aqui?

MONTANO – Por Deus, estou ferido! Estou morrendo!

OTELO – Parem, se tem amor a vida!

IAGO – Chega, parem! Tenente, senhor Montano, cavalheiros, vocês perderam completamente o senso de dever e de hierarquia? Parem! É vergonhoso!

OTELO – Ora, vamos, basta! Qual a razão de tudo isto? Será que viramos turcos para chegar ao ponto de fazer a nós mesmos o que o céu não deixa que os próprios turcos nos façam? Pelo amor de Deus, vocês deviam sentir vergonha desta barbaridade! Quem ousar levantar um dedo a partir de agora é porque não tem amor à vida! E mandem parar com aquele sino dos infernos, vai assustar a ilha inteira. Mas afinal, o que é que aconteceu, senhores? Honesto Iago, você parece abatido e triste: diga lá, quem é que começou tudo isto? Fale em nome da lealdade que você me deve.

IAGO – Só sei que até um quarto de hora atrás todos estavam aqui numa harmonia tal que até pareciam noivo e noiva prestes a irem para a cama. De repente, como se algum planeta os tivesse feito perder completamente a razão, estavam todos de espadas em punho se batendo encarniçadamente. Não sei dizer qual a razão desta briga sem sentido. Preferia ter perdido estas pernas que me trouxeram até aqui para participar disto tudo!

OTELO – Como foi Miguel, que você próprio chegou a se esquecer assim dos seus deveres?

CÁSSIO- Peço que me desculpe. Não consigo falar.

OTELO – Valoroso Montano, você sempre soube portar-se de forma civilizada.. Todos sempre notaram sua calma e austeridade, tão pouco comuns para alguém tão jovem. Seu nome sempre foi alvo da admiração dos mais sábios. O que é que houve para que a sua reputação fosse desperdiçada assim por causa de um desordeiro? Quero uma resposta para isso.

MONTANO – Valoroso Otelô, fui ferido e corro risco de vida. Seu oficial Iago poderá informá-lo, para que eu me poupe de falar sobre um assunto que só me dá dissabor. Pelo que sei, nada de mal foi dito ou feito esta



noite, a menos que a auto-complacência seja considerada um vício e que reagir a um ato de violência seja um pecado.

OTELO – Por Deus, estou começando a sentir o sangue me subir à cabeça, e quando isso acontece, não respondo por meus atos. Juro que se eu tiver que levantar este braço para castigar algum de vocês, até os mais destemidos vão cair por terra debaixo do peso da minha fúria. Quero saber como foi que esta briga vergonhosa começou, quem tomou a iniciativa e quem se revelou culpado. Mesmo que fosse meu próprio irmão gêmeo, eu faria exatamente o mesmo. Ora, em plena guerra, com as pessoas cheias de medo, ficar provocando discussões particulares a esta hora da noite e logo no corpo de guarda? É uma coisa lamentável, Iago! Quem foi que começou tudo?

MONTANO - Se você estiver mentindo ou tramando algo com outro oficial do seu escalão, você deixa de ser um soldado.

IAGO – Não me castigue falando assim de uma coisa que me é tão importante. Eu prefiro que me arranquem a língua a causar algum mal a Miguel Cássio. Mas estou convencido de que não vou prejudicá-lo se falar a verdade. Tudo se passou assim, general: Montano e eu estávamos conversando, quando de repente veio um indivíduo gritando por socorro com Cássio lhe correndo atrás de espada em punho, pronto a desferir um golpe. Senhor, este cavalheiro [*referindo-se a Montano*] dirigiu-se a Cássio para detê-lo, e eu fui atrás do desconhecido, para que os seus gritos não amedrontassem a cidade inteira. Ele, porém, foi mais rápido e escapou. Então eu voltei o mais depressa que pude, porque ouvi espadas batendo-se e caindo, e Cássio xingando de uma maneira que até esta noite eu nunca tinha visto antes. Quando eu voltei (pois tudo isso foi muito rápido), lá estavam eles se pegando, dando golpes e avançando um sobre o outro, exatamente como quando o senhor os apartou. Isso é tudo o que eu sei. Mas homens são homens, por mais que os bons às vezes se esqueçam disso. Pode ser que Cássio o tenha ofendido (pois quando alguém está cego de raiva é capaz de magoar aqueles a quem mais quer bem) mas certamente Cássio, por sua vez, deve ter sido vítima de alguma ofensa por parte desse tal homem que estava fugindo, e paciência tem limites.

[p. 86, antes da primeira fala de Otelô]

OTELO – Eu sei muito bem, Iago, que por uma questão de honestidade e de estima por Cássio você tende a diminuir a importância deste assunto: cássio, eu quero muito bem a você, mas não o quero mais como meu oficial.

[*Entram DESDÊMONA e comitiva.*]

Vejam só, se até a minha querida esposa não acordou! (*Dirigindo-se a CÁSSIO*) Você vai servir de exemplo.

DESDÊMONA – O que aconteceu?

OTELO - Tudo está bem agora, meu anjo, volte a se deitar. [*Dirigindo-se a MONTANO.*] Senhor, eu mesmo cuidarei dos seus ferimentos. Acompanhem-no. [*MONTANO é conduzido para fora.*] Iago, faça uma inspeção cuidadosa pela cidade e acalme os que tiverem se assustado com esta briga lamentável. Venha, Desdêmona. Vida de soldado é assim mesmo: no meio de um sono repousante ser acordado por uma briga.

[*Saem todos com exceção de IAGO e CÁSSIO.*]

IAGO – O que, o senhor está ferido, tenente?

CÁSSIO – Estou, e sem qualquer esperança de cura.

IAGO – Deus o livre!

CÁSSIO – Reputação, reputação, reputação! Perdi minha reputação, perdi a parte imortal de mim mesmo, senhor, só restou a parte animal. Minha reputação, Iago, minha reputação!

IAGO - Juro que pensei que o senhor tivesse algum ferimento no corpo. Isso sim seria uma ofensa maior do que a da reputação. A reputação é uma imposição falsa e sem razão de ser, muitas vezes sem mérito algum. O senhor não perdeu reputação nenhuma, a menos que o senhor pense assim. Vamos lá, homem! Há meios de conquistar as boas graças do general outra vez! O senhor foi punido por uma explosão de raiva momentânea da parte dele, e a punição se deu mais por respeito à disciplina militar do que por rancor. É como alguém que bate no seu cachorrinho inofensivo para meter medo no leão poderoso. Faça um apelo a ele outra vez que ele será seu.

CÁSSIO – Antes apelar e pedir para ser desprezado do que decepcionar um comandante tão bom. Logo eu, um oficial beberrão e indiscreto! Bêbado, e falando como um papagaio, e comprando brigas e dizendo baboseiras! Ah, espírito invisível do vinho, se você não tem nome com que ser chamado, que seu nome seja demônio!

IAGO – Quem era aquele que você estava perseguindo com a espada em punho? O que ele fez a você?

CÁSSIO – Não faço idéia.

IAGO – Como assim?

CÁSSIO - Lembro de uma série de coisas misturadas, mas não lembro de nada com clareza. Uma briga, mas nada antes dela. Ah. Meu Deus, como é que os homens podem enfiar um inimigo boca adentro só para lhes roubar a razão! Como é que podemos, em nome da alegria, da diversão, do prazer e do aplauso alheio nos transformar em verdadeiras bestas humanas!

IAGO – Ora, mas agora o senhor está bem melhor! Como foi que se recuperou assim tão rápido?

CÁSSIO - É que o demônio da bebedeira resolveu ceder lugar ao demônio da ira. Um defeito me faz tomar consciência do outro, e tudo para que eu sinta ainda mais desprezo por mim mesmo.

IAGO – Ora, você como moralista é severo demais. Eu desejaria que nada disto tivesse acontecido, dadas as condições atuais do país. Mas uma vez que as coisas estão como estão, o jeito é consertar tudo em seu proveito.

CÁSSIO – Vou pedir meu posto a ele outra vez, e sei que ele vai me chamar de bêbado, mas mesmo que eu tivesse mil bocas essa resposta não conseguiria me fazer calar. Como é possível alguém cheio de bom senso de repente se tornar um idiota e logo depois um animal! Cada copo a mais que se bebe é amaldiçoado e contém nele o próprio demônio sob a forma de bebida.

IAGO – Ora, vamos, o bom vinho é um espírito do bem se for bem dosado. Chega de falar mal dele. Meu caro tenente, creio que o senhor acredita na estima que lhe tenho.

CÁSSIO – Tenho boas provas dela, senhor... eu, bêbado!

IAGO – O senhor ou qualquer outro mortal pode perfeitamente ficar bêbado uma vez ou outra. Vou lhe dizer o que fazer... Agora a mulher do general é que é o nosso general. Digo isso porque ele tem se dedicado tanto a contemplar a beleza dela, e a ressaltar cada um dos encantos dela que chega a ponto de esquecer de si próprio. Confesse tudo a ela, não se importe de incomodá-la, ela vai ajudar a recolocá-lo em seu lugar outra vez.. Ela tem um caráter tão imparcial, tão bondoso, tão correto, que considera uma falha moral deixar de fazer além daquilo que lhe pediram. Peça que ela procure consertar os estragos causados por esta briga entre o

senhor e o marido dela. Aposto tudo o que o senhor quiser que este desentendimento vai ser esquecido e que a estima que o general lhe tem passará a ser maior do que antes.

CÁSSIO – Bom conselho.

IAGO - Acredite que é dado por estima e da forma mais sincera e leal.

CÁSSIO – É claro que acredito. Amanhã de manhã bem cedo vou pedir à virtuosa Desdêmona que interceda por mim. Posso dizer adeus à minha sorte se me deixarem estacionado neste posto.

IAGO – O senhor tem toda a razão. Boa noite, tenente. Preciso ir para a guarda.

CÁSSIO – Boa noite, honesto Iago.

[Sai.]

IAGO – E quem é que vai dizer que estou agindo como um vilão quando o conselho que dou é leal e honesto, e quando este se revela o caminho provável para se ganhar outra vez o Mouro? É muito fácil convencer Desdêmona a agir, seja qual for a causa, desde que seja honesta. O caráter dela é generoso e imparcial como a própria natureza. Além disso, o que custa, para ela, convencer o Mouro, mesmo que seja para fazê-lo renunciar ao batismo e aos símbolos cristãos? A alma dele está de tal forma aprisionada pelo amor dela, que o apetite dela se impõe, soberanamente, sobre as fracas faculdades dele. Como é que posso ser um vilão só por aconselhar Cássio a seguir um caminho paralelo, que o leva diretamente ao caminho do bem? Quando os demônios querem nos levar a cometer os mais terríveis pecados, eles o fazem, a princípio, através de aparências celestiais, assim como eu próprio estou fazendo agora: enquanto esse simplório suplica a Desdêmona que repare os seus infortúnios, e ela, por sua vez, faz vigorosos apelos ao Mouro, eu destilo veneno nos ouvidos dele, sugerindo que é em nome da própria luxúria de seu corpo que ela apela. E quanto mais ela se empenhar pelo bem de Cássio, mais estará arruinando seu próprio crédito junto ao Mouro. Vou deixar a brancura imaculada da virtude dela negra como piche, e é com a própria bondade dela que vou tramar a teia com a qual vou enredar todos eles.

[Entra RODRIGO.]

E então, Rodrigo?

RODRIGO – Aqui estou eu em plena caça, não como o cão farejador que vai à frente, mas como um dos que seguem latindo atrás, no meio da matilha. Meu dinheiro já se foi quase todo. Esta noite levei uma surra das bravas. Acho que o que vai ocorrer é que vou acumular uma experiência e tanto com as pancadas que levei, e aí, sem nenhum dinheiro e com um pouco mais de juízo, vou acabar voltando para Veneza.

IAGO – Ah, que pobres são aqueles que não têm paciência! Qual é a ferida que não sara aos poucos, de forma gradativa? Você bem sabe que agimos através do raciocínio, e não da feitiçaria, e que o raciocínio requer tempo prolongado. As coisas não estão indo bem? Cássio bateu em você, e você, por aquele pequeno golpe recebido, lhe tirou o posto. Embora existam outras coisas que crescem ao sol e se tornam belas, antes dos frutos devem vir as flores, e os frutos que brotam primeiro são os primeiros a amadurecer. Por enquanto você deve dar-se por satisfeito. Prazer e trabalho fazem as horas parecerem curtas. Retire-se para o seu alojamento, e já, eu lhe digo. Depois você ficará sabendo do resto. Vamos, retire-se.

[Sai RODRIGO.]

Há duas coisas ainda por fazer: minha mulher precisa levar sua patroa a interceder por Cássio. Vou tratar de convencê-la disso. Enquanto isso, eu próprio chamo o Mouro de lado e faço que surpreenda Cássio justamente no momento da solicitação a Desdêmona. É isso! Esse é o caminho. Que o atraso não estrague a manobra.



## FIM DO ATO II

### ATO III

#### Cena I

*[Chipre. Defronte do castelo.]*

*[Entram CÁSSIO e alguns músicos.]*

CÁSSIO – Aqui, Maestros, venham tocar aqui. Serão bem recompensados. Toquem alguma coisa breve, que possa servir para dar bom dia ao general. *[Música]*

*[Entra o BOBO.]*

BOBO – Olá, maestros! Será que seus instrumentos estão resfriados para soarem assim tão fanhosos?

PRIMEIRO MÚSICO – Como disse, senhor?

BOBO – Esses são, eu lhe pergunto, os chamados instrumentos de sopro?

PRIMEIRO MÚSICO – Sim, são sim senhor.

BOBO – Então me diga o que é que eles andam “soprando” por aí.

PRIMEIRO MÚSICO – Soprando por aí como, meu senhor?

BOBO – Ora, todos os instrumentos de sopro que eu conheço “sopram”. Bem, pessoal, aqui está o dinheiro de vocês. O general apreciou tanto a música de vocês que ele pede de coração que vocês parem de fazer barulho com ela.

PRIMEIRO MÚSICO – Muito bem, senhor, pode ficar tranqüilo...

BOBO – Se houver alguma música que não possa ser ouvida ao ser tocada, podem tocá-la à vontade, mas, como dizem, ouvir música é coisa para a qual o general não dá muita importância.

PRIMEIRO MÚSICO – Não temos nenhuma desse tipo, senhor.

BOBO – Muito bem, então, enfiem a viola no saco, que eu preciso ir embora. Vão, sumam, desapareçam!

CÁSSIO – Você está ouvindo, meu honesto amigo?

BOBO – Não, não estou ouvindo seu honesto amigo. Estou ouvindo você.

CÁSSIO – Trate de guardar seus trocadilhos para outra hora. Toma aqui uma moedinha de ouro para você. Se a dama de companhia que serve o general estiver acordada, diga a ela que há alguém que se chama Cássio que pede a ela o favor de atendê-lo para uma conversa rápida. Você fará isto?

BOBO – Com toda certeza ela está acordada, senhor, e se ela vier até aqui “eu a notificarei da solicitação do cavaleiro”.

CÁSSIO – Faça isso, meu caro amigo, faça isso.

*[Sai o BOBO. Entra IAGO.]*

Em que boa hora você chegou, Iago.

IAGO – Então você nem se deitou?

CÁSSIO – Ora, não, o dia já tinha amanhecido antes de nos separarmos. Eu ousei mandar chamar sua mulher, Iago. Meu pedido a ela é que tente facilitar meu acesso à virtuosa Desdêmona.

IAGO – Vou mandar chamá-la imediatamente, e tratar de arranjar um pretexto para tirar o Mouro do caminho. Assim você pode conversar com ela mais à vontade.

CÁSSIO – Eu lhe agradeço de todo o coração. Nenhum dos meus conterrâneos é tão bondoso e honesto assim.

*[Entra EMÍLIA.]*

EMÍLIA – Bom dia, tenente. Sinto muito por tudo o que lhe aconteceu, mas sei que tudo em breve estará bem. O general e a esposa estão conversando agora a respeito do ocorrido, e ela está falando corajosamente em seu favor. O Mouro diz que o homem que o senhor ofendeu é querido e bem relacionado em Chipre, e que por uma questão de bom senso ele não tinha outra escolha senão a de punir o senhor. Mas ele jura que o estima muito, e que isso é o bastante para que ele saiba aproveitar a ocasião mais segura para reintegrá-lo ao cargo.

CÁSSIO – Ainda assim eu lhe imploro, se a senhora achar adequado ou conveniente, que me conceda o benefício de uma pequena conversa a sós com Desdêmona.

EMÍLIA – Entre, por favor. Eu vou levá-lo a um lugar onde o senhor terá tempo de se abrir e de falar sem receios.

CÁSSIO – Eu lhe sou muito grato.

## CENA II

*[Uma sala no Castelo.]*

*[Entram OTELO, IAGO e outros Cavalheiros.]*

OTELO – Entregue estas cartas ao piloto, Iago. E peça a ele que envie minhas saudações ao senado. Depois disso vá se encontrar comigo na fortaleza.

IAGO – Farei isso, senhor.

OTELO – Senhores, vamos ver a fortaleza?

CAVALHEIROS – Estamos ao seu dispor, senhor.

## CENA III

*[Diante do Castelo.]*

DESDÊMOMA – Fique tranqüilo, Cássio, farei tudo o que estiver ao meu alcance.

EMÍLIA – Faça, minha boa senhora, pois o caso aborrece meu marido como se tivesse acontecido com ele.

DESDÊMOMA – Ah, esse é um homem honesto... Não duvide Cássio, que eu ainda vou ver você e meu marido tão amigos como antes.

CÁSSIO - Minha cara senhora, seja lá o que for que me aconteça, não me chamo Miguel Cássio se não permanecer leal à senhora e ao general.

DESDÊMOMA- Sei disso e agradeço. Você tem uma estima verdadeira pelo meu senhor, e o conhece há muito tempo. Fique certo de que ele só vai mantê-lo afastado de seu cargo durante o tempo necessário para uma distância estratégica.

CÁSSIO - Ah, minha cara amiga, essa estratégia pode durar tempo demais, e minha ausência pode justificar a ocupação do meu cargo por outro, de modo que o general acabe se esquecendo de mim e de meus bons serviços.

DESDÊMOMA- Não tenha medo: diante de Emília, que aqui está, eu lhe garanto que terá seu posto de volta. Fique certo de que, quando assumo um compromisso, eu o cumpro nos seus menores detalhes. Meu senhor não vai mais ter descanso. Eu vou mantê-lo acordado para que fique manso, e vou provocá-lo até que perca a paciência. A cama em que ele se deita vai se transformar em escola, e sua mesa vai virar confessionário. Cada pequena coisa que ele fizer estará impregnada com seu apelo. Portanto, Cássio, alegre-se, pois sua advogada prefere morrer a ter que desistir de sua causa.

[Entram OTELO e IAGO, que se conservam a distância.]

EMÍLIA - Senhora, o general.

CÁSSIO - Eu me despeço, senhora.

DESDÊMOMA - Ora, fique para me ouvir falar.

CÁSSIO - Senhora, agora não. Não me sinto à vontade e talvez isso prejudique o meu próprio objetivo.

DESDÊMOMA - Pois bem. Como você desejar.

IAGO- Hum ... Isso não me agrada.

OTELO - O que foi que disse?

IAGO - Nada, senhor. Isso é... Não sei bem o que disse.

OTELO - Não era o Cássio que estava ali falando com minha mulher?

IAGO - Cássio, meu senhor? Certamente que não. Ele não iria ficar se esgueirando ao vê-lo como se tivesse culpa no cartório.

OTELO - Pois eu acredito que era ele.



DESDÊMONA - Meu senhor, acabei de falar com um postulante , com alguém que incorreu em seu desagrado e que está sofrendo com isso.

OTELO - A quem é que você se refere ?

DESDÊMONA - Ora, a Cássio, o seu tenente. Se é que tenho alguma influência e graça para tocar o seu coração, reconcilie-se imediatamente com ele. Pois se há alguém que o estima de verdade e que errou por ignorância e não por má fé , ele é esse alguém ,ou então eu não tenho discernimento nenhum para distinguir uma aparência honesta. Eu lhe peço que o chame de volta.

OTELO - Foi ele que acabou de sair daqui agora?

DESDÊMONA - Foi. Estava tão humilhado que deixou parte de suas mágoas comigo. Eu sofro com isso. Chame-o de volta, meu amor.

OTELO - Agora não, Desdêmona querida. Numa outra ocasião.

DESDÊMONA - Mas será logo?

OTELO - O mais rápido possível, em atenção a seu pedido.

DESDÊMONA - Esta noite na ceia?

OTELO - Não, esta noite, não.

DESDÊMONA – Amanhã no jantar, então?

OTELO – Amanhã não vou jantar em casa. Tenho um encontro com os capitães no forte.

DESDÊMONA – Ora, então amanhã de noite, ou terça de manhã, ou terça ao meio-dia, ou à noite, ou quarta de manhã. Por favor, diga quando, mas não deixe que passe de três dias. Ele está arrependido de fato. Dizem que na guerra são as faltas cometidas pelos melhores soldados as que recebem as piores punições. Mas, com exceção disso, a ofensa que ele cometeu, no nosso entendimento comum não chega a ser uma falha tão grave a ponto de precisar ser punida em particular: quando é que ele pode vir? Responda, Otelos: eu pergunto a mim mesma se existe alguma coisa que você pudesse me pedir e que eu negasse ou que ficasse indecisa em conceder? Existe? Miguel Cássio, que acompanhou você tantas vezes quando você me cortejava, e que tantas vezes tomou o seu partido ao me ouvir fazer algum tipo de censura a você, Miguel Cássio vai precisar passar por tudo isso para voltar a ocupar a sua antiga posição? Acredite que eu poderia fazer muito...

OTELO - Por favor, não diga mais nada, deixe que ele venha quando quiser. Não posso negar um favor a você.

DESDÊMONA – Ora, o que estou pedindo não é um favor. É assim como se eu dissesse para você para calçar suas luvas, ou para se alimentar bem ou se agasalhar, ou como se eu pedisse a você alguma coisa em seu próprio benefício. Não, quando eu tiver que pedir algo e quiser realmente tocar o seu coração, meu pedido vai ser sério, difícil e perigoso de se conceder.

OTELO – A você nunca vou negar nada. Agora peço que agora me deixe ficar um pouco sozinho.

DESDÊMONA – Existe alguma coisa que lhe negue? Até mais tarde.

OTELO – Até mais tarde, querida Desdêmona. Logo virei ver você.

DESDÊMOMA – Emília, venha. Qualquer que seja a sua vontade, eu obedeco.

[*Saem DESDÊMOMA e EMÍLIA*]

OTELO – É de uma doçura e de uma ingenuidade... ah, maldito seja eu no dia em que deixar de amar você. Vai ser o fim do mundo, o caos outra vez.

IAGO – Meu bom comandante.

OTELO – O que foi, Iago?

IAGO – Miguel Cássio, quando o senhor cortejava a senhora, sabia do seu amor por ela?

OTELO – Ele sempre soube, o tempo todo... por que é que você pergunta?

IAGO – Só para satisfazer uma curiosidade. Só por isso.

OTELO – O que é que você estava pensando?

IAGO – Eu não pensei que ele já fosse conhecido dela.

OTELO – Ah, era sim, e muitas vezes ele foi mensageiro de recados que mandávamos um para o outro.

IAGO – É mesmo?

OTELO – Sim. Você vê algo de mal nisso? Ele não é honesto?

IAGO – Honesto, senhor?

OTELO – Honesto, sim, honesto.

IAGO – Meu senhor, até onde eu sei...

OTELO – O que é que você acha?

IAGO – O que é que eu acho, senhor?

OTELO – “O que é que eu acho, senhor?” Pelo amor de Deus, ele fica repetindo o que eu digo, como se na mente dele houvesse algum monstro horroroso demais para ser mostrado. Você quis dizer alguma coisa com isso. Eu ouvi você dizer, agora há pouco, quando Cássio tinha acabado de se despedir de minha mulher, que não gostava nada daquilo: do que é que você não gostava? E quando eu lhe contei que ele havia sido meu confidente durante todo o período em que fiz a corte a ela, você exclamou “é mesmo?”, e franziu as sobrancelhas como se estivesse querendo trancar na cabeça alguma informação horrível: se você me tem estima, mostre-me o que pensa.

IAGO – Meu senhor, o senhor sabe que eu lhe tenho estima.

OTELO – Eu penso que sim. E é por eu saber que você é cheio de estima e honestidade e que você pesa as palavras antes de dizê-las, que estas suas hesitações me assustam ainda mais, pois essas coisas, em alguém que é canalha, falso e desleal são costumeiras, mas em um homem que é justo, elas são expressões de pensamentos escondidos que vêm do coração e que a paixão não consegue dominar.

IAGO – No que diz respeito a Miguel Cássio, eu me atrevo a jurar que penso que seja honesto.

OTELO – Eu também penso assim.

IAGO – Os homens deveriam ser aquilo que aparentam. Aqueles que não são, não deveriam sequer ter aparência humana.

OTELO – Certamente, os homens deveriam ser o que aparentam.

IAGO – Ora, é por isso que eu acho que Cássio é um homem honesto.

OTELO – Você está escondendo alguma coisa. Eu lhe peço, traduza seu pensamento em palavras, diga o que está ruminando, e para os piores pensamentos, empregue as piores palavras.

IAGO – Meu bom senhor, perdoe-me. Embora eu esteja preso ao dever da obediência em tudo o que faço, sou livre naquilo em que os próprios escravos também são. Traduzir meus pensamentos em palavras? Ora, digamos que eles sejam sórdidos e falsos. Que palácio nunca foi invadido por coisas imundas? Quem é que, mesmo tendo uma mente pura, nunca se sentiu tomado pelas mais baixas apreensões, misturadas aos pensamentos mais dignos e legítimos?

OTELO – Quem sabe que um amigo está sendo lesado e não revela a ele aquilo que sabe, está conspirando contra esse amigo.

IAGO – Eu lhe peço que, na sua sabedoria, o senhor não dê atenção a alguém que especula de maneira tão duvidosa. Posso estar sendo maldoso em minha suposição. Confesso que meu mal é descobrir abusos em toda parte, e que meu ciúme freqüentemente acaba criando faltas que não existem. Não crie problemas para si próprio por causa de observações tão incertas e sem fundamento. De nada adiantaria, nem para o seu bem nem para minha virilidade, honestidade ou sabedoria revelar ao senhor os meus pensamentos.

OTELO – O que é que você quer dizer?

IAGO – O bom nome é o maior patrimônio, tanto para o homem como para a mulher, meu bom senhor. Quem rouba o meu dinheiro não rouba nada, rouba algo sem nenhum valor. Aquilo que era meu passa a ser de outros tantos. Mas aquele que me rouba meu bom nome, me rouba daquilo que não o deixa mais rico, e que me faz ficar pobre de verdade.

OTELO – Porra, eu hei de saber que você está pensando.

IAGO – O senhor não pode saber o que eu estou pensando, mesmo que o meu coração estivesse na sua mão. Enquanto eu viver o senhor não vai conseguir.

OTELO – Ah!

IAGO – Meu senhor, cuidado com o ciúme! O ciúme é o monstro de olhos verdes que debocha da carne que o alimenta. O corno só é feliz se não ama quem o trai. Mas ai do corno se duvida, se suspeita, e ainda assim ama de verdade. Se o sujeito é pobre mas feliz, ele é rico. Mas as riquezas deixam de ter valor se ele tiver medo de perdê-las. Que o bom Deus defenda do ciúme todos os da minha tribo.

OTELO- Ora, ora, o que é isto? Você acha que eu passaria uma vida inteira com ciúmes? Que seguiria sempre com novas suspeitas, a cada fase da lua? Não, ficar em dúvida uma vez já é ficar convencido. Pode colocar um bode em meu lugar no dia em que eu ficar me ocupando dessas conjeturas exageradas e sem razão de ser.



Dizer que minha mulher é bonita, que aprecia a boa mesa, que é sociável, que fala bem, que canta, toca e dança bem não me deixa com ciúmes. Onde existe virtude, essas qualidades tornam a pessoa ainda mais virtuosa. Os meus fracos méritos não me inspiram o menor temor ou dúvida de infidelidade, pois ela tinha olhos e escolheu a mim. Não, Iago, eu preciso ver antes de ter dúvidas. Quando eu tiver dúvidas, vou querer provas. E diante das provas, só há uma coisa a fazer: pôr um fim imediatamente ao amor ou ao ciúme!

IAGO – Fico contente em saber, pois me sinto autorizado a demonstrar minha estima e obediência com maior franqueza. Portanto, como é do meu dever, digo-lhe agora o que sei. Não falo ainda com base em provas. Olhe sua mulher, e observe-a bem com Cássio. Mantenha os olhos abertos, sem ciúme e sem excessiva segurança. Eu não gostaria que sua natureza livre e nobre fosse ofendida por causa de sua generosidade. Conheço bem o temperamento da nossa gente: em Veneza só Deus sabe aquilo que as mulheres fazem e não ousam revelar a seus maridos. Para elas a mais alta noção de moralidade não é deixar de fazer, mas não deixar que se saiba o que fizeram..

OTELO – O que é que você está dizendo?

IAGO – Ela enganou o pai ao casar-se com o senhor. E quando ela parecia ter medo de sua aparência é que ela mais o amava.

OTELO – Foi assim mesmo que ela fez.

IAGO – Ora, convenhamos, ela, que tão jovem conseguiu dissimular tão bem a ponto de vendar os olhos do pai - ele chegou a pensar que se tratasse de feitiçaria - mas estou fazendo muito mal, eu humildemente peço ao senhor que me perdoe por este excessivo amor que eu lhe tenho.

OTELO – Eu lhe serei sempre grato.

IAGO – Vejo que isto abateu um pouco o seu espírito.

OTELO – Nem um pouco, nem um pouco.

IAGO – Eu temo que sim, e espero que o senhor considere que o que eu disse foi por amor. Peço que não dê às minhas palavras um sentido mais baixo ou de alcance maior que o da suspeita.

OTELO – Claro que não.

IAGO – Se o senhor o fizesse, minhas palavras levariam a conseqüências indesejáveis para mim. Cássio é meu leal amigo. Meu senhor, vejo que o senhor está perturbado.

OTELO – Não, não nem um pouco. Eu considero Desdêmona fiel.

IAGO – Tomara que o seja por toda a vida, e que por toda a vida o senhor pense assim!

OTELO – No entanto, como a natureza, desviando-se de si própria...

IAGO – Ah, esse é o ponto: ousar dizer ao senhor que rejeitar tantos pretendentes da sua própria condição e raça, ao contrário do que seria natural... ora, isso cheira a instintos viciosos, depravações, pensamentos anormais. Mas perdoe-me: não é dela especificamente que falo, embora eu tema que ela, caindo em si novamente, possa vir a fazer comparações entre a sua aparência e a dos patrícios dela, e talvez acabe se arrependendo.

OTELO – Até logo, até mais tarde. Se você vier a perceber mais alguma coisa, avise-me Encarregue sua esposa de observar. Agora me deixe a sós, Iago.

IAGO – *[Saindo]* Senhor, eu me retiro.

OTELO – Por que foi que eu me casei? Esta honesta criatura sem dúvida vê e sabe mais, muito mais do que está me revelando.

*[Volta IAGO.]*

IAGO – Meu senhor, eu insisto que o senhor não continue a examinar este assunto. Deixe que o tempo se encarregue dele. Embora seja justo que Cássio tenha seu posto, que certamente conquistou com muita habilidade, se o senhor o mantiver afastado por mais um período, poderá observá-lo e analisar os métodos dele. Observe se sua mulher insiste muito na reintegração dele. Muitas conclusões poderão ser tiradas a partir daí. Nesse espaço de tempo, procure pensar que sou desconfiado demais. Eu próprio tenho razões para achar que estou exagerando. E quanto a ela, considere-a inocente, é o que lhe peço.

OTELO – Não se preocupe, sou um homem criterioso.

IAGO – Mais uma vez eu me retiro.

OTELO – Esse sujeito é de uma honestidade extrema e, experiente como é, conhece todas as qualidades da ação humana. Se eu constatasse que ela dá vazão aos seus instintos, eu a deixaria à sua própria sorte, ainda que as amarras que nos ligam fossem feitas de fibras do meu próprio coração. Talvez, por eu ser negro e não ter o traquejo social que têm os cavalheiros, ou por já estar descendo o vale dos anos, mesmo que apenas um pouco, ela se foi. Fui enganado, e meu alívio tem que ser odiá-la. Ah, maldição do casamento, poder dizer que essas criaturas delicadas são nossas, mas não serem nossos os seus desejos. Eu preferiria viver no ar putrefato de uma prisão do que manter uma parte daquilo que eu amo para o uso alheio. Entretanto, essa é a praga dos grandes, que assim, ficam menos privilegiados que os pequenos. Esse é o destino, inevitável como a morte: desde que se nasce o destino nos põe chifres. Desdêmona vem vindo. Que o céu deboche de si próprio se ela for infiel. Não posso acreditar.

*[Entram DESDÊMOMA e EMÍLIA.]*

DESDÊMOMA – Então, querido Otelos? Seu jantar e os nobres da ilha que você convidou esperam sua presença.

OTELO – Culpa minha.

DESDÊMOMA – Que vizinha é essa? Você não está bem?

OTELO – Estou com uma dor aqui na testa.

DESDÊMOMA – É da noite passada em claro. Vou amarrar um lenço na sua cabeça e a dor vai passar logo.

OTELO – Esse seu lencinho é pequeno demais.

*[Ela deixa cair seu lenço.]*

Deixe estar. Vamos, eu vou com você.

DESDÊMOMA – Sinto muito que você não esteja bem.

[Saem DESDÊMOMA e OTELO.]

EMÍLIA – Que bom que encontrei este lenço. Foi a primeira lembrança que ela ganhou do Mouro. O safado do meu marido vive me insistindo que eu o roube. Ela porém, é muito apegada a esse lenço, pois o mouro fez que ela jurasse que o guardaria para sempre e que o teria sempre com ela. Vou fazer um igual e dar para Iago. O que ele vai fazer com esse lenço só Deus sabe. Eu sei apenas que quero satisfazer a fantasia dele.

[Entra IAGO.]

IAGO- Então, o que está fazendo aí sozinha?

EMÍLIA- Pára, eu tenho uma coisa para você.

IAGO- Uma coisa para mim?

EMÍLIA- Ah!

IAGO- Como você é bobinha...

EMÍLIA- É isso que você me dá em troca desse lenço que você queria tanto?

IAGO- Que lenço?

EMÍLIA- Que lenço? Ora, o que o Mouro primeiro deu a ela e que tantas vezes você me pediu que roubasse.

IAGO- E você o roubou dela?

EMÍLIA- Não, juro. Ela o deixou cair por descuido, e por sorte eu estava aqui e o apanhei. Veja, está aqui!

IAGO- Você é muito safada! Me deixe ver.

EMÍLIA- O que você está pensando em fazer com ele, já que você queria tanto que eu o roubasse?

IAGO-[ Agarrando-o] Ora, o que você tem a ver com isso?

EMÍLIA- Se não for para alguma coisa muito especial, é melhor você me devolver. Coitada, ela vai enlouquecer quando sentir falta dele.

IAGO- Faça como se não soubesse de nada. Eu tenho um bom uso para ele. Agora vá, deixe-me sozinho.

[Sai EMÍLIA.]

Eu vou perder este lenço no alojamento de Cássio e deixar que ele o encontre. Para um bom ciumento, detalhes insignificantes são verdades tão contundentes como aquelas do Evangelho . Isto pode significar tudo. O mouro já está mudando com meu veneno. Idéias perigosas são venenos naturais. No começo mal se nota seu paladar desagradável, mas depois, mesmo uma pequena dose agindo no sangue queima como o fogo do inferno. É como eu disse:

[Entra OTELO.]



Vejam só como ele vem. Não há erva natural, nem droga preparada, nem todos os soníferos do mundo podem devolver-lhe o sono calmo que você tinha ontem.

OTELO- Estou sendo enganado? Eu?

IAGO- Ora, vamos, General, pare com isso.

OTELO- Saia da minha frente! Você me pôs no pelourinho. Juro que é melhor ser totalmente enganado sabendo do que suspeitar que se está sendo enganado, ainda que apenas um pouco

IAGO- Como meu senhor?

OTELO- Como é que eu podia ter idéia das horas de prazer que ela me roubava? Eu não via ... Não pensava ... Era algo que não me afetava. Eu dormia bem na noite seguinte, era livre e alegre. Eu não encontrava os beijos de Cássio nos lábios dela. Quem é roubado e não dá por falta de nada, é como se não estivesse sido.

IAGO- Lamento ouvir isso.

OTELO- Eu continuaria feliz, mesmo que toda a tropa, dos comandantes aos soldados rasos, tivessem provado de seu corpo e eu nada soubesse. Oh! E agora, e para sempre, adeus cabeça tranqüila, adeus felicidade. Adeus glórias militares e as grandes guerras, que fazem da ambição uma virtude. Adeus! Adeus ao ganhão relinchante e ao clarim estridente! O tambor que nos incita à luta, o som penetrante do trompete, a bandeira real e todos os atributos, orgulho, pompa e circunstância da gloriosa guerra. E também a vocês, canhões mortíferos, cujos estrondos formidáveis imitavam a cólera dos deuses. Adeus, a vocação de Otelo se acabou!

IAGO- Isso é possível, meu senhor?

OTELO- Canalha! Você vai ter que me provar que a mulher que eu amo é uma puta! Eu quero uma prova concreta, ou então, pela alma imortal de um homem, teria sido melhor você ter nascido sob a forma de um cão, do que enfrentar a minha ira despertada.

IAGO- Mas o senhor chegaria a tanto?

OTELO- Faz que eu veja, ou pelo menos prova de tal forma que não fique uma sombra de dúvida, por mínima que seja, caso contrário, ai de você!

IAGO- Meu nobre senhor...

OTELO - Se isso é uma calúnia contra ela e uma tortura contra mim, nunca mais faça uma miserável oração que seja. Pode abandonar todo e qualquer remorso. Sobre a cabeça do horror, acumule mais horrores. Faça coisas que façam chorar os céus e assombrem a terra toda, pois nada do que você ainda pudesse vir a fazer tornaria menor esta maldição.

IAGO- Que o céu me defenda. Você é um homem? Tem uma alma? Tem a capacidade da compreensão? Pois então vá com Deus, faça bom proveito do meu posto. Ah, miserável imbecil, para quem a honestidade é um vício! Mundo nojento, tome nota, tome nota! Oh mundo, ser direto e honesto não é nada seguro. Eu lhe agradeço por essa proveitosa lição, e daqui em diante, não terei mais amizade por ninguém, já que a amizade gera tal ofensa.

OTELO - Não, fique, você deveria mesmo ser honesto.

IAGO- Eu deveria ser sábio, pois a honestidade é uma idiotice e destrói quem a persegue.

OTELO - Juro que às vezes penso que minha mulher é honesta e penso que não é. Penso que você fala a verdade e penso que não. Eu vou ter alguma prova. Meu nome, que era limpo, agora parece sujo e preto como o meu próprio rosto. Se há cordas ou facas, veneno ou fogo, ou águas que afogam, eu não vou suportar isso. Oh! Quero ter certeza.

IAGO - Vejo que está se consumindo pela paixão. Como me arrependo de ter sido o causador disso. Então, quer mesmo ter certeza?

OTELO - Não só quero, mas preciso.

IAGO - Mas precisa como, meu senhor? O que o senhor quer para ter certeza? Ficar como espectador, de olhos arregalados, assistindo sua mulher ser indecentemente coberta?

OTELO - Oh! Morte! Inferno?

IAGO - Seria difícil e enfadonho, eu penso, levá-los a nos proporcionar um espetáculo tão extravagante. Que vão para o diabo que os carregue, se é que alguém já os surpreendeu na cama juntos. Mas e então: como ter certeza? Nem que eles fossem tão lascivos como bodes, tão ardentes como macacos, tão alucinados como lobos no cio, tão loucos e grosseiros como dois mendigos bêbados. Mas se evidências inegáveis levarem à constatação da verdade, o senhor poderá ter a certeza que quer.

OTELO - Dê-me então uma evidência real de que ela é infiel.

IAGO - Não me agrada a incumbência, mas já que estou enterrado nisto até o pescoço por honestidade estúpida e lealdade, vou continuar. Tenho pernoitado com Cássio no alojamento ultimamente. Uma noite dessas, incomodado por uma terrível dor de dentes, não pude pregar o olho. Tem gente que fala quando dorme, e não consegue esconder seus pensamentos mais íntimos. Cássio é um desses. Nessa noite, eu o ouvir dizer “Doce Desdêmona, sejamos cautelosos, vamos esconder nosso amor”. E então, senhor, num outro momento deixou escapar: “Doce criatura”, e beijava tanto o travesseiro e com tal fúria que quase o destruía, e suspirava gritando “Maldito o destino que te deu ao mouro”!

OTELO - Filho da puta!

IAGO - Era só um sonho...

OTELO - Mas indica uma ação já consumada anteriormente. É uma suspeita terrível ainda que seja apenas um sonho.

IAGO - Isto pode ajudar a reforçar outras provas que talvez não tenham tanta consistência.

OTELO - Vou rasgá-la inteira em pedaços!

IAGO - Não, seja prudente. Ainda não vimos nada. Apesar de tudo pode ser que ela seja honesta. Diga-me uma coisa, você ainda não viu na mão de sua mulher um lenço bordado com morangos?

OTELO - Eu dei a ela um assim. Foi meu primeiro presente.

IAGO - Eu não sabia disso. Mas hoje vi Cássio enxugando a barba com um lenço assim. Ou eu muito me engano ou era o lenço de sua mulher.

OTELO - Se for aquele lenço...

IAGO - Se for aquele, ou qualquer um outro que lhe pertença, depõe contra ela, o que somado às outras provas...

OTELO - Oh! se este escravo tivesse quarenta mil vidas! Uma só é pouco demais e frágil demais para minha vingança. Agora eu vejo que é verdade. Olhe aqui Iago, todo o meu amor eu sopro assim ao vento. Foi-se. Levanta, negra vingança, salta de tua cova. Oh, Amor, cede tua coroa e o trono do teu coração para o ódio mais tirano. Incha peito, como se estivesse transbordando de veneno.

IAGO - Calma, senhor.

OTELO - Sangue, Iago, sangue!

IAGO - Paciência, senhor, talvez o senhor ainda mude de idéia...

OTELO - Nunca, Iago. Assim como a água das enchentes corre irreversivelmente para o mar sem jamais parar, assim meus pensamentos sanguinários avançam sempre sem nunca olhar para trás, até que sejam engolidos pela mais completa vingança. Agora, diante deste céu luminoso, com a solenidade exigida por um juramento sagrado, eu empenho minha palavra.

*[Ajoelha-se]*

IAGO - Não se levante ainda. *[IAGO ajoelha-se]*. Sejam testemunhas, estrelas, cintilações do céu, elementos que nos rodeiam. Testemunhem que aqui, Iago, abre mão do melhor de seu intelecto, braço e coração, e os põe a serviço do desonrado Otelo. Sob seu comando, obedeço sem remorso, por mais sangrenta que seja a ordem.

OTELO - Eu saúdo sua estima não com agradecimentos tolos, mas com com generosa aceitação. E desde já quero colocá-lo à prova. Em três dias quero ouvi-lo dizer que Cássio já não vive.

IAGO - Meu amigo está morto. Desde já, está feito o que o senhor me pediu, mas deixe que ela viva.

OTELO - Maldita seja ela, vagabunda, descarada, vadia, cadela! Venha comigo, vou me preparar para enfrentar uma forma de dar um fim fulminante àquele belo demônio. De agora em diante, você é o meu tenente.

IAGO - Sou seu para sempre.

#### CENA IV

*[Chipre. Diante do castelo.]*

*[Entram DESDÊMOMA e EMÍLIA.]*

DESDÊMOMA - Onde eu poderia ter perdido aquele lenço?

EMÍLIA - Não tenho idéia, senhora.

DESDÊMOMA - Acredite-me, eu preferiria ter perdido minha bolsa cheia de moedas. Se o meu nobre Mouro não fosse uma pessoa leal e livre de ciúmes mesquinhos, isso já seria o bastante para despertar certas idéias.



EMÍLIA - Ele não é ciumento?

DESDÊMOMA - Quem, ele? Acho que o sol da terra dele arrancou-lhe esses sentimentos.

EMÍLIA - Veja, aí vem ele.

[*Entra OTELO.*]

DESDÊMOMA - Não o deixarei, enquanto ele não chamar Cássio de volta. Como está, meu senhor?

OTELO - Bem, minha querida. [*Á Parte*] Ah, como é difícil dissimular. E você Desdêmona, como está?

DESDÊMOMA - Muito bem, meu senhor.

OTELO - Dê-me sua mão. Que mão úmida.

DESDÊMOMA - É porque ainda não conhece os efeitos da idade ou do sofrimento.

OTELO - É uma prova de fertilidade e de coração aberto. Quente, quente e úmida. Esta sua mão pede jejum, e oração, recolhimento, muita penitência e devoção, pois aqui mora um jovem demônio, que normalmente se rebela. É uma bela mão, uma mão sincera.

DESDÊMOMA - Só você pode dizer isso. Afinal de contas, foi esta mão que lhe entregou meu coração. E então, a sua promessa?

OTELO - Que promessa, querida?

DESDÊMOMA - Mande dizerem a Cássio que venha falar com você.

OTELO - Estou com um resfriado teimoso e desagradável que está me incomodando. Emprésteme seu lenço.

DESDÊMOMA - Aqui está.

OTELO - Aquele que eu lhe dei.

DESDÊMOMA - Não está comigo agora.

OTELO - Não?

DESDÊMOMA - Não, não está.

OTELO - É uma pena. Aquele lenço foi dado a minha mãe por uma cigana. Era uma feiticeira que quase conseguia ler os pensamentos das pessoas. Ela disse a minha mãe que enquanto o lenço estivesse em seu poder ela teria o amor e a submissão de meu pai, mas que se o perdesse ou desse de presente, ele passaria a odiá-la e iria à procura de outros amores. Antes de morrer minha mãe me deu o lenço e me pediu que, ao me casar, eu o desse à minha mulher. Foi o que eu fiz. Preste muita atenção: cuide bem dele. Perdê-lo ou dá-lo seria uma maldição sem igual.

DESDÊMOMA - Será possível?

OTELO - É verdade. Há magia na trama daquele lenço. Foi tecido por uma feiticeira que viveu duzentos anos. Os bichos da seda que fabricaram o fio eram sagrados, e o tecido foi tingido por sacerdotes com sangue arrancado do coração de virgens.

DESDÊMOMA - É mesmo? Será verdade?

OTELO - Mais do que verdade. Portanto, cuide bem dele.

DESDÊMOMA - Quisera Deus eu nunca o tivesse visto!

OTELO - Por que?

DESDÊMOMA - Por que é que você fala de forma tão áspera?

OTELO - Perdeu-se? Desapareceu? Responde.

DESDÊMOMA - Deus nos livre!

OTELO - O que você está querendo dizer?

DESDÊMOMA - Não desapareceu, mas e se tivesse desaparecido?

OTELO - O que?

DESDÊMOMA - Estou dizendo que não desapareceu.

OTELO - Então vá buscá-lo. Quero ver o lenço.

DESDÊMOMA - Eu posso ir buscá-lo, mas não agora. Isso é uma desculpa para me desviar do pedido que fiz. Peço que receba Cássio outra vez.

OTELO - Vá buscar aquele lenço. Isto não está me agradando.

DESDÊMOMA - Ora, vamos. Você não vai encontrar oficial mais competente.

OTELO - O lenço.

DESDÊMOMA - Um homem que o tempo todo apoiou você em tudo, que passou perigos por você.

OTELO - O lenço!

DESDÊMOMA - Isto não se faz!

OTELO - Saia!

[Sai.]

EMÍLIA - Este é o homem que não é ciumento?

DESDÊMOMA - Nunca vi isto antes. Deve haver mesmo algum feitiço naquele lenço. Que desgraça essa perda!

EMÍLIA - Um ano ou dois não bastam para se conhecer um homem. Os homens são só estômagos, e nós, mulheres, não passamos de alimento. Eles nos devoram, esfomeados, e depois de satisfeitos nos arrotam.

*[entram IAGO e CÁSSIO.]*

EMÍLIA - Veja só, aí vem Cássio e meu marido.

IAGO - O general saiu daqui irritado?

EMÍLIA - Saiu daqui agora mesmo e com uma estranha irritação.

IAGO - Então ele também se irrita? Eu vi quando um canhão fez voar pelos ares fileiras de soldados seus e arrebatá-lo um irmão sem que ele perdesse a calma. E agora ele se enfurece. Agora a coisa é grave. Vou procurá-lo. Só um assunto muito sério o irritaria assim.

DESDÊMOMA - Isso, por favor, vá procurá-lo. Com certeza algum assunto de Estado ou alguma conspiração recém descoberta aqui em Chipre confundiram-lhe a cabeça. É da natureza dos homens se apegarem a questões menores, discutirem coisas sem importância. E deixarem de lado aquilo que importa. É assim mesmo. Não importa. Homens não são deuses. Basta uma dorzinha de cabeça para que adoça o corpo todo. Não se pode esperar deles que se comportem como na lua-de-mel. Pode ralar comigo, Emília. Que guerreira mais inábil que eu fui!

EMÍLIA - Deus queira que sejam mesmo assuntos de Estado e não uma crise de ciúmes mesquinhos da senhora.

DESDÊMOMA - Que dia! Nunca dei motivo para isso!

EMÍLIA - Almas ciumentas não precisam de motivos. São ciumentos porque são. O ciúme é um monstro que gera a si próprio e nasce de si próprio.

DESDÊMOMA - Que o céu afaste esse monstro da cabeça de Otelo.

EMÍLIA - Amém, senhora.

*[Saem DESDÊMOMA e EMÍLIA.]*

*[Entra BIANCA.]*

BIANCA - E então, Cássio?

CÁSSIO - O que está fazendo longe de casa? Como vai, minha bela Bianca? Palavra, amor, estava indo à sua casa.

BIANCA - E eu estava indo ao seu alojamento, Cássio. Ora, passar uma semana longe? Sete dias e sete noites? Cada dia e cada hora de ausência, para quem ama, custa muito mais a passar que as horas do relógio. Ah, que cálculo desagradável!

CÁSSIO - Perdão, Bianca. Tenho sido torturado pelo peso de outros pensamentos. Mas em momento mais conveniente vou pagar esta dívida da minha ausência.

*[Dando a ela o lenço de DESDÊMOMA.]*

BIANCA - Quem é que te deu isto? Deve ser lembrança de alguma amiga? Agora entendi porque você está tão ausente. Então é assim?

CÁSSIO - Pare com isso, sua boba. Para o diabo com suas suspeitas desagradáveis. De onde você está tirando isso? Agora você está com ciúme, achando que é de alguma amante, alguma lembrança. Não, não é nada disso, Bianca.

BIANCA - Ora, de quem é então?

CÁSSIO - Não sei, querida. Achei no meu quarto e gostei do trabalho, e antes que venham reclamá-lo, o que é bem provável, vou pedir para alguém fazer um igual. Leve e faça isso para mim. Agora preciso ficar sozinho.

BIANCA - Ficar sozinho?

CÁSSIO - É que estou esperando o general. Não é conveniente e nem eu desejo que ele me encontre aqui acompanhado de uma mulher.

BIANCA - E por que, pode me explicar?

CÁSSIO - Não é porque eu não ame você.

BIANCA - Se não é porque você não me ama, então me acompanhe só até ali e me diga se vou poder vê-lo hoje à noite.

CÁSSIO - É no máximo até ali que eu posso acompanhar você. Tenho que ficar aqui esperando. Mas logo irei ver você.

BIANCA - Está muito bem, já que não há outro jeito.

### **Fim do ato III**

### **ATO IV**

#### **Cena I**

*[Chipre. Diante do Castelo.]*

*[Entram OTELO e IAGO.]*

IAGO - O senhor acha isso?

OTELO - Se acho isso?

IAGO - Ora, só por causa de um beijo, dado em particular?

OTELO - Um beijo ilícito .

IAGO - Está bem, está bem. Mas e se ela ficasse nua por uma hora ou mais na cama com um amigo sem nenhuma má intenção?



OTELO - Nua na cama, Iago, e sem nenhuma má intenção? Isso é usar de hipocrisia até com o próprio diabo. Quem é virtuoso e faz semelhante coisa, atenta contra o céu e é tentado pelo demônio.

IAGO - Se não estiverem fazendo nada, é uma falta menor. Mas e se eu der à minha mulher um lenço.

OTELO - E aí?

IAGO - E aí o lenço é dela, meu senhor, e sendo dela, ela pode, penso eu, presenteá-lo a qualquer um...

OTELO - Ela também é defensora da sua própria honra. Será que também isso ela pode dar a qualquer um?

IAGO - A honra é uma coisa que não se vê. Às vezes, muitos que parecem tê-la de fato não a tem - mas voltando ao lenço...

OTELO - Porra! Como eu queria ter esquecido isso que você disse! Isso tudo fica rondando a minha cabeça como uma ave de mau agouro. Mas você estava dizendo que ele está com o meu lenço.

IAGO - Sim, e daí?

OTELO - Isso não é nada bom, agora.

IAGO - E se eu tivesse dito que eu o vi trair o senhor? Ou que o ouvi contar, como fazem os canalhas por aí, depois de seduzirem as mulheres pela corte persistente ou pela fraqueza natural delas que...

OTELO - Mas ele lhe disse alguma coisa?

IAGO - Disse, senhor, mas é bem capaz de negar.

OTELO - O que foi que ele disse?

IAGO - Juro que ele disse que esteve... Eu não sei o que ele disse..

OTELO - Que esteve o que?

IAGO - Na cama.

OTELO - Com ela?

IAGO - Com ela, em cima dela, como queira.

OTELO - Na cama com ela, na cama em cima dela? Nós dizemos deitar em cima dela, deitar com ela, porra, isso é nojento! Lenço - confissões - lenço! Confessar e depois ser enforcado. Primeiro ser enforcado, depois confessar. Isso me deixa tremendo. A natureza humana não iria se entregar a uma paixão cega dessas sem um motivo forte. Não são as palavras que me fazem tremer assim. Narizes, ouvidos e lábios. Será possível? Confessar? - Lenço - Oh, demônio!

*[Entra em transe.]*

IAGO - Isso, veneno, vai agindo! Assim é que se apanham os trouxas e que muitas damas virtuosas são difamadas sem ter culpa nenhuma. Olá, meu senhor! Meu senhor!

*[Entra CÁSSIO.]*

E agora, Cássio?

CÁSSIO - O que aconteceu?

IAGO - Ele caiu com um ataque epilético. É o segundo desde ontem.

CÁSSIO - Esfregue as têmporas dele.

IAGO - Não, deixe. A letargia deve seguir seu curso, senão ele vai espumar pela boca e pouco a pouco vai entrar numa loucura furiosa. Veja, está se mexendo. Afaste-se um pouco, ele logo vai voltar a si. Depois que ele sair quero falar com você sobre um assunto da maior gravidade.

[CÁSSIO sai.]

Como está se sentindo, general? O senhor não machucou a cabeça?

OTELO - Você está se divertindo comigo?

IAGO - Eu, me divertindo com o senhor? Nunca! Eu quero que o senhor enfrente os seus problemas como um homem!

OTELO - Um homem chifrudo é um monstro e uma fera.

IAGO - Então uma cidade populosa deve estar cheia de feras e de monstros civilizados.

OTELO - Ele confessou?

IAGO - Meu bom amigo, seja homem. Pense que cada sujeito barbado que anda preso pelo cabresto pode estar, assim como o senhor, puxando a mesma carga. Há por aí milhões desses que de noite se deitam em camas indignas ousando jurar que são só deles. Seu caso é melhor: ah, é uma maldição do inferno, uma zombaria do demônio beijar um prostituta achando que é honesta. Eu acho muito melhor saber. E sabendo o que sou, sei o que ela será.

OTELO - Você tem razão. Você está certo.

IAGO - Fique um pouco de lado. Contenha um pouco sua impaciência. Enquanto o senhor estava aí, consumido pela mágoa - paixão indigna de um homem assim - Cássio veio até aqui. Dei um jeito de afastá-lo e dei uma desculpa razoável a respeito do seu ataque. Pedi que voltasse depois para falar comigo aqui, e ele prometeu vir. Esconda-se e fique observando a ironia, o sarcasmo, o inegável desdém que se estampam em cada traço da fisionomia dele. Vou fazer que ele repita a história, onde, como, com que freqüência, por quanto tempo e quando ele esteve e ainda vai estar com sua mulher. Preste muita atenção nos gestos dele. E tenha paciência, ou então vou dizer que o senhor está fora de si e que perdeu completamente a razão.

OTELO - Escute, Iago. Eu vou me mostrar astuto ao extremo na minha paciência, mas - está me escutando? - sanguinário ao extremo também.

IAGO - E com toda razão. Mas tudo a seu tempo. O senhor pode se afastar agora?

[OTELO se retira. Entra CÁSSIO.]

Como está, tenente?

CÁSSIO - Pior impossível. Ainda mais se você me chama de tenente. A perda do posto vai acabar me matando.

IAGO - [*alto*] Apele a Desdêmona e com certeza você será bem sucedido. (*Baixo*) Agora, se este caso dependesse de Bianca, com que rapidez o senhor seria atendido!

CÁSSIO - Coitada!

OTELO - Olhe como já começou a rir.

IAGO - Nunca conheci mulher que amasse um homem tanto assim.

CASSIO - Ah, acho que essa infeliz está mesmo apaixonada por mim.

OTELO - Ele nega, agora. Mas ri descaradamente.

IAGO - Escuta, Cássio.

OTELO - Agora ele insiste que fale. Vamos, isso mesmo, fala.

IAGO - Ela anda espalhando que você vai se casar com ela. Você tem essa intenção?

CÁSSIO - Ah, ah, ah!

OTELO - Está cantando vitória, está?

CÁSSIO - Eu, me casar com ela? O que? Logo uma puta? Ora, por favor, não ofenda minha inteligência! Não pense que estou tão mal do juízo.

OTELO - Isso, isso, assim. É assim que riem os que estão levando a melhor.

IAGO - Juro que os boatos dizem que você vai se casar com ela.

*[foram cortadas as falas de Cássio, Iago e Otelô, na página 158 do Onestaldo]*

CÁSSIO - É essa idiota que anda espalhando essa história. Ela está convencida de que eu vou me casar com ela por causa do amor e da bajulação dela própria, não por causa de promessa minha.

OTELO - Iago está me fazendo sinais, vai começar a história.

CÁSSIO - Ela estava aqui agora mesmo, e me persegue por toda parte. Outro dia eu estava na praia, conversando com uns amigos de Veneza, e de repente surge aquela tonta e se atira assim e se agarra no meu pescoço ...

OTELO - Exclamando, "Ah, Cássio, querido!"

CÁSSIO - E se pendura, e me agarra e choraminga, e fica me puxando, ah, ah, ah!

OTELO - Agora ele vai contar como ela o arrasta para o meu quarto. Estou vendo bem esse seu nariz, só falta ver um cão feroz para te atirar em cima!

CÁSSIO - Bem, do que eu preciso é me livrar dela.

[*Entra BIANCA.*]

IAGO - Falando no diabo, olhe só quem chega.

CÁSSIO - Conheço esse perfume de longe. O que é que você pretende com esta perseguição?

BIANCA - Perseguição? Que o diabo e os dele lhe mostrem o que é perseguição. O que é que você quis dizer com este lenço que você me deu agora há pouco? Que idiota que eu fui em pegá-lo. Você quer que eu acredite que você achou o lenço no seu quarto sem saber quem o deixou lá? Isto é presente de alguma vagabunda, e sou eu que preciso copiar o trabalho? Tome. Dê lá para a sua potranca, onde quer que você o tenha achado. Eu é que não vou copiar bordado algum.

CÁSSIO - Ora, o que é isso, Bianca, o que é isso?

OTELO - Meu Deus, só pode ser o meu lenço.

BIANCA - E venha comer em casa hoje á noite. Hoje à noite ou nunca mais.

IAGO - Vá atrás dela! Atrás dela!

CÁSSIO - É melhor, ou ela vai sair me difamando pela rua.

IAGO - Você vai jantar com ela?

CÁSSIO - Acho que vou.

IAGO - Bem, pode ser que eu vá até lá, pois preciso muito falar com você.

CÁSSIO - Por favor, faça isso. Você irá?

IAGO - Combinado.

[*CÁSSIO sai.*]

OTELO - [*aproximando-se*] Como é que eu o mato, Iago?

IAGO - O senhor percebeu como ele ria, na maldade dele?

OTELO - Ah, Iago!

IAGO - E o lenço, viu?

OTELO - Era o meu?

IAGO - O seu, juro. Viu como ele faz sua mulher de idiota? Ela o deu a ele, e ele o deu à putinha dele.

OTELO - Eu seria capaz de ficar matando esse Cássio por nove anos seguidos.

IAGO - Não, o senhor precisa esquecer isso.



OTELO - Quero que ela apodreça, que pereça e que vá para o inferno hoje à noite! Ela não deve mais viver. Meu coração virou pedra. Eu bato nele e machuco minha mão. Não há no mundo criatura mais doce do que ela, ela poderia ficar ao lado de um imperador e de lhe dar ordens com aquela doçura.

IAGO - Não é o que o senhor deveria estar pensando, agora.

OTELO - Que morra! Eu só digo o que ela é. Tão hábil! E a voz? É capaz de amansar um urso selvagem. Uma pessoa generosa, inteligente e de imaginação tão fértil!

IAGO - Ela é pior ainda por tudo isso.

OTELO - Mil vezes, mil vezes pior. E além disso, uma pessoa tão generosa...

IAGO - É, generosa demais.

OTELO - Sim, sem dúvida. Que pena que seja assim. Ah, Iago, que pena, Iago!

IAGO - Se o senhor é tão compreensivo e se a generosidade dela não o incomoda, com certeza não incomoda mais ninguém.

OTELO - Vou picá-la em pedaços! Me chifrar!

IAGO - É uma puta sacanagem.

OTELO - E com meu subordinado!

IAGO - Mais sacanagem ainda.

OTELO - Me arranje um pouco de veneno, Iago, hoje à noite. Não vou discutir com ela para que o corpo e a beleza dela não enfraqueçam minha decisão outra vez hoje à noite, Iago.

IAGO - Nada de veneno. Estrangule-a na mesma cama que ela contaminou.

OTELO - Bom, bom. Isso me agrada. Muito bom.

IAGO - E quanto a Cássio, deixe que eu me encarregue dele. Você vai ter notícias disso lá pela meia-noite.

OTELO - Ótimo. O que é essa trombeta?

IAGO - Notícias de Veneza. Com certeza é Ludovico, que vem da parte do Doge. Veja, sua mulher está com ele.

*[Entram LUDOVICO, DESDÊMONA e comitiva.]*

LUDOVICO - O Doge e os Senadores o saúdam.

*[Dá a ele uma carta.]*

*[Fala cortada de Otelô.]*

DESDÊMONA - E quais são as notícias, primo?

IAGO - Fico feliz em vê-lo, senhor. Bem-vindo a Chipre.

LUDOVICO - Obrigado. Como está o Tenente Cássio?

IAGO - Vivo, senhor.

DESDÊMOMA - Primo, há um desentendimento desagradável entre ele e meu marido. Mas você poderá fazer que tudo termine bem.

OTELO - Está certa disso?

DESDÊMOMA - Como?

OTELO - [*lendo*] “O senhor saberá o que deve fazer..”

LUDOVICO - Ele não estava se dirigindo a você. Está ocupado lendo a carta. Então há uma divisão entre o senhor e Cássio?

DESDÊMOMA - Infelizmente, e das mais desagradáveis. Eu queria muito reconciliá-los, pelo bem que quero a Cássio.

OTELO - Você está louca?

DESDÊMOMA - O que está acontecendo? Por que ele ficou tão irritado?

LUDOVICO - Deve estar perturbado por causa da carta, pois creio que são ordens para que ele volte para casa e entregue o governo de Chipre a Cássio.

DESDÊMOMA - Mas isso é ótimo! Fico feliz com isso.

OTELO - Mesmo?

DESDÊMOMA - Como?

OTELO - Eu é que me alegro por ti, louca.

DESDÊMOMA - O que está dizendo, meu amor?

OTELO - Demônio!

[*Esbofeteando-a*]

DESDÊMOMA - Não mereço isso!

LUDOVICO - Senhor, ninguém acreditaria nisto em Veneza, mesmo que eu jurasse que o vi. É lamentável.. Peça perdão, ela está chorando.

OTELO - Ah, demônio, demônio! Se a terra pudesse ser fecundada por lágrimas de mulher, de cada lágrima dela brotaria um crocodilo. Fora da minha vista.

DESDÊMOMA - É melhor sair.

[Retirando-se.]

LUDOVICO - Uma mulher obediente. Eu lhe peço que a chame de volta.

OTELO - Senhora!

DESDÊMONA - Meu senhor?

OTELO - O que é que o senhor quer com ela, Excelência?

LUDOVICO - Quem, eu, senhor?

OTELO - Sim, o senhor quis que eu a fizesse voltar. Meu senhor, ela sabe virar, e dar meia volta, e ir e virar outra vez, e sabe chorar, senhor, e é obediente, muito obediente. Com relação a isto - ah, que interpretação convincente! - Ordenam que eu volte para casa. Pode ir. Daqui a pouco eu mando buscar você. E eu obedeço a ordem e retorno a Veneza... Agora vai!

[DESDÊMONA sai.]

Cássio vai ficar com meu lugar. Aceite meu convite para jantarmos juntos hoje à noite. Seja muito bem-vindo, senhor, a Chipre, entre bodes e macacos!

[Sai.]

LUDOVICO - É esse o nobre Mouro, que o nosso Senado não se cansa de elogiar? É esse o nobre cujo caráter nada consegue abalar? É essa a sólida natureza que tem o corpo fechado a qualquer tiro de guerra? A qualquer golpe do azar?

IAGO - Está muito mudado.

LUDOVICO - Será que ele está bem? Será que não está ficando louco?

IAGO - Ele é o que é, não me cabe julgar o que ele poderia ser. Se um homem não é o que poderia ser, seria melhor que fosse.

LUDOVICO - Ora, mas bater na mulher?

IAGO - De fato, aquilo não foi nada agradável. Só espero que isso seja o pior que possa acontecer.

LUDOVICO - Isso é comum? Ou será que foi a carta que lhe fez ferver o sangue?

IAGO - Não seria honesto de minha parte falar tudo o que vi e sei. Observe o senhor mesmo e vai poder conhecê-lo através de seus atos, assim eu economizo minhas palavras. Vá atrás dele e veja como ele se comporta.

LUDOVICO - Lamento ter me enganado com ele.

## CENA II

[Uma Sala no Castelo.]

[Entram OTELO e EMÍLIA.]

OTELO - Você não viu nada, então?

EMÍLIA - Nunca ouvi e muito menos suspeitei.

OTELO - Sim, mas você viu Cássio e ela juntos.

EMÍLIA - Mas não vi nada de mal, embora tenha ouvido cada sílaba do que disseram.

OTELO - Quer dizer que você nunca os viu conversando baixinho pelos cantos?

EMÍLIA - Nunca.

OTELO - Nem a mandaram sair de perto deles?

EMÍLIA - Nunca.

OTELO - Para ir buscar-lhe o leque, a máscara, ou alguma outra coisa?

EMÍLIA - Nunca.

OTELO - É estranho.

EMÍLIA - Juro, senhor, que ela é honesta. Sou capaz de apostar minha alma nisso. Se o senhor pensa o contrário, arranque esse pensamento de sua cabeça. Isso fere o seu peito. Se algum canalha o faz pensar assim, que o céu o amaldiçoe como amaldiçoou a serpente, pois se ela não for honesta, fiel e sincera, não há no mundo homem feliz, e a mais pura das mulheres é imunda!

OTELO - Diga-lhe que venha até aqui agora.

[EMÍLIA sai.]

OTELO - Disse o suficiente. No entanto é uma pessoa simplória, muito fácil de ser enganada. Aquela puta é sutil e dissimulada, um cofre fechado a sete chaves, cheio de segredos obscenos. E entretanto é capaz de ajoelhar e rezar, que eu já vi.

[Volta EMÍLIA com DESDÊMOMA.]

DESDÊMOMA - Senhor, o que deseja?

OTELO - Por favor, venha cá, venha cá, “querida”.

DESDÊMOMA - O que é que o faria feliz?

OTELO - Deixe-me ver seus olhos. Olhe no meu rosto.

DESDÊMOMA - Que pesadelo horrível é esse que você tem na cabeça?

OTELO - [para Emília] Não faz parte de sua função, madame, deixar os fornicadores sozinhos, fechar a porta e ficar do lado de fora de guarda, tossindo para avisar se alguém se aproxima? Pois então vá já para o seu posto! Anda!



[EMÍLIA sai.]

DESDÊMOMA - Pelo amor de Deus, o que você quer dizer com isso? Eu percebo a fúria nas suas palavras, mas não o sentido delas.

OTELO - Quem é você?

DESDÊMOMA - Sua mulher, senhor, sua sincera e leal mulher.

OTELO - Pois então jure, jure e condene a si própria ao jurar em falso, assim os próprios demônios não vão ter medo de agarrar você acreditando que é um anjo. Vamos, foda-se duplamente, e jure que é honesta.

DESDÊMOMA - O céu é testemunha de que eu sou.

OTELO - O céu é testemunha de que você é falsa como o inferno.

DESDÊMOMA - Falsa para quem, meu senhor? Com quem? Como?

OTELO - Ah, Desdêmona! Vai! Vai, Desdêmona, Vai!

DESDÊMOMA - Que dia tão pesado! Por que está chorando? Sou eu, senhor, a causa dessas lágrimas? Se você por acaso suspeita que o meu pai foi o responsável por você ter sido chamado de volta a Veneza, não me culpe por isso. Se você perdeu a estima dele, ora, eu também a perdi.

OTELO - Se o céu quisesse me por à prova com todo tipo de desgraça, se tivesse feito chover todo tipo de doenças, feridas e vergonhas sobre minha cabeça descoberta, se me tivesse mergulhado na pobreza, escravizado a mim e a todos os meus sonhos e esperanças, ainda assim eu havia de encontrar num canto da minha alma um pouco de paciência para me resignar. Ser feito de alvo de escárnio, zombaria e chacota, a quem se aponta com o dedo pela rua, tudo isso, quem sabe, eu pudesse suportar muito bem. Mas ser expulso do recanto onde eu depus toda a riqueza do meu coração, do lugar longe do qual eu morro, onde está a nascente do rio dos meus dias, sem a qual ele logo secará... Ser expulso, ser exilado desse recanto... Ou vê-lo transformado numa poça lamacenta onde fornicam e proliferam sapos asquerosos. Empalidece, Paciência, pois até teu jovem anjo de lábios rosados eu vejo aqui tornar-se sombrio como o inferno.

DESDÊMOMA - Espero que meu nobre senhor me considere honesta.

OTELO - Ah, sim, honesta como as moscas de verão nos matadouros, que emprenham até com o vento. Parasita, que é tão adoravelmente bela e de perfume tão doce que entorpece os sentidos. Melhor seria que você nunca tivesse nascido!

DESDÊMOMA - Que pecado eu cometi sem saber?

OTELO - Será que este papel tão alvo, este livro mais do que precioso foram feitos para que se escrevesse neles a palavra prostituta? Que pecado você cometeu? Que pecado? Mulher de todos! Que pecado? Se eu dissesse o sol taparia o nariz e a lua fecharia os olhos, e até o próprio vento que anda beijando a todos que encontra se esconderia mudo e quieto nas cavernas da terra para não me ouvir falar. Que pecado, vagabunda?

DESDÊMOMA - Meu Deus, você está me ofendendo.

OTELO - Por acaso você não é uma prostituta?

DESDÊMONA - Não, tão certo como eu ser uma cristã. Se não ser prostituta, é guardar este corpo para o meu senhor, livre de qualquer contato ilegal, então eu não sou.

OTELO - Não é puta, então?

DESDÊMONA - Não, pela salvação de minha alma, eu juro.

OTELO - É possível?

DESDÊMONA - Que Deus nos ajude!

OTELO - Então peço que me perdoe. Eu me enganei. Achei que estava falando com aquela prostituta astuciosa de Veneza que casou com um certo Otelo. Você, madame, tem o ofício oposto ao de São Pedro: você guarda as portas do inferno. Você! Você! Você!

*[Entra EMÍLIA]*

Já acabamos. Tome este dinheiro pelo seu serviço, feche bem a porta, passe a chave, e nem uma palavra.

*[Sai precipitadamente]*

EMÍLIA - Mas o que é que esse homem tem na cabeça? Como está, minha senhora?

DESDÊMONA - Na verdade, um pouco atordoadada.

EMÍLIA - O que é que está acontecendo com o meu senhor?

DESDÊMONA - Com quem?

EMÍLIA - Ora, com o meu senhor, patroa.

DESDÊMONA - Quem é o teu senhor?

EMÍLIA - Aquele que é o seu também.

DESDÊMONA - Eu já não tenho mais. Deixe-me em paz, Emília. Eu não consigo chorar e todas as minhas respostas são aquelas que podem ser expressas com lágrimas. Esta noite faça a minha cama com os lençóis do casamento. Não se esqueça. E agora vá chamar o seu marido.

EMÍLIA - Que mudança!

*[Sai.]*

DESDÊMONA - É justo que eu seja tratada assim, mais do que justo. Meu Deus, o que é que eu poderia ter feito para que até os meus atos mais ínfimos mereçam censura?

*[Entram IAGO e de novo EMÍLIA.]*

IAGO - Pois não, senhora? Como está?

DESDÊMONA - Nem sei dizer. Os que ensinam crianças agem de modo mais gentil e com lições mais fáceis. Ele poderia ter agido da mesma forma ao me repreender, pois não estou acostumada a ser repreendida.

IAGO - Mas o que foi que aconteceu, senhora?

EMÍLIA - Ah, Iago ele a xingou de prostituta. E usou de tal desprezo e de termos tão pesados que nenhum coração poderia suportar.

DESDÊMOMA - Eu sou o que diz essa palavra, Iago?

IAGO - Qual, senhora?

DESDÊMOMA - Essa que o meu marido disse que sou.

EMÍLIA - Ele disse que ela era uma puta. Nem mesmo um mendigo bêbado chamaria de puta a mulher com quem ele vive.

IAGO - Por que ele fez isso?

DESDÊMOMA - Não sei. Estou certa de que não sou nada disso.

IAGO - Por favor, não chore! Oh! meu Deus, que dia!

EMÍLIA - Para isso foi que ela abandonou tantos nobres pretendentes, deixou para trás o pai, o país e os amigos? Para ser chamada de puta?

DESDÊMOMA - Esta é a minha "boa" fortuna.

IAGO - Maldito seja ele por isso! Como é que ele meteu essa tolice na cabeça?

DESDÊMOMA - Só Deus sabe.

EMÍLIA - Quero que me enforcem, se não foi uma alma danada, um intrometido, algum safado, intrigante servil, algum lambe-saco atrás de um posto que pariu essa mentira monstruosa. Quero que me enforcem se não foi assim.

IAGO - Ora, não existe homem assim. É impossível.

DESDÊMOMA - E caso exista, que o céu o perdoe.

EMÍLIA - Que o perdoe no laço do enforcado e que o diabo lhe roa os ossos. Como é que ele pode chamá-la de puta? Quem é que a visita? Onde, quando e como? Isso faz sentido? Isso é obra de algum dedo-duro safado, algum crápula sem pai nem mãe, filho de uma cadela, que andou pondo essas coisas na cabeça do Mouro! Ah, que o céu revele quem são esses canalhas e ponha um chicote na mão de cada cidadão honesto para açoitar esse infame nu pelo mundo afora!

IAGO - Fale mais baixo!

EMÍLIA - Eu quero que morram! (*mais baixo a Iago*) Ele deve ser da mesma família do pulha que virou sua cabeça e fez você suspeitar de mim com o Mouro.

IAGO - Você é uma louca, pare com isso!

DESDÊMOMA - Meu bom Iago, o que é que eu posso fazer para ter o meu homem de novo? Meu bom amigo, vá até ele, pois por esta luz do céu, eu não sei como eu o perdi. Aqui eu me ajoelho. Se alguma vez eu o traí por palavras, ações ou pensamentos ou se os meus olhos, os meus ouvidos ou quaisquer outros sentidos procuraram prazer com qualquer outro que não fosse ele, se não é verdade que eu o amo como sempre amei e amarei, mesmo que seja miseravelmente abandonada, que eu nunca mais tenha um só momento de sossego na terra. A crueldade é poderosa, e a crueldade dele pode destruir a minha vida, mas não o meu amor. Eu não consigo sequer dizer "prostituta". Causa-me horror dizer esta palavra. Nem toda a riqueza do mundo poderia me levar a praticar um ato que correspondesse a essa palavra horrível.

IAGO - Eu lhe peço que se acalme. Os negócios de Estado o irritam muito, e ele descontou na senhora.

DESDÊMOMA - Antes fosse.

IAGO - Pois eu garanto que foi só isso.

*[Trombetas]*

Estão chamando para o jantar. Os nobres de Veneza já chegaram. Entre e não chore, tudo vai acabar bem.

*[Saem DESDÊMOMA e EMÍLIA]*

*[Entra RODRIGO]*

RODRIGO - Acho que não está agindo de maneira direita comigo.

IAGO - Como assim?

RODRIGO - Todos os dias você me dispensa com alguma desculpa, e mais do que isso, ao invés de me dar alguma esperança, você me afasta de todas as oportunidades. Não vou suportar mais isso, até por que não estou disposto a agüentar pacientemente aquilo que eu venho aturando até aqui feito um idiota.

IAGO - Você quer me ouvir, Rodrigo?

RODRIGO - Ouvir o caralho, eu já ouvi demais, pois suas atitudes não correspondem.

IAGO - Você está sendo injusto comigo.

RODRIGO - Porra nenhuma! Eu acabei com toda a minha fortuna, toda a minha capacidade de investimento. As jóias que lhe dei para presentear Desdêmoma dariam para corromper até o Papa. Você me disse que ela as recebeu, e que me dava esperanças, mas eu não comprovei nada disso.

IAGO - Tá bem, vai! Continua!

RODRIGO - Continua o que? Eu não posso continuar, pois as coisas não vão nada bem, e eu estou me sentindo enganado.

IAGO - Você é que sabe.

RODRIGO - Eu é que sei mesmo. Eu vou falar com Desdêmoma, e se ela devolver as minhas jóias, eu desisto de tudo e até peço desculpas pelo assédio ilegítimo; caso contrário, você vai ter que acertar contas comigo.

IAGO - Acabou?



RODRIGO - Acabei e garanto que é isso mesmo que eu vou fazer.

IAGO - Agora sim! Agora vejo que você tem sangue nas veias. Você subiu muito no meu conceito. Deixe eu apertar a sua mão. Aparentemente você tem toda a razão para desconfiar de mim, mas eu posso lhe garantir que agi com a máxima lisura no seu caso.

RODRIGO - Não é o que parece.

IAGO - Concordo que não pareça e que sua desconfiança não é sem motivo. Mas, Rodrigo, se dentro de você existe (e agora, mais do que nunca, acredito que exista) propósito, coragem e determinação, prove-o hoje à noite. E se até amanhã de noite você ainda não tiver se deliciado com Desdêmona, pode me acusar de traição e arranjar um jeito de dar cabo de mim.

RODRIGO - Está bem. Mas o que é que você quer que eu faça? Alguma coisa razoável?

IAGO - Meu amigo, acabou de chegar uma ordem de Veneza determinando que Cássio ocupe o lugar de Otelo.

RODRIGO - Isso é verdade? Quer dizer, então, que Otelo e Desdêmona voltam para Veneza.

IAGO - Ah, não, ele vai para a Mauritània e leva com ele a bela Desdêmona, a menos que algum acidente o obrigue a ficar aqui. E nada poderia ser tão decisivo quanto a remoção de Cássio.

RODRIGO - O que você quer dizer com remoção?

IAGO - Ora, alguma coisa que o tornasse incapaz, que arrebentasse sua cabeça...

RODRIGO - É isso que você quer que eu faça?

IAGO - É, e se você tiver coragem de fazê-lo, você pode lucrar duplamente: presta um serviço a você mesmo e ainda se vinga. Ele vai jantar na casa de uma putona hoje à noite, e eu vou me encontrar com ele lá. Ele ainda não sabe desse "presente" que Veneza lhe preparou. Vá para lá e fique esperando do lado de fora. Vou fazer que ele saia entre meia-noite e uma hora, e aí você pode atacá-lo como preferir. Vou estar perto para ajudar, caso você precise. Vamos, não fique parado como um idiota, venha comigo. Vou lhe mostrar que a morte dele é tão necessária que você vai ficar se achando na obrigação de dar um fim nele. Já passa da hora do jantar. Mãos à obra.

RODRIGO - Eu queria pensar um pouco mais.

IAGO - Vamos andando, e no caminho eu te convenço.

### CENA III

*[Chipre. Outra sala no castelo.]*

*[Entram OTELO, LUDOVICO, DESDÊMONA, EMÍLIA e comitiva]*

LUDOVICO - Por favor, senhor, não quero incomodá-lo mais.

OTELO - Não é incômodo nenhum. Andar vai me fazer bem.

LUDOVICO- Então boa-noite, senhora, eu lhe agradeço por tudo.

DESDÊMOMA - É uma honra tê-lo recebido.

OTELO - Então, senhor, vamos?... Ah, Desdêmona!

DESDÊMOMA - Meu senhor?

OTELO - Vá para a cama, eu volto logo, e dispense a empregada imediatamente. Faça isso.

DESDÊMOMA - Sim, meu senhor.

*[Saem OTELO, LUDOVICO e comitiva]*

EMÍLIA - Como é que ele está agora? Parece mais calmo que antes.

DESDÊMOMA - Ele disse que já volta. Ele me mandou para a cama e mandou que eu dispensasse você.

EMÍLIA - Que me dispensasse?

DESDÊMOMA - Foi a ordem dele; portanto Emília passe minha camisola e adeus. Não podemos contrariá-lo agora.

EMÍLIA - Eu queria que a senhora nunca o tivesse visto!

DESDÊMOMA - Pois eu não queria. Eu o amo tanto que mesmo a teimosia dele, as zangas e os ataques de mal humor - sabotoe aqui para mim - têm seus encantos.

EMÍLIA - Eu pus aqueles lençóis de casamento que a senhora me pediu.

DESDÊMOMA - Agora isso não importa mais. Cada maluquice que passa pela nossa cabeça! Se eu morrer antes de você, eu lhe peço que me enterre com um desses lençóis.

EMÍLIA - Ora, ora, que bobagem!

DESDÊMOMA - Minha mãe tinha uma empregada chamada Bárbara, que tinha se apaixonado por um homem que ficou louco e a abandonou. Ela cantava sempre uma velha balada. A Balada do Chorão. Era uma canção antiga que exprimia bem a sua situação e ela morreu assim, cantando. Esta noite a canção não sai da minha cabeça. Eu não consigo fazer outra coisa a não ser inclinar a cabeça e cantar como a pobre Bárbara. Mas por favor, anda depressa!

EMÍLIA - Devo ir buscar sua camisola?

DESDÊMOMA - Não. Me ajude aqui. Simpático esse Ludovico.

EMÍLIA - Um belo homem.

DESDÊMOMA - Fala bem.

EMÍLIA- Conheço uma certa mulher em Veneza que teria sido capaz de ir descalça até a Palestina só para tocar nos lábios dele.

DESDEMONA- *[Cantando]*

*Pobre alma, sentada suspira  
Embaixo de um verde chorão.  
A mão ela traz sobre o peito ,  
A cabeça pendente sobre o coração.  
Chorando ela canta junto a um ribeiro,  
O rumor das águas ecoa a canção.  
Chorando ela canta ao pé de um salgueiro,  
O pranto caindo nas pedras do chão.*

Guarde estas.

*[Dá a EMÍLIA algumas peças de roupa.]*

*Chora salgueiro, canta chorão,  
Cantem todos ao pé do salgueiro  
Cantem todos ao pé do chorão.*

Anda depressa. Logo ele está de volta.

*Cantem todos a verde grinalda,  
Que do verde ramo eu farei do chorão.  
Ninguém o censure, eu aceito o desdém.*

Não, não é essa a letra. Quem é que está batendo?

EMÍLIA - É o vento.

*Chamei-o de falso, e o que foi que ele disse?  
Cantem todos ao pé do chorão  
"Se outras cortejo, busca outros então."*

*[A Emília]* Agora vai. Boa-noite. Meus olhos estão coçando. Será que é sinal de lágrimas?

EMÍLIA - Não é sinal de nada.

DESDÊMOMA - Ouvi dizer que sim. Ah! Esses homens, esses homens. Você acredita em sã consciência, Emília, que há mulheres que são capazes de trair seus maridos?

EMÍLIA - Claro que sim.

DESDÊMOMA - Se te dessem o mundo inteiro, você faria isso?

EMÍLIA - E a senhora, não faria?

DESDÊMOMA - Nunca, por esta luz que me ilumina.

EMÍLIA - Nem eu pela luz que me ilumina. Eu posso fazer muito melhor no escuro...

DESDÊMOMA - Quer dizer que para ter o mundo em suas mãos, você faria qualquer coisa?

EMÍLIA - O mundo é grande demais. É um preço muito alto para algo tão pequeno.

DESDÊMONA - Na verdade eu acho que você não faria.

EMÍLIA - Na verdade o que eu acho é que deveria fazer e, depois de ter feito, desfazer. É claro que eu não o faria por uma jóia pequena, por roupas ou por qualquer presentinho insignificante. Mas pelo mundo inteiro? Quem não poria uma coroa de chifres no marido para fazer dele um rei? Eu arriscaria até o purgatório por isso.

DESDÊMONA - Nem que fosse pelo mundo inteiro! Que eu queime no fogo do inferno se eu cometesse um crime assim.

EMÍLIA - O crime só é crime perante o mundo. Se a senhora tivesse o mundo em suas mãos como recompensa do seu crime, ele passaria a ser um crime num mundo que lhe pertence. Logo, a senhora poderia transformá-lo em virtude. O errado passaria a ser certo.

DESDÊMONA - Duvido que existam mulheres assim.

EMÍLIA - Se existem? Às dezenas! Daria para se povoar o mundo. Mas o que eu acho é que a culpa pela queda das mulheres é dos maridos. Eles é que relaxam seus deveres de homens e nos deixam de lado, e despejam nossos tesouros em colos alheios, ou então, irrompem em ciúmes estúpidos e limitam nossa liberdade, ou nos batem, e por vingança, reduzem nossos recursos domésticos. Ora, nós temos mais do que razões para ressentimentos. E por mais virtude que tenhamos, é claro que alguma hora vamos querer revidar. Os maridos precisam saber que as suas mulheres também têm sentimento: que elas enxergam, que elas farejam, que elas distinguem o que é doce e o que é amargo na vida. O que é que os leva a nos trocar por outras? Será que é por esporte? Eu penso que é. Por paixão? Bem possível. Por fraqueza? É também. E nós? Nós também, como os homens, também não temos paixões? Também não somos fracas? Também não gostamos desse esporte? Pois eles que nos tratem bem. Ou saibam que os males que nos causam nos autorizam a causar-lhes outros males.

DESDÊMONA - Boa-noite, boa-noite. Que o céu me inspire a não pagar o mal com o mal, e sim a transformá-lo.

[saem]

#### **Fim do Ato IV**

ATO V

Cena I

[Uma rua.]

[Entram IAGO e RODRIGO.]

IAGO - Esconda-se aqui. Ele virá logo. Use sua bela espada e crave no alvo, rápido, rápido e sem medo! Vou estar do seu lado. Ou tudo ou nada. Pense nisso e aja com firmeza.

RODRIGO - Fique por perto. Posso errar o golpe.

IAGO - Estou aqui, ao alcance de sua mão. Seja corajoso e fique atento.



[Retira-se]

RODRIGO - Não me sinto nem um pouco entusiasmado com isso tudo, mas as razões que ele me deu são mais do que satisfatórias... É só um homem a menos. Vai, braço, não trema. Um golpe e pronto, ele está morto.

IAGO - Tanto cocei esta picada que ela virou ferida. Ele agora está enfurecido. De qualquer modo, se ele matar Cássio ou Cássio a ele, ou se os dois se matarem um ao outro, quem sai ganhando sou eu. Se Rodrigo sobreviver, vai querer que eu devolva o dinheiro e as jóias que arranquei dele para presentear Desdêmona. Isso não pode acontecer. Por outro lado, se é Cássio que sobrevive, a vida dele tem uma beleza que torna a minha horrenda. De mais a mais, posso ser desmascarado. Aí é que corro perigo. Não, é preciso que ele morra.

[Entra CÁSSIO.]

RODRIGO - Lá vem ele! Conheço esse andar. É ele! Morre, canalha!

[Dá uma estocada em CÁSSIO.]

CÁSSIO - Esse golpe bem que podia ter me matado, mas este meu colete é melhor do que você pensa. Agora vamos provar o seu.

[Saca a espada e fere RODRIGO.]

RODRIGO - Fui assassinado!

[IAGO, vindo por trás, fere CÁSSIO na perna e sai.]

CÁSSIO - Me aleijaram! Assassino! Assassino!

[Cai.]

[Entra OTELO.]

OTELO - É a voz de Cássio! Iago cumpre sua palavra!

RODRIGO - Que idiota eu fui!

CÁSSIO - Luz! Luz! Socorro! Um cirurgião!

OTELO - É ele mesmo. Ah, bravo Iago, coração honesto e justo, que se ressentiu tão nobremente do ultraje feito a seu amigo... Você está me mostrando o que fazer. Mulher, o seu amante está morto e a sua hora se aproxima. Estou a caminho, sua puta. Os encantos dos seus olhos se apagaram do meu coração. Seu leito, que a luxúria manchou, será lavado com o sangue da luxúria.

[Entram LUDOVICO e GRACIANO.]

CÁSSIO - Que é? Nenhum guarda? Ninguém acode? Assassinato! Assassinato!

GRACIANO - Alguma desgraça! É um grito de desespero!

CÁSSIO - Socorro! Ajuda!

LUDOVICO - Ouviu?

RODRIGO - Canalha! Safado!

LUDOVICO - Dois ou três gemendo. É uma noite pesada. Vai ver que é uma cilada. É bom a gente não se arriscar sem nenhum reforço.

RODRIGO - Ninguém vem? Estou me esvaindo em sangue.

*[IAGO volta com uma luz.]*

LUDOVICO - Ouça!

GRACIANO - Vem alguém aí à paisana, com luzes e armas.

IAGO - Quem está aí? Quem é que está gritando?

LUDOVICO - Não sabemos.

IAGO - Você não ouviu um grito?

CÁSSIO - Aqui, aqui! Pelo amor de Deus, me ajudem!

IAGO - O que é que está acontecendo?

GRACIANO - Parece que é o alferes de Otelo.

LUDOVICO - É o próprio. Um soldado e tanto!

IAGO - Quem é que está gritando assim?

CÁSSIO - Iago! Sou eu! Fui atacado por uns bandidos! Me ajude!

IAGO - Oh, tenente! Quem foram os canalhas que lhe fizeram isso?

CÁSSIO - Um deles está por perto e não vai poder escapar.

IAGO - Filhos da puta! E vocês aí? Por que é que não vem ajudar?

*[Para LUDOVICO e GRACIANO.]*

RODRIGO - Me ajude aqui!

CÁSSIO - Esse é um deles.

IAGO - Ah, assassino, covarde!

*[Fere RODRIGO.]*

RODRIGO - Ah, Iago maldito! Cão desumano!

IAGO - Matar no escuro? Onde é que estão esses ladrões sanguinários? Como a cidade está silenciosa! Assassino! Assassino! E vocês, quem são? São do bem ou do mal? Senhor Ludovico?

[FALA CORTADA DE LUDOVICO]

LUDOVICO – Ele mesmo.

IAGO – Peço que me desculpe. Cássio está aqui, ferido por criminosos.

GRACIANO – Cássio!

IAGO – Como está, meu irmão?

CÁSSIO – Minha perna foi cortada em duas.

IAGO – Deus nos livre! Senhores, por favor, luz. Vou amarrá-la com minha camisa.

[*Entra BIANCA.*]

BIANCA – O que aconteceu? Quem estava gritando?

IAGO – Quem estava gritando?

BIANCA – Meu querido Cássio! Cássio! Cássio, Cássio!

IAGO – Ah, sua grandíssima puta! Cássio, você não tem a mais leve suspeita de quem é que mutilou você assim?

CASSIO – Não.

GRACIANO – Lamento encontrá-lo neste estado. Eu estava mesmo à sua procura.

IAGO – Empréstimo-me uma liga. Assim. Ah, se houvesse uma maca poderíamos transportá-lo mais facilmente!

BIANCA – Meu Deus! Ele está desmaiado! Cássio! Cássio! Cássio!

IAGO – Senhores, eu suspeito que esse lixo esteja metido nisso. Paciência, Cássio, um pouco de paciência. Iluminem aqui. Quem é este? É alguém conhecido? Meu Deus, é o Rodrigo!

GRACIANO – Qual, o de Veneza?

IAGO – Ele mesmo. O senhor o conhecia?

GRACIANO – Se eu o conhecia? Muito.

IAGO – Senhor Graciano, peço o seu generoso perdão. Estes acidentes sangrentos me fizeram faltar com a devida atenção para com o senhor.

GRACIANO – Estou contente de ver você.

IAGO – Como está, Cássio? A maca! A maca!

GRACIANO – Rodrigo!

*[Uma maca é trazida.]*

IAGO – Ah, que bom que chegou a maca. Levem-no com cuidado. Eu vou buscar o cirurgião do general. *[A BIANCA.]* A senhora pode poupar a sua representação. Este que está caído aqui, Cássio, era meu querido amigo. Que confusão houve entre vocês dois?

CÁSSIO – Nenhuma! Eu nem o conheço!

IAGO – *[Para BIANCA.]* Por que é que você está tão pálida? Levem-no para dentro.

*[CÁSSIO e RODRIGO são levados.]*

Esperem um pouco, senhores. Os senhores estão vendo o terror nos olhos dela? Ora, se fixarem bem o olhar, logo vamos saber de mais detalhes. Observem bem. Peço que olhem para ela: o que é que estão vendo, senhores? Ora, a consciência culpada sempre se revela pelos olhos quando a língua perde a função.

*[Entra EMÍLIA.]*

EMÍLIA – O que aconteceu? O que aconteceu, meu marido?

IAGO – Misericórdia!

IAGO – Esse é o resultado da sua putaria. Emília, vá perguntar a Cássio com quem é que ele jantou esta noite. O que há, está tremendo?

BIANCA – Ele jantou na minha casa, e eu não estou tremendo.

IAGO – Ah, foi com você, que ele jantou? Eu lhe ordeno que venha comigo

EMÍLIA – Puta, descarada, sem vergonha!

BIANCA – Não sou puta: sou tão honesta quanto você.

EMÍLIA – Como eu? Ah, cínica, vagabunda!

IAGO – Senhores, temos que cuidar do pobre Cássio. Venha, madame. Você vai me contar essa história direitinho. Emília, corre até o forte e conta ao general e à esposa o que houve. Vamos! Esta é a noite em que ou eu estou feito na vida ou me arruíno por completo.

## Cena II

*[Quarto de dormir no Castelo. Desdêmona na cama, adormecida; uma vela acesa]*

*[Entra OTELO.]*

OTELO – É a ofensa, é a ofensa, minha alma. Não quero dizer seu nome diante de vocês, castas estrelas. É a ofensa. Mas não vou esparramar seu sangue nem rasgar sua pele tão branca e tão lisa. Ela precisa morrer para não trair mais homens. Apago a luz, e depois apago a sua luz. Se eu apagar esta chama, posso ressuscitá-la caso me arrependa; mas se apagar a sua luz, criação deliciosa da natureza, não sei onde posso encontrar o fogo



de Prometeu que a possa reacender. Quando eu tiver colhido a rosa, não vou poder devolver-lhe a força da vida: ela tem de secar. Vou sentir seu perfume no galho. [*Beija Desdêmona.*] Seu hálito doce quase convence a Justiça a quebrar sua espada. Mais uma vez...Mais uma vez... Fique assim...Fique assim quando morrer, que eu vou matar primeiro e amar você depois. Mais uma vez, e agora é a última. Nunca algo tão doce foi tão fatal. Eu preciso chorar, mas estas são lágrimas cruéis. Minha dor é como o castigo do céu, que golpeia quem ama. Acordou.

DESDÊMOMA – Quem está aí? Otelo?

OTELO – Sim, Desdêmona.

DESDÊMOMA – Você vem se deitar comigo?

OTELO – Você rezou hoje à noite, Desdêmona?

DESDÊMOMA – Rezei.

OTELO – Se você se lembra de algum crime ainda não confessado, peça perdão agora.

DESDÊMOMA – O que você está querendo dizer?

OTELO – Faça o que eu digo, e seja rápida. Eu espero. Eu não mataria o seu espírito em pecado. Não, Deus me livre, eu não mataria a sua alma.

DESDÊMOMA – Você está falando em matar?

OTELO – Sim, estou.

DESDÊMOMA – Que o céu tenha piedade de mim!

OTELO – Amém, de todo o meu coração!

DESDÊMOMA – Se você fala assim, posso ter esperança de que não me mate.

OTELO – Hum!

DESDÊMOMA – E no entanto eu tenho medo quando você me olha assim. Por que eu deveria ter medo, eu não sei, já que sou inocente. Ainda assim, tenho medo.

OTELO – Pense nos seus pecados.

DESDÊMOMA – São os carinhos que eu lhe dou.

OTELO – E é por isso que você vai morrer.

DESDÊMOMA – É contra a natureza uma morte que mata por amor. Por que você morde assim os lábios? Algum furor sanguinário está agitando seu corpo. Que horror, que terríveis sinais! Não posso acreditar que sejam contra mim!

OTELO – Fique quieta!

DESDÊMOMA – Eu fico, mas o que está acontecendo?

OTELO – Aquele lenço que eu lhe dei e que era tão importante, você o deu a Cássio.

DESDÊMOMA – Não, pela minha vida e pela minha alma. Mande buscar o homem e pergunte a ele.

OTELO – Doce alma, toma cuidado, toma cuidado com o juramento em falso. Você está em seu leito de morte.

DESDÊMOMA – Mas não ainda para morrer.

OTELO – Sim, para morrer agora. Portanto confesse abertamente o seu pecado, pois mesmo que você negue sob juramento cada detalhe, não poderá remover ou abalar esta certeza inflexível da sua culpa que me dilacera. Você tem que morrer.

DESDÊMOMA – Então, que o Senhor tenha piedade de mim!

OTELO – Amém.

DESDÊMOMA – E você também, tenha piedade! Jamais o ofendi em toda a minha vida. Nunca tive por Cássio mais do que uma amigável afeição. Nunca lhe dei nada.

OTELO – Eu vi meu lenço na mão dele. Ah, mulher falsa, você transforma meu coração em pedra e me faz chamar o que pretendo fazer de assassinato, quando antes eu pensava se tratar de um sacrifício. Eu vi o lenço.

DESDÊMOMA – Então ele deve tê-lo achado por acaso. Nunca o dei a ele. Mande chamá-lo, faça que ele conte a verdade.

OTELO – Ele já confessou

DESDÊMOMA – Confessou o que?

OTELO – Que esteve com você.

DESDÊMOMA – Esteve comigo como? Clandestinamente?

OTELO – É.

DESDÊMOMA – Ele não vai dizer isso.

OTELO – Não, não vai, a boca dele agora está calada. O honesto Iago se encarregou disso.

DESDÊMOMA – Meu medo me faz entender tudo... Quer dizer que ele está morto?

OTELO – Ele poderia ter tantas vidas como fios de cabelo que a minha vingança teria apetite suficiente para todas elas.

DESDÊMOMA – Ai, ele foi traído e eu estou desgraçada.

OTELO – Ah, sua puta, você chora por ele na minha frente?

DESDÊMOMA – Ah, me mande embora, mas não me mate!

OTELO – Deita, sua puta!

DESDÊMONA – Mate-me amanhã, deixe que eu viva só mais uma noite.

OTELO – Não. E se você resistir...

DESDÊMONA – Meia hora... Só meia hora!

OTELO – Não se interrompe o que se começou.

DESDÊMONA – O tempo de uma oração.

OTELO – Agora é tarde.

*[Ele a estrangula.]*

DESDÊMONA – Deus! Deus!Deus!

EMÍLIA – *[De fora]* Meu senhor? Meu senhor? O que está acontecendo, meu senhor?

OTELO – Que barulho é esse? Não morreu ainda? Ainda não está morta? Posso ser cruel, mas também tenho piedade. Não quero prolongar sua agonia. Isso. Assim.

EMÍLIA *[de fora]* – O que está acontecendo, meu senhor? Meu senhor? Meu senhor? Meu senhor?

OTELO – Quem está aí?

EMÍLIA *[de fora]* – Preciso trocar uma palavra com o senhor.

OTELO - Sim! *[É Emília]* Espera um minuto. Está morta. Deve ter vindo contar da morte de Cássio. A repercussão deve ter sido grande. Não está se mexendo mais? Quieta como um túmulo. Será que a deixo entrar? Seria bom? Acho que ela ainda está se mexendo. O que seria melhor? Se ela entrar, com certeza vai querer falar com minha mulher. Minha mulher, minha mulher, minha mulher. Eu não tenho mulher. Ah, dor insuportável! Momento cruel! Deveria haver um imenso eclipse do sol e da lua capaz de encher de terror e de arrebentar o globo inteiro.

EMÍLIA *[de fora]* – Eu lhe peço, senhor, preciso falar com o senhor!

OTELO – Tinha me esquecido de você. Entre, Emília. Devagar. Um momento, deixe-me fechar as cortinas. Onde você está?

*[Entra EMÍLIA.]*

O que é que você quer?

EMÍLIA – Ah, meu bom senhor, crimes bárbaros aconteceram lá fora.

OTELO – O que, agora?

EMÍLIA – Agora mesmo.

OTELO – É a lua. Quando ela chega perto demais da terra, enlouquece os homens.

EMÍLIA – Cássio, meu senhor, matou um jovem veneziano chamado Rodrigo.

OTELO – Rodrigo morreu? E Cássio morreu?

EMÍLIA – Não, Cássio não morreu.

OTELO – Não morreu Cássio? Então a morte errou e a doce vingança falhou.

DESDÊMOMA – Morta injustamente, injustamente assassinada!

EMÍLIA – Meu Deus! Que gemido é esse?

OTELO – Esse? Qual?

EMÍLIA – Horror! Horror! É a voz dela! Socorro! Socorro! Oh, senhora, fale outra vez, doce Desdêmona, doce senhora, fale!

DESDÊMOMA – Morro uma morte sem culpa.

EMÍLIA – Quem fez isso?

DESDÊMOMA – Ninguém. Eu mesma. Adeus. Dê meu amor ao meu querido. Oh, adeus!

*[Morre.]*

OTELO - Por que? Como é possível ela ter sido assassinada?

EMÍLIA – Ai, quem sabe?

OTELO – Você a ouviu dizer que não fui eu.

EMÍLIA – Foi o que ela disse. Devo limitar-me à verdade.

OTELO – Como mentirosa que é, deve ter ido queimar no fogo do inferno. Fui eu quem a matou.

EMÍLIA – Morrer sem culpa faz dela um anjo ainda maior, e do senhor um demônio ainda mais negro.

OTELO – Ela se perverteu e se tornou uma vagabunda.

EMÍLIA – Isso é uma calúnia! Que demônio o senhor é!

OTELO – Era falsa como a água.

EMÍLIA – O senhor é que é selvagem como o fogo ao dizer que ela era falsa. A fidelidade dela era digna do céu.

OTELO – Cássio trepou com ela, pergunte a seu marido se não é verdade. Quero arder no fogo do inferno se eu tiver chegado a este extremo sem motivo justo. Seu marido sabia de tudo.

EMÍLIA – Meu marido?



OTELO – Seu marido.

EMÍLIA – Que ela o traía?

OTELO – É, com Miguel Cássio. Se ela tivesse sido honesta, eu não a teria trocado por nada deste mundo.

EMÍLIA – Meu marido?

OTELO – É, foi ele quem me abriu os olhos. Honesto como é, ele odeia a imundície desses atos obscenos.

EMÍLIA – Meu marido?

OTELO – Seu marido, já lhe disse.

EMÍLIA – Ah, senhora, a canalhice debochou do amor! Meu marido dizer que ela era infiel!

OTELO – Ele mesmo, mulher, foi o que eu disse, o seu marido, você não entende? O meu amigo, o seu marido, o honrado, o honesto Iago.

EMÍLIA – Se ele diz isso, que a sua alma perniciosa apodreça um pouco a cada dia. É uma mentira descarada e absurda. Ela amava demais quem não valia nada.

OTELO – Quê? \* Para o seu próprio bem seria melhor você calar a boca!

[\* Fala cortada de Emília]

EMÍLIA – Seu poder de me fazer mal não é nem metade do meu poder de suportar a dor. Ah, imbecil! Otário! É tão ignorante como a lama que o cobre! Não tenho medo nenhum da sua espada vou lhe dizer quem você é, ainda que eu morra vinte vezes. Socorro! Socorro! Socorro! O mouro matou a minha patroa! Assassino!

[Entram MONTANO, GRACIANO, IAGO e outros.]

MONTANO - O que aconteceu? O que aconteceu, general?

EMÍLIA – Ainda bem que você veio, Iago, pois há crimes alheios sendo jogados sobre suas costas.

GRACIANO – O que aconteceu?

EMÍLIA – Se você é homem, desmente este demônio. Ele diz que você lhe contou que a mulher dele era infiel. Eu sei que você não diria isto, que você não seria capaz de uma vilania dessas. Fala. O meu coração sufoca.

IAGO – Eu só disse o que pensava, e nada além daquilo que ele próprio pudesse comprovar.

EMÍLIA – Mas você alguma vez disse que ela era infiel?

IAGO – Disse.

EMÍLIA – Você mentiu. É uma mentira odiosa. Eu juro pela minha alma. Uma mentira criminosa. Ela trepava com Cássio? Você diz que ela trepava com Cássio?

IAGO – Com Cássio, mulher. Agora cale essa boca.

EMÍLIA – Não vou calar a boca, vou por a boca no mundo e gritar. Minha patroa está aqui, morta em sua cama, e foi a sua intriga quem a matou.

OTELO – Não se espantem, senhores, é a mais crua verdade.

GRACIANO – É uma absurda verdade.

EMÍLIA – Filho da puta! Filho da puta! Filho da puta! Bem que eu desconfiava. Agora estou entendendo Tudo. Ah, filho da puta! Filho da puta! Acabo me matando de dor. Filho da puta! Filho da puta!

IAGO – Ficou louca? Vá para casa. Vá!

EMÍLIA – Meus senhores, deixem que eu tenha licença de falar. Sei que devo obediência a ele, mas não é o caso, agora. Acho que nunca mais volto para casa, Iago.

OTELO – Oh! Oh! Oh!

*[Caindo sobre o leito.]*

EMÍLIA – Isso, estrebucha, urra! Você matou a mulher mais doce e inocente que já existiu!

OTELO – *[erguendo-se.]* Ah, ela era imunda. Meu tio, eu não o havia reconhecido; ali está a sua sobrinha, que acabou de ser estrangulada pelas minhas próprias mãos. Sei que este ato pode parecer terrível e sinistro.

GRACIANO – Pobre Desdêmona! Ainda bem que seu pai não viveu para ver isto. Seu casamento havia sido para ele um golpe fatal, antecipando o seu fim. Se ele estivesse aqui agora, o desespero seria tão grande, que ele seria capaz de amaldiçoá-la para sempre.

OTELO – É doloroso, mas Iago sabe quantas vezes ela e Cássio cometeram o ato vergonhoso. Cássio confessou tudo, e ela, como paga dos favores amorosos, presenteou a ele um lenço que eu lhe havia dado, uma antiga relíquia que meu pai um dia dera a minha mãe.

EMÍLIA – Deus do céu!

IAGO – Vamos, controle-se, cale essa boca!

EMÍLIA – A verdade precisa ser dita. Não vou me calar, senhor, não. Vou falar, gritar livremente como o ar. Podem o céu, os homens e os demônios se voltarem contra mim, que mesmo assim eu vou falar.

IAGO – Seja sensata e vá para casa.

EMÍLIA – Não vou.

*[IAGO tenta apunhalar Emília.]*

GRACIANO – Que é isso? Vai usar uma espada contra uma mulher?

EMÍLIA – Mouro estúpido! Aquele lenço, eu o encontrei por acaso e o dei ao meu marido, que vivia insistindo para que eu o roubasse. Insistência grande demais em se tratando de coisa tão comum!

IAGO – Ah, sua puta imunda!

EMÍLIA – Se ela o deu a Cássio? Não, ai de mim, fui eu que o encontrei e que o dei ao meu marido.

IAGO – É mentira, sua vagabunda!

EMÍLIA – Juro que não é, senhores. Ah, assassino imbecil. O que um idiota desta espécie iria fazer com uma mulher daquelas?

OTELO – Será que as pedras do céu só servem para trovejar em vão? Ah, verme asqueroso!

[*OTELO atira-se sobre IAGO. IAGO apunhala EMÍLIA e sai.*]

EMÍLIA – Ai!!!... Ai!!! Ponham-se ao lado de minha patroa.

MONTANO – É um criminoso da pior espécie. Tome esta arma, que acabo de tomar ao Mouro. Vá, fique de guarda do lado de fora da porta. Não deixe que ele escape. Se tentar, mate-o . Vou caçar aquele assassino, aquele animal.

[*Saem MONTANO e GRACIANO.*]

OTELO – Já não valho mais nada, mesmo. Até um homenzinho de merda desses pode me desarmar a toa. Como é que pode a honra sobreviver à honestidade? É melhor perder as duas.

EMÍLIA – Como é que era mesmo aquela canção, princesa? Está me ouvindo? Vou fazer como o cisne, e morrer cantando. [*Cantando*] *Chora, salgueiro, chora chorão.* Ela era honesta, Mouro, e o amava. Que eu não vá para o céu se não estiver falando a verdade. É por falar a verdade que eu estou morrendo.

[*Morre.*]

OTELO – Tenho outra arma neste quarto. Uma espada espanhola. Aqui está. Meu tio, preciso sair.

GRACIANO – Se você tentar alguma coisa, isso vai lhe custar muito caro. Conforme-se, pois você está desarmado.

OTELO – Venha até aqui, então, falar comigo. Se o senhor não vier, vou atacá-lo, mesmo desarmado.

[*Entra GRACIANO*]

GRACIANO - O que é que você quer?

OTELO – Veja, tenho uma arma. A melhor que já pendeu da cinta de um soldado. Houve época em que este braço, armado com uma espada, rasgou o caminho através de obstáculos vinte vezes mais poderosos do que a sua resistência. Mas, ah, que vaidade tola, quem é que manda no seu destino, não é mesmo? Eu é que já não sou. Portanto, não tenha medo, mesmo que me veja armado. Este é o fim da minha jornada. O ponto final. O último porto do meu barco. O senhor recua porque está assustado? É um medo inútil. Basta alguém encostar um dedo no peito de Otelos para que ele recue. Para onde Otelos deveria ir? Que aspecto você tem agora, desgraçado? Pálida como este lençol! Quando nos encontrarmos para o ajuste de contas, esse seu rosto irá expulsar minha alma do céu para que as fúrias infernais a enlacem. Como você está fria, meu amor! Tão fria como a pureza. Ah, verme asqueroso! Chicoteiem-me, demônios, arranquem meus olhos para que eu não

tenha esta visão celestial! Atirem-me às tempestades, queimem-me no enxofre, banhem-me nos abismos do mar de fogo! Ah, Desdêmona, Desdêmona morta, oh, oh, oh.

*[Entram LUDOVICO, MONTANO, oficiais, IAGO prisioneiro, e CÁSSIO numa maca.]*

LUDOVICO – Onde é que está esse infeliz? Onde é que está esse desgraçado?

OTELO – Aqui está o que sobrou de Otelo. Aqui estou.

LUDOVICO – Onde é que está aquela víbora? Tragam o canalha.

OTELO – Vejo que não tem os pés de cabra, como diz a lenda. Se eu não conseguir matá-lo, é por que você é realmente o demônio.

*[Fere IAGO.]*

LUDOVICO – Arranquem a arma dele

IAGO – Fui ferido, mas não estou morto.

OTELO – Melhor assim. Agora vejo que a morte é uma felicidade.

LUDOVICO – E você, Otelo, antes tão nobre, se deixar cair nas armadilhas de um escravo amaldiçoado! De que nome deveria você, agora, ser chamado?

OTELO – Ora, de qualquer um. De honrado assassino, por exemplo, pois tudo o que eu fiz, fiz por honra, e não por ódio.

LUDOVICO – Este miserável já confessou em parte os seus crimes. Você e ele combinaram também a morte de Cássio?

OTELO – Combinamos.

CÁSSIO – Eu nunca lhe dei motivo algum, general

OTELO – Acredito e peço o seu perdão. Você poderia, eu lhe peço, perguntar a esse demônio por que é que ele enredou assim a minha alma e o meu corpo no seu laço?

IAGO – Não me pergunte nada. Você sabe aquilo que sabe. De agora em diante não direi mais palavra alguma.

LUDOVICO – Nem mesmo para rezar?

GRACIANO – A tortura vai fazer que ele abra a boca.

OTELO – Tem razão, é melhor, ficar quieto (\*) Ah, covarde, assassino! Mas como é que foi ter às suas mãos, Cássio, o lenço que era de minha mulher?

*[\*Falas cortadas de Ludovico, Otelo, Cássio e novamente Ludovico.]*

CÁSSIO – Eu o encontrei no meu quarto, e ele agora há pouco confessou que o deixara cair ali de propósito, como parte de seu plano.



OTELO – Que idiota, que idiota que eu fui!

[\*Fala cortada de Cássio.]

LUDOVICO – É preciso que o senhor saia deste quarto e que nos acompanhe. A partir de agora seu poder e sua autoridade lhe são retirados, e Cássio assume o governo em Chipre. Quanto a este monstro, se houver alguma engenhosa crueldade que possa atormentá-lo muito sem tirar-lhe a vida, que fique sendo a sua pena. Você, Otelo, fica preso até que seu crime seja julgado pelo Senado de Veneza.

OTELO – Um momento. Uma palavra ou duas antes que os senhores se retirem. Prestei bons serviços ao Estado, como todos sabem. Não falemos mais nisto. O que peço, quando estes funestos acontecimentos forem relatados, é que me descrevam tal como sou, sem atenuar e nem agravar nada, sem exagero e nem compaixão. Será preciso então que vocês falem de um homem que, mesmo amando sem sabedoria, amou profundamente, e que, mesmo sem ser ciumento, foi manipulado e enlouqueceu de ciúmes. De alguém cuja mão, como a do nativo ingênuo, atirou longe a mais preciosa pérola por não saber de seu valor. Um homem de olhos submissos, que sem estar acostumado às lágrimas, chora abundantemente como os rios de sua terra natal. Registrem isto, e digam que, uma vez, ao ver um negro perverso espancar um veneziano e ofender a República, esse homem agarrou pela garganta o cão maldito e deu-lhe um golpe assim.

[Apunhala-se.]

LUDOVICO – Que conclusão sangrenta.

GRACIANO – Agora toda palavra é inútil.

OTELO – Beijei você antes, ao matá-la. Minha única saída agora é esta: [Caindo sobre Desdêmona.] ao me matar, morrer beijando-a .

[Morre.]

CÁSSIO – Esse era o meu medo, mas achei que ele estava desarmado. Era um grande coração.

LUDOVICO – [a Iago] Você, cão sanguinário, mais terrível do que a miséria, a fome e o mar! Veja a carga sinistra desse leito: é obra sua. Esse espetáculo envenena a vista. Cubram-nos. Graciano, fique de guarda na casa e confisque as riquezas do Mouro, pois elas agora lhe pertencem, como herdeiro que é. Ao senhor, nobre governador, cabe o julgamento deste verme. Determine o lugar, a hora e a espécie de tortura de que deve padecer. Faça que a lei se cumpra. Quanto a mim, embarco imediatamente e, com o coração sombrio, vou relatar ao Estado esta sombria ocorrência.

FIM

Bruno Perillo em "Otelo"



# FICHA TÉCNICA



Paulo Bordhin em "Otelo"

|                          |  |
|--------------------------|--|
| AUTOR                    | WILLIAM SHAKESPEARE                          |
| DIREÇÃO GERAL            | MARCO ANTONIO RODRIGUES                      |
| TRADUÇÃO                 | MARIA SÍLVIA BETTI                           |
| DRAMATURGISTA            | REINALDO MAIA                                |
| DIREÇÃO MUSICAL          | DAGOBERTO FELIZ                              |
| CENÓGRAFO                | ULISSES COHN                                 |
| ASSISTENTE DE CENOGRAFIA | FLÁVIO TOLEZANI                              |
| FIGURINISTA              | ATÍLIO BELINE VAZ                            |
| CONFECÇÃO DE FIGURINOS   | AURORA, EUDA, JUDITH e NAZARETH              |
| CONFECÇÃO DE CENÁRIOS    | JORGE LUIS e MATHEUS                         |
| PREPARAÇÃO CORPORAL      | RENATA ZHANETA                               |
| ASSISTENTE DE DIREÇÃO    | CACAU MERZ                                   |
| ASSISTENTES DE FIGURINOS | ADRIANA CHUNG e GISELE SENA                  |
| CRIAÇÃO DE LUZ           | ERIKE BUSONI                                 |
| OPERADOR DE LUZ          | MARCELO ATAÍDE                               |
| EDIÇÃO DE SOM            | ZECA RODRIGUES                               |
| OPERADOR DE SOM          | PAULO PRADO                                  |
| CONTRA REGRA             | BIRA NOGUEIRA                                |
| ADEREÇOS                 | ADRIANA CHUNG, BIRA NOGUEIRA e CESAR REZENDE |
| ROUPA MUTILADO           | MARCO LIMA                                   |
| BILHETERIA               | NILMA AZEVEDO                                |
| LIMPEZA                  | EDLEUZA DANIEL                               |
| PORTARIA                 | JORGE LUIS                                   |
| DESIGN GRÁFICO           | HIBRIS DESIGN                                |
| FOTOS                    | JOANA MATTEI / HIBRIS FOTO / ALE NEVES       |
| DIREÇÃO DE PRODUÇÃO      | PATRÍCIA BARROS e ALEXANDRE BRAZIL           |
| ASSISTENTE DE PRODUÇÃO   | LAURA BEATRIZ                                |
| REGISTRO DO PROCESSO     | RENATA LEMES                                 |
| ESTAGIÁRIO DE PRODUÇÃO   | ROBSON CUPERTINO                             |
| ASSESSORIA DE IMPRENSA   | MANOEL CARLOS JR.                            |
| REALIZAÇÃO               | FOLIAS D'ARTE                                |



ELENCO

Juliana Balseobre em "Orelô"



|                    |                     |
|--------------------|---------------------|
| AILTON GRAÇA       | Otelo               |
| ATÍLIO BELINE VAZ  | Graciano            |
| BRUNO PERILLO      | Miguel Cássio       |
| CARLOS FRANCISCO   | Montano             |
| DAGOBERTO FELIZ    | Dodge               |
| FLÁVIO TOLEZANI    | Rodrigo             |
| FRANCISCO BRÊTAS   | Iago                |
| JULIANA BALSALOBRE | Bianca              |
| NANI DE OLIVEIRA   | Emília              |
| PAULO BORDHIN      | Brabâncio           |
| RENATA ZHANETA     | Desdêmona           |
| ROGÉRIO ROMERA     | Ludovico            |
| VAL PIRES          | Guarda e Marinheiro |

#### AGRADECIMENTOS

Adilson Prado, Alvaro Franco, Ana Bela Pontes, Ana Cristina Silveira, Ana Luiza Passoti Damasceno, Ana Magalhaes, Ana Maria Araujo, Ana Thomas, Antonio Araujo, Antonio Carlos, Antonio M. De Barros Leite, Benedito Sverberi, Bete Correia, Beto Esaki, Bruna Bianca, Bruno Guida, Bruno ZanettaCarla Toledo, Carmen Cammarata, Cel. Angela Dimazio Godoy Vasconcelos, Christian Castrén, Claudio Roberto Tassinara, Dani Monteiro, Denise Stéfano Dos Santos, Donato Cabral Garofano, Dothi Polesso, Dudu Coelho, Efren Colombani, Elaine De Souza, Eliana Alves, Elisabeth Ferrarini Do Amaral, Elson J. Da Silva, Érica Naomi Taguti, Ernesto, Faber Lobo, Fabio Saltini, Fernanda (Justin), Fernanda Nunes, Fernando Daparte (Gaita Galega), Fernando Nitsch, Fernando Parreira, Flávio Luiz C. Godinho, Franco Negretti, Gabriella Argento, Giseli Valeri, Guilherme Rossi, Jair De Castro, Jamir Roberto Boletta, Jeferson Gomes, Joao Carlos Becrei, Jose Eduardo Amarante, Jucelene Paruta Stefanuto, Júlia Gaspar, Juliana Garcia, Julio Diego, Katia Naiane, Karin Frutig, Lais (N.Y.Looks), Lais J. Valente Merz, Leila Coelho, Lelia Cheque, Lena Alves, Leo Pelliciani, Leopoldo Rodrigo P. Teixeira, Ligia Cortez, Ligia e Sr. Gilson (Piraquê), Ligia Ruiz, Lilian Sarkis, Luciana Lisboa, Luciana Pereira Figueiredo, Luis De Moraes, Luis Fuganti, Marcos Barisson, Maria De Lourdes Ferreira Nogueira, Mario Masetti, Mário Yoshiaki, Maristela Igaya, Mauro Bento Frigerio, Meire (Ventisilva), Nelsinho Ribeiro, Neusa Miranda, Nilta Murcelli, Paola Bueno Correia, Patrícia Estevan, Paulo Grecco, Pedro Figueiredo, Renato Montone, Ricardo Laiza, Riva Baroni, Roberto Aranha, Rosangela Santos, Sidney Santos, Silvia Regina A. Moreira, Sociedade Hispanico – Brasileira De São Paulo (Casa De Espanha), Tadeu De Souza, Tatiane Brandao, Tato Corbetti, Tita Dias, Unibes, Valdir Oliveira, Valdir Rivaben, Vany Alves, Yvone Morozetti.

O Foliás agradece especialmente a Edna Ligieri, Alberto Miranda, Antonio Carlos Antunes Gilberto Mendes – Ideológica, Lilian Teixeira e Vicente Cândido.



# CONCEPÇÃO MUSICAL

*Por Dagoberto Feliz*

**Rogério Romera em "Otelo"**

Quando chega à mão de um músico uma obra do porte de Otelo de Shakespeare vêm à tona vários conceitos que necessitam ser revistos.

A função da Música na encenação deste Otelo, de Marco Antonio Rodrigues, mantém a estética que permeia todos os trabalhos do Folias d'Arte – a junção do popular e do erudito que é também a função que permeava, muito provavelmente, as encenações na época de Shakespeare.

Num momento da História da Humanidade (logo após Shakespeare) alguns, supostos inovadores, resolveram, por interesses não muito esclarecidos até hoje, separar os vários segmentos artísticos... então vai a Música para um lado... o Teatro para outro... a Dança para um outro ainda... e as Artes Plásticas... enfim...

Por não concordarmos com esta divisão burguesa é que o Folias pretende sempre reunir essas partes em um todo artístico...

Especificamente dentro da área musical não optamos por uma reconstituição fidedigna mas sim pela inclusão de momentos musicais na forma popular de encenação da época.

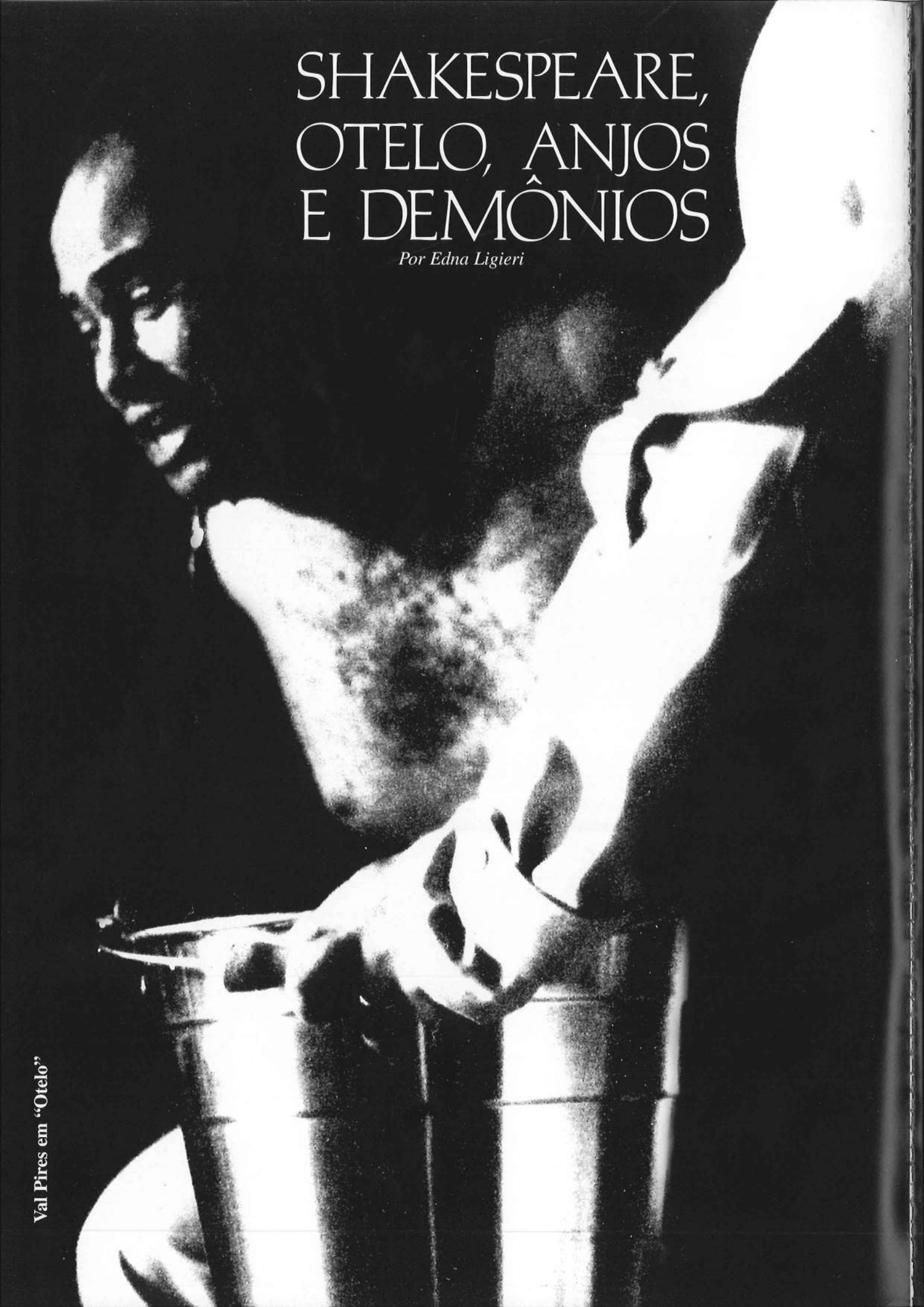
Não há... por opção ... um padrão inglês... ou francês... ou alemão... ou quiçá marciano... por isso convivem bastante bem acordeon, gaita galega, crumhorn alemão, violão industrializado e percussões artesanais brasileiras paulistanas... bem como... uma pavane e um tourdion franceses, uma composição feita para o espetáculo, uma canção russa de trabalho, um virelais de autor anônimo e quem sabe o que poderia surgir...

Não se trata tampouco de uma colcha musical aleatória de retalhos... lembrando que uma colcha de retalhos deve ser vista por completo... desde sua autoria... qual a melhor posição na cama... se ela esquenta... ou só enfeita... como enquadrar as formas geométricas... que cores devem ser utilizadas... se ela foi feita para ser vendida ou para ser dada de presente.... enfim.... pensemos na colcha... não nos retalhos...

No caso de Otelo acaba sendo também uma mistura.... é um presente vendido para o espectador... mas com todas as nossas discussões, e conseqüentemente, opiniões estéticas inclusas.

A nossa obra final tem vários autores, desde a Euda que costurou as nossas cortinas até o público.





# SHAKESPEARE, OTELO, ANJOS E DEMÔNIOS

*Por Edna Ligieri*

Otelo é uma das mais difíceis obras do grande dramaturgo inglês. Otelo trata de questões como racismo, poder, luxúria, crime passional e a luta entre o bem e o mal.

Foi baseada na Novela de Giraldi Cinthio que viveu entre 1504 e 1573. Shakespeare fez muitas mudanças como trocar todos os nomes, menos o de Desdêmona, mudar o caráter de Iago, dar importância ao papel de Emília e fazer de Otelo um personagem de concepções elevadas.

Otelo foi apresentada pela primeira vez no palácio Whitehall, a 1º de novembro de 1604, perante o Rei James I.

Não é uma peça sobre reis e rainhas. É uma tragédia comum e particular. Todos os dias, em todas as épocas, os meios de comunicação divulgam casos de crimes por ciúmes. Mas o talento de William Shakespeare faz esta história especial.



Otelo é uma peça onde nada é o que parece ser. O General negro que vence o racismo e governa os homens brancos, fato inconcebível para a época, demonstra controle e bom senso, mas se deixa levar pelos rumores malévolos de Iago, perdendo totalmente o controle de seus atos. O estadista aristocrata feito de dignidade e glória sucumbe a uma fraqueza humana: o ciúme sexual.

Iago, chamado de honesto inúmeras vezes durante o desenrolar da trama, mostra-se o próprio demônio, criando discórdias, inventando mentiras e acima de tudo, deleitando-se com a maldade.

Desdêmona é a grande vítima da trama. Considerada casta e totalmente pura em todos os sentidos, uma jovem que desafia os costumes da época e enfrenta a oposição de seu pai Brabâncio para desposar um general negro; forte, envolvida nas questões políticas e clara influenciadora de Otelo, conforme mencionado por Iago, termina por ser rotulada de adúltera e infiel e morre pelas mãos do homem que amou tão verdadeira e incondicionalmente que o encobre em seu crime e o exalta em seus últimos momentos de vida.

Num mundo cheio de falsidades e falsas aparências, será que em algum momento sabemos a verdade? A trama de Otelo nos amedronta e mantém os olhos e os ouvidos do público em constante alerta. Se Otelo, o grande general, perde o controle, o que acontecerá conosco? A vulnerabilidade de Otelo nos faz ver a nossa própria vulnerabilidade.

Otelo está entre o anjo, Desdêmona, e o demônio, Iago. Iago e Otelo possuem uma cumplicidade que faz com que o general não procure a verdade de Desdêmona. Uma simples pergunta que nunca foi feita. A vítima inocente não teve oportunidade de se defender a não ser em seus últimos momentos de vida quando o desfecho era inevitável. Otelo confia em Iago e porque não? Lutaram juntos, mataram juntos, sonharam juntos. Num tempo de guerras e conquistas os homens passavam muito tempo longe de tudo e todos que lhe eram caros, podendo apenas usufruir as suas grandes amizades por outros homens. Otelo não desconfia de Iago. Sua relação com o subordinado é mais forte que a desconfiança.

A tragédia é de Otelo, mas a peça é de Iago. Não há nenhuma comicidade na narrativa inteira apesar de a malícia e a maldade das tramas de Iago provocarem risos na platéia.

Iago procura justificar seus atos sugerindo que ser preterido para uma promoção por Cássio mostra a injustiça de Otelo para com ele. Além disso, sugere que o General o tenha traído com sua mulher Emília. Há ainda a desconfiança de que Iago esteja atraído por Desdêmona ou por Otelo. Mas a verdade é que ele não precisa de motivos. Muitas vezes deixamos de acreditar que um ser humano possa ser malévolo por natureza. Assim é Iago. Ele decidiu destruir Otelo e ponto. Shakespeare, o primeiro a criar um personagem psicopata, descreve perfeitamente o funcionamento dessa mente brilhante que usa sua inteligência a favor do mal. O demônio é charmoso, atraente, sem consciência e extremamente sedutor.

Iago é o único a agir nessa trama. Todos os outros personagens reagem às suas ações.

A trama, como sempre nas peças de Shakespeare, é extremamente simples. Um lenço, perdido por Desdêmona e inteligentemente usado por Iago, transforma-se na prova de sua infidelidade. O que torna a peça tão interessante e grandiosa é a complexa natureza de seus personagens e a forma como a trama é conduzida.

Cenas longas são vividas em locais fechados tornando a atmosfera claustrofóbica, que vai se fechando cada vez mais à medida que os pensamentos de Otelo tornam-se estreitos. Desdêmona não pode respirar e é sufocada pela fantasia de seu marido mais do que por suas mãos.

Os discursos de Otelo são pura música e não sem motivo essa peça foi transformada em Ópera de grande sucesso. Sua dor é solitária e grandiosa. Podemos beber de suas palavras e até desculpá-lo pelo seu crime. A vulgaridade do crime passional cede lugar ao romantismo. Otelo mata Desdêmona por justiça e por amor. Para ele, Desdêmona merece morrer. Mas, seu mundo desaba junto com ela.

Apesar do castigo que cai sobre Iago, ele cumpre seus propósitos e é o grande vencedor. Conseguiu destruir Otelo.

William Shakespeare nasceu em Stratford-Upon-Avon em 1564, morreu em 1616 e é inegavelmente o autor mais lido e representado no mundo inteiro. Muito ao contrário do que muitos pensam, ele não é um escritor clássico com obras dirigidas aos intelectuais. Shakespeare escreveu para o povo e seu talento reside na construção de seus personagens tão humanos e verdadeiros que, após quatro séculos, podemos encontrá-los em todos os setores da nossa sociedade.

Seu pai era um fabricante de luvas e não existe nenhuma prova de que ele tenha freqüentado a escola. Casou-se em 1582 com Anne Hathaway, oito anos mais velha que ele e que segundo o registro de nascimento de sua primeira filha Suzanna, estava grávida na época do casamento. Dois anos depois do nascimento de Suzanna, nasceram os gêmeos Hamnet e Judith.

Pouco se sabe de sua vida a não ser o que dizem os registros de Stratford e muito se tem especulado sobre ela. Uma obra tão grandiosa faz com que os intelectuais queiram ligar fatos de sua vida aos seus personagens ou às suas tramas. A verdade é que nada pode ser provado.

Hamlet é o seu personagem mais complexo e há quem diga que seria necessário ter mais erudição e aristocracia para criar o complexo pensamento do personagem. Como a peça foi encenada quatro anos após a morte de seu único filho Hamnet, aos doze anos, há a crença de que os grandes monólogos filosóficos sejam fruto do grande sofrimento do seu criador. Também há indícios de que Shakespeare atuou como o fantasma do pai de Hamlet criando assim fantasias em torno do fato, como se ele quisesse se comunicar com o filho através da peça, invertendo a situação (na peça é o pai que está morto e o filho vivo).

Alguns biógrafos querem somente explorar os detalhes mais obscuros de sua vida e dão ênfase aos versos dedicados romanticamente ao Conde de Southampton, sonetos onde o poeta descreve seu amor de maneira muito diferente da utilizada nas tradicionais poesias de amor. Ele manifesta seu amor pelo jovem nas formas



mais variadas. Fala da beleza de seu amigo e insiste para que ele se case e tenha filhos para perpetuar aquela beleza depois de sua eventual morte. Na seqüência, fala de seu desapontamento por ter sido abandonado por seu amigo e que ele não correspondia ao seu amor. Diz ainda que foi trocado por outro poeta. Mais adiante, parece que o amor retorna, refletindo uma aparente reconciliação entre os dois. Os Sonetos terminam com a repetição da exaltação à beleza do jovem cavalheiro.

Outros Sonetos falam da “Dark Lady” ou Dama Escura, de pele escura e, metaforicamente, moral escura que trocou o amor do poeta pelo amor por outro homem. Ele reclama que ela não só o traiu como o fez com seu amigo, deixando-o abandonado por seus dois amores.

Não existe nenhum indício de que os amores relatados nos sonetos sejam reais, mas o fato de não se conhecer quase nada a respeito da vida do grande gênio faz com que as especulações criem toda a sorte de conexões.

As mulheres, na época renascentista, não podiam representar e, portanto os papéis femininos eram vividos por rapazes na puberdade. Talvez por esse motivo há poucos papéis femininos nas peças de Shakespeare, porém, as mulheres retratadas pelo dramaturgo eram fortes, vibrantes e influentes. Julieta, Ofélia, Desdêmona, Cleópatra, Lady Macbeth (cujo primeiro nome era Grouoch), Catarina, Hermione, são personagens muito além de seu tempo deixando uma marca indelével nas mentes daqueles que as conhecem.

Os personagens masculinos são igualmente admiráveis: Hamlet, Romeu, Otelo, Macbeth, Marco Antonio, Julio César, Iago, Caliban, Ricardo III, Rei Lear e tantos outros são ouro puro como material para diretores e atores através dos tempos.

O Teatro na era Elisabetana era representado ao ar livre, durante o dia e não tinha quase nenhum cenário. É muito freqüente encontrar citações nas peças de Shakespeare para dizer que é noite, dia, que está chovendo ou que faz sol. Que maravilha poder tornar essa obra ainda mais atraente com a utilização de cenários, iluminação e todos os recursos que possuímos em nossos dias.

Segundo Peter Brook, todos os ingredientes para uma receita de sucesso estão presentes nas peças de Shakespeare: duelos, batalhas, coroações, julgamentos, traições, suicídios, festas, funerais, sexo, assassinatos, casamentos, vinganças, ciúmes, inveja e luxúria. Nenhum outro autor deixou um conjunto de obras tão fantástico.

Os Sonetos, assim como as peças de Shakespeare oferecem uma experiência que transcende as discussões a respeito de sua vida. Os grandes amantes de Shakespeare não se importam se ele viveu neste ou naquele lugar, se amou homens ou mulheres, se era rico ou pobre. O mais importante de tudo isso é o seu grande legado.

Se considerarmos cuidadosamente, as peças de Shakespeare podem nos ajudar a compreender melhor o ser humano. Não há uma só característica humana que não tenha sido utilizada por ele na construção de seus personagens que possuem qualidades e defeitos, tornando-os extremamente verdadeiros. Com sua grande habilidade ele colocou em suas peças o mundo inteiro com todas as suas contradições, contrastes e problemas.

Tudo o que se deduz sobre ele vem de seu trabalho, sem dúvida nenhuma uma obra prima. Suas doutrinas, políticas ou sociais, permanecem desconhecidas e ele fascina, em parte porque representa o mistério atrás da própria criação – o mago que desaparece em uma cortina de fumaça depois de conjurar criações maravilhosas que são mais reais do que ele próprio.

“Não impeça o movimento que Shakespeare vai fazer em direção ao seu íntimo, à sua alma, porque ele vai tocá-lo lá, se você se deixar tocar.” David Suchet



A black and white profile photograph of a woman, Renata Zhaneta, looking towards the right. She has dark hair pulled back and is wearing a necklace with a large, light-colored pendant. The background is dark.

# O OTELO DO FOLIAS

*Por Iná Camargo Costa*

Renata Zhaneta em "Otelô"



Se o nosso mundo dos espetáculos fosse sério, desde que Orson Welles filmou o Otelo qualquer produção teatral da peça antes de mais nada dialogaria com esta realização. Para quem não viu o filme, basta lembrar que ele começa pelo fim, mostrando o enterro de Otelo e Desdêmona e a prisão de Iago, que aparece suspenso em uma gaiola. A câmera fecha em seu

rosto, indicando que assistiremos à história em forma de flashback determinado por seu ponto de vista. Isto define a adoção da forma épica por Orson Welles.

Sem querer fazer um balanço de experiências brasileiras anteriores, é pelo menos imperativo saudar esta experiência do Folias D'Arte como aquela que finalmente realizou a proeza de dialogar com o filme. Isto para começo de conversa.

Por outro lado, é preciso também lembrar aos desavisados que o grupo evolui em permanente processo de pesquisa e reflexão sobre o teatro e faz parte de suas preocupações examinar sempre as contribuições de Stanislavski e Brecht. Também neste capítulo a encenação do Otelo vem a calhar, pois os dois diretores deixaram escritos sobre a peça. No caso do primeiro, há longas considerações sobre tudo o que os atores (e por consequência o público) precisam levar em consideração numa montagem das desventuras do “mouro de Veneza”. Por exemplo: é dele o aviso de que precisamos entender o desastre a que este foi levado no quadro daquela preconceituosa sociedade que, com o nariz tapado, foi obrigada a relevar um casamento indesejável porque precisava dos seus bons serviços militares. Brecht, por sua vez, deixa claro que o próprio comportamento desequilibrado do personagem tem explicação materialista na rede de relações de propriedade e de ambição por postos numa sociedade que ensaia seus métodos básicos de dominação: das armas, que Otelo sabe manipular, aos jogos de interesse que ele não teve tempo de aprender, até porque é um trãnsfuga.

Mas é Brecht que também avisa ser obrigatório ao espetáculo responder a alguma questão do presente – ou então ele não interessa.

Para atender a este quesito, além de trazer Iago à plena condição de narrador e comentarista da evolução dos episódios (que ele já tem no texto de Shakespeare mas a tradição



dramática extirpou por não suportar as suas entradas épicas), o espetáculo do Foliás recorreu à sua experiência habitual: a música como enquadramento épico em geral e como comentário crítico da evolução da história. Assim é que, entre outros lances que o público julgará por si mesmo, temos um prólogo no qual New York, New York acidamente situa um desfile de mutilados, loucos, viciados e assim por diante na Veneza-a-capital-do-capital dos dias de hoje e The End (The Doors) lembra que Chipre já foi também o Vietnã e agora pode muito bem ser o Iraque.

Afinal, ao montar Otelo o pessoal do Foliás quer avisar que é disto mesmo que se trata. Ao invés de continuar na tradição dramática de cultivar a empatia cafajeste pela “desgraça” de um general tão mercenário quanto os soldados de Bush, examinemos como um especialista em alpinismo social (Iago) manipula a insegurança dos menos experientes em intrigas de corte e, em lugar de lamentar a fragilidade de uma esposa fiel (?), meditemos sobre o destino de mulheres encantadas com façanhas de guerra que só servem para dar corda a espíritos belicosos.







## *Sobre a Ideológica*



A Ideológica Informática nasceu em 1995, e desde sua constituição tem o objetivo de oferecer às pequenas e médias empresas um conjunto integrado de soluções em informática.

Atuamos nas áreas de suporte técnico, desenvolvimento de software e licenciamos sistemas em regime de locação.

Em 1998 a Ideológica Informática ingressou no programa Microsoft Solution Provider, ( atualmente Microsoft Certified Partner Program ) que certifica as empresas que se destacam no uso e desenvolvimento de aplicativos sobre a plataforma Microsoft.

### Nossos Diferenciais:

- O foco no atendimento de alta qualidade às pequenas e médias empresas.
- A abordagem de consultoria, que avalia as necessidades dos clientes em um contexto mais amplo.
- O investimento no relacionamento e no estabelecimento de parcerias de longo prazo.
- A valorização do ser humano e da qualidade de vida das pessoas: clientes e colaboradores.

Convidamos você a conhecer um pouco mais de nossa empresa, em nosso website: [www.ideologica.com.br](http://www.ideologica.com.br)

## *Apoio à Cultura*

A Ideológica apóia as iniciativas culturais, em particular o teatro e a música, e vê no apoio à cultura uma das mais importantes formas de contribuição social.

Ao longo do tempo, tivemos o privilégio de apoiar às seguintes companhias:

- **Grupo Folias d'Arte**, na peça Otelo, de William Shakespeare.
- **Casa da Arte Fora do Sério**, nas peças "A história do barquinho" de Ilo Krugli e "O auto da barca do Inferno" de Gil Vicente (2003).
- **Companhia Círculo dos Comediantes**, nas peças "O beijo no asfalto" e "Valsa número 6" de Nelson Rodrigues (2002).
- **Reis sem castelo**, nas peças "Drink" e "Drink 2", de Edna Ligieri (2000 e 2001).



## *Ação Social*

Somos, como empresas e indivíduos, responsáveis e agentes de mudança na sociedade.

A Ideológica incentiva iniciativas sociais entre seus colaboradores, como forma de crescimento humano, para que contribuam com seu tempo e atenção para instituições sociais.

Também realizamos um trabalho de informatização social apoiando a ImageMagica, organização sem fins lucrativos que leva a fotografia aos jovens, permitindo que eles possam observar o mundo de outra forma, e que se percebam como agentes de transformação na sociedade.



Desenvolvemos o sistema que gerencia os padrões de atividades e os aspectos financeiros e operacionais desta entidade.



# APOIO CULTURAL



PROGRAMA MUNICIPAL  
DE FOMENTO AO TEATRO  
PARA A CIDADE DE SÃO PAULO  
LEI 13.279/02



Stage  
Luz e magia



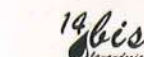
VIZZANO



VELAZQUEZ



UNIBES



Harmony Motel



Ideológica



Impressão Digital de Qualidade Certa. No Prazo Certo.  
11 4133-2500